

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 4 DE MARÇO DE 1968 N.º 16 596 ANO 48.º UM ESCUDO

DECOR

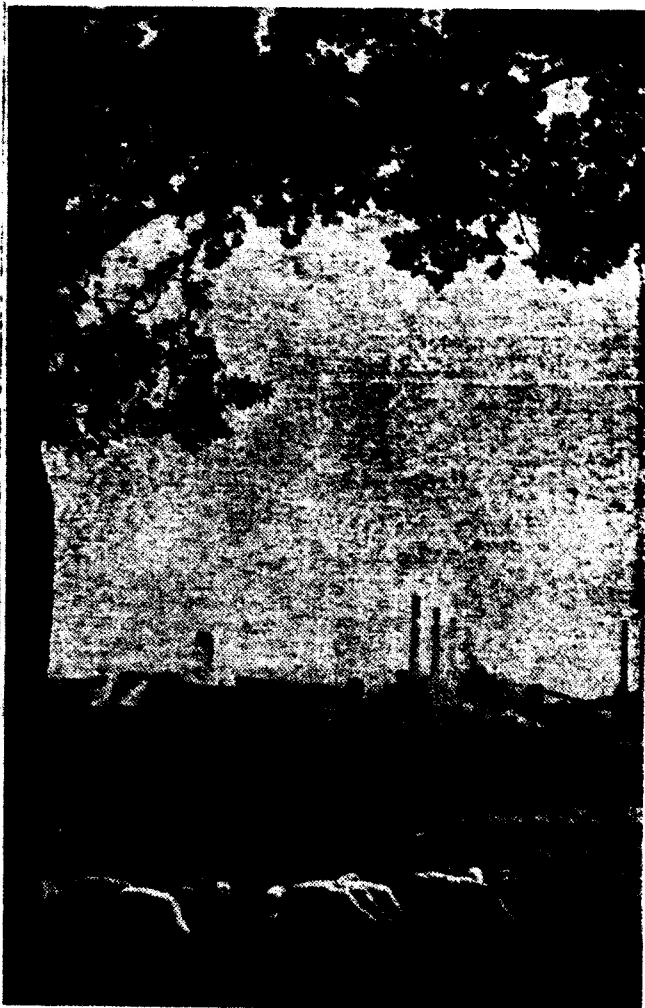
A MELHOR DECORAÇÃO

AV. ALVARES CABRAL, 46 — LISBOA

POSSÍVEL AVISO DE NIXON À U. R. S. S.

WASHINGTON, 4 — (R.) — A declaração do presidente Nixon de realizar esta noite uma conferência de imprensa provocou especulação sobre um possível aviso à União Soviética acerca dos riscos de uma confrontação entre o Leste e o Oeste por causa de Berlim. A conferência, durante a qual o presidente comentará a sua viagem à Europa Ocidental, devia inicialmente efectuar-se depois de amanhã, dia a seguir à planeada eleição presidencial alemã em Berlim-Oeste.

Contudo, sem exploração.
(Continua na última página)



A carne e o aço: as riquezas do Luxemburgo

ALGURES
NO
MUNDO

um repórter do
Diário de Lisboa

Como vive um país pequeno

por Mário Zambujal

LUXEMBURGO — Está um friozinho de catorze graus negativos na branca manhã em que chego à capital do Grão-Ducado do Luxemburgo, um minúsculo país de 2586 quilómetros quadrados (metade do Algarve) em que as distâncias extremas são de 82 quilómetros (norte-sul) e 57 quilómetros (este-oeste). Tudo está coberto de neve e cai mais neve. Tomo conhecimento de que foi cortado o tráfego em algumas estradas, especialmente para o Norte, onde vive parte da colónia portuguesa. Os trabalhos na construção civil, em que se empregam muitos outros nossos compatriotas, estão suspensos devido ao frio.

Não se trata na realidade de um problema greve. Mais ou menos rigorosos, os invernos trazem sempre as baixas temperaturas, o gelo, o nevoeiro, as momentâneas paralizações em alguns

sectores do trabalho. Não será isso que afectará o nível económico deste pequeno Estado europeu, cuja população é menos de metade da de Lisboa: cerca de trezentos e trinta mil habitantes, dos quais cinquenta mil são estrangeiros.

Os portugueses são cerca de três mil. Este

número é, evidentemente, muito menor do que se observa noutros países — nomeadamente na França e na Alemanha — para onde a mão-de-

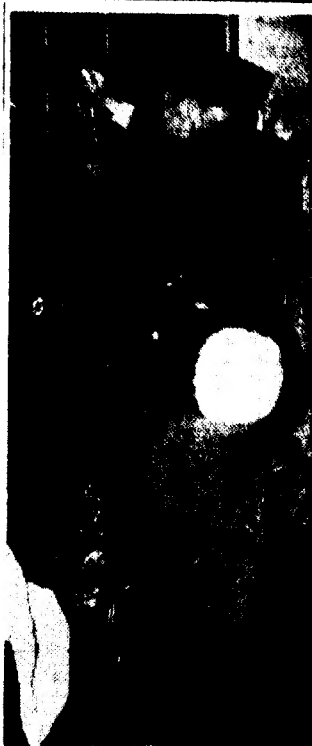
(Continua na pág. seguinte)

Descida na Lua em Junho (prevê o general Philips)

CAPE KENNEDY, 4 — (F. P.) — «Creio que aumentaram nitidamente as nossas possibilidades de sermos os primeiros a pôr pé na Lua» — declarou ontem em Cape Kennedy o dr. Wernher von Braun, «pai» do superfoguetão «Saturno 5», portador da nave «Apolo 9».

«Com efeito» — precisou pelo seu lado o general Samuel Philips, director do programa «Apolo» — «É possível que a N. A. S. A. decida suprimir a fase constituída pela experiência da «Apolo 10», durante a qual o «Módulo Lunar» deveria ser colocado em órbita muito baixa (16 km) à volta da Lua, para passar directamente ao programa do voo da «Apolo»

(Continua na 11.ª página)



Com 72 anos de idade e 43 de profissão, este é o sr. Casimiro — o mais velho guarda-nocturno de Lisboa e figura popular entre os seus colegas, como entre os noctívagos da batra velha lisboeta. Homem de muita vida e de muitas histórias, vai a caminho das suas 17 000 noites de Lisboa — e, por uma destas noites, ele falou-nos da sua vida e contou-nos algumas das suas histórias. (Ler reportagem de JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS na pág. 7)

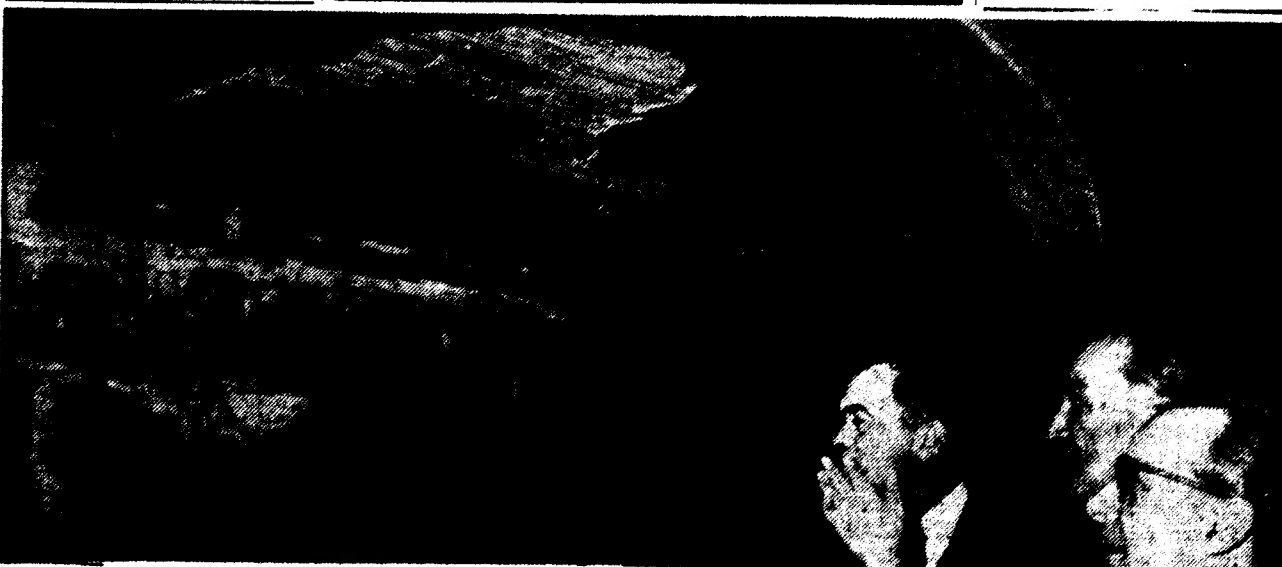
O SUBSTITUTO DE COLUNA SÓ SERÁ CONHECIDO MINUTOS ANTES DE COMEÇAR O 3.º BENFICA-AJAX

Em Versailles, o Benfica aguarda o embate com o Ajax, que vai acarretar amanhã para o Estádio de Colombes, uma multidão que, há cerca de duas semanas, jamais imaginaria estar a um passo de ser contemplada com um jogo de futebol de alto nível: coisa que se tornou fugaz para os parisienses.

Dos dois lados em despique, Otto Glória e Rinus Michells aparentam confiança. E, esperança, muito embora (no caso português) a ausência de Mário Coluna crie um problema de difícil solução. Um problema que tem duas soluções: Jacinto ou José Augusto. Qual jogará no meio-campo benfiquista? Otto só amanhã decidirá.

Por seu turno, Michells alardeia um estado de espírito vizinho da euforia: para o técnico holandês, o resultado obtido na Luz veio provar que as possibilidades dos dois grupos são idênticas.

Na página 21, incluímos desenvolvido serviço especial sobre a sensacional partida.



Dois ministros (da Saúde e das Obras Públicas) estiveram esta manhã nas velhas instalações do Hospital de S. José que mais sofreram com o sismo, obrigando à transferência de 377 doentes para outros locais. «Vão ser tomadas mais providências», — prometeram. (Ler notícia na página 20)

HOJE 28 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

LUXEMBURGO o "anão de aço"

Como vive um país pequeno

(Continuação da pág. anterior)

-obra nacional se tem esvaído de há alguns anos e esta parte Mas há que ter em conta as dimensões geográficas e populacionais do Grão-Ducado, que conferem à presença desses três milhares de portugueses, uma relativa importância. Afinal de contas, e em números redondos, constata-se que é portuguesa uma de cada cem pessoas que vivem no Luxemburgo.

CADA LUXEMBURGUÊS «PESA» TREZE TONELADAS (DE AÇO)

Como é possível a um país de tais dimensões não só viver seguro na sua in-

dependência, como ocupar lugares de vanguarda em todos os índices de prosperidade?

Efectivamente, as estatísticas mostram que o Luxemburgo iguala, ou mesmo supera, as sociedades europeias economicamente desenvolvidas, nos números que habitualmente definem o nível de vida das populações. Assim, desde o automóvel (aqui um por cada cinco habitantes!) ao consumo de carne, de leite de energia eléctrica e à média de divisões por habitação, o Grão-Ducado afirma-se com um desenvolvimento que o coloca entre os mais prósperos países da Europa.

Esta riqueza advém-lhe, essencialmente, da siderurgia. A produção anual de aço é da ordem dos 4,5 milhões de toneladas, o que equivale a 13,5 toneladas por habitante, número cuja

ALGURES NO MUNDO

um repórter do Diário de Lisboa

MÁRIO ZAMBUJAL

importância melhor se compreenderá se tivermos presente que as industrializadas nações vizinhas (Alemanha, Bélgica e França) não atingem uma tonelada por habitante.

Foi-me proporcionada uma visita a uma das grandes fábricas da ARBED (Aciéries Réunies Burbach Esch Dudelange) em Esch-sur-Alzette, a cerca de vinte quilómetros da cidade do Luxemburgo. A ARBED que tem como principal sociedade a Société Générale Belgique, possui quatro gigantescas fábricas, e a sua produção anual é de quatro milhões de toneladas, cerca de noventa por cento do total do país. O Luxemburgo exporta cerca de setenta por cento desta produção.

«A nossa indústria siderúrgica está em crise» — disseram-me, no entanto. Essa crise deriva de uma progressiva concorrência. Outros países estão a apetrechar-se neste sector e verifica-se, actualmente, uma mais rápida evolução da oferta do que da procura.

No entanto, os luxemburgueses precaveram-se a tempo contra os riscos de uma indústria virada para um só sector. Riscos que são evidentes: qualquer crise nessa indústria significa a crise do próprio país. Daí que o Grão-Ducado procure, de há alguns anos para cá, novas fon-

tes de prosperidade. A abertura das portas aos capitais estrangeiros, para uma política de diversificação e reconversão industriais, atraiu especialmente os americanos, que viram assim a oportunidade de entrarem nos domínios da Benelux — a associação económica formada pelo Luxemburgo, a Bélgica e a Holanda — conseguindo, assim, mais uma penetração no Mercado Comum.

HELICÓPTEROS PARA SULFATAR AS VINHAS

Dez por cento da população activa trabalha na agricultura, mas as autoridades luxemburguesas esperam que em breve essa percentagem esteja reduzida a metade. Isso resulta de um constante esforço de mecanização, que nas mais apetrechadas indústrias, como pode veri-

ficar na ARBED, atingiu grande desenvolvimento no automatismo e na electrónica.

A agricultura beneficia dessa preocupação de mecanizar, e é elucidativo o facto de haver a média de um tractor por 16 hectares de terra cultivada. No vale do Mosela, a região vinícola, as vinhas são sulfatadas com helicópteros.

Apenas cerca de metade do solo luxemburguês tem sido aproveitamento agrícola, mas procura-se desenvolver a produção nas terras do Norte. Ali tem sido largamente aplicado um fertilizante que os agricultores locais podem comprar a um décimo do preço a que sai para o estrangeiro.

Ao fim e ao cabo, é verdade que tudo isto junto não passa de uma «grande herdade», mas, afinal de contas, são pouco mais de trezentas mil pessoas a comer as batatas, o pão e a carne. E até dá para exportar. Assinale-se, aliás, que o sector agrícola está especialmente orientado para a criação de gados, cujo valor é de cerca de oito vezes maior que o do produto vegetal.

Está muito desenvolvida a indústria dos laticínios, e o próprio leite é um valor de exportação. Existem modernas centrais para preparação e acondicionamento do leite, e numa dessas unidades encontram-se, em missão permanente de vigilância e inspecção, dois soldados dos Estados Unidos. Razão: vai do Luxemburgo grande parte do leite que consomem as tropas americanas estacionadas na Alemanha.

Membro do Mercado Comum e de outras associações económicas internacionais, o Luxemburgo é, ainda, a actual sede da N. A. T. O., embora não tenha, praticamente, forças armadas.

É TUDO «LOGO ALI»

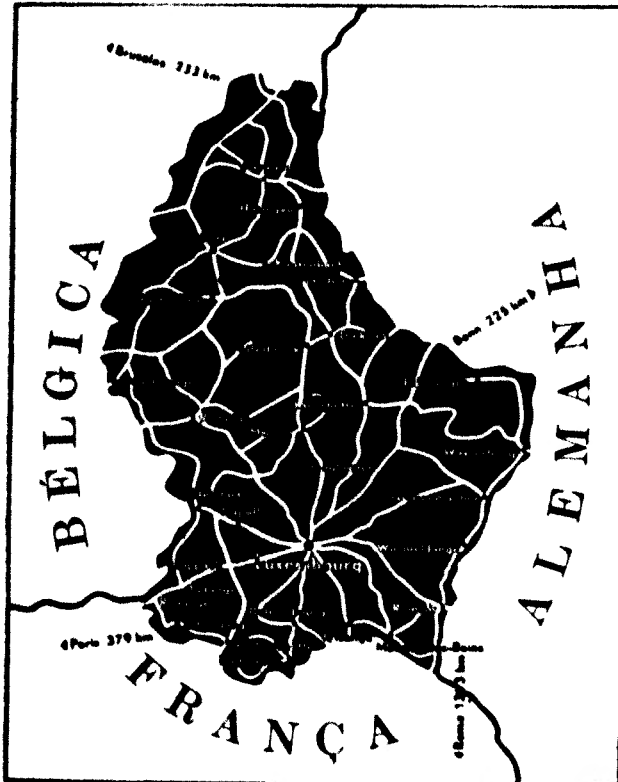
O meu cicerone numa viagem através do Grão-Ducado disse-me, a certa altura: «Se quer ir ao estrangeiro é só escolher: estamos a cinco quilómetros da fronteira com a França, a vinte da Bélgica, a trinta da Alemanha».

Esta pequenez geográfica marca a vida do Luxemburgo. Terá inconvenientes, mas também tem grandes vantagens, pois a maioria dos problemas também são à escala do país. Fácil lhe será ter boas ligações por estrada ou via férrea, pois todas as distâncias entre as localidades não vão além das dezenas de quilómetros. Por outro lado, quase todas as pessoas se conhecem e os problemas individuais beneficiam de uma maior atenção, relativamente ao que se passa nas grandes sociedades populacionais.

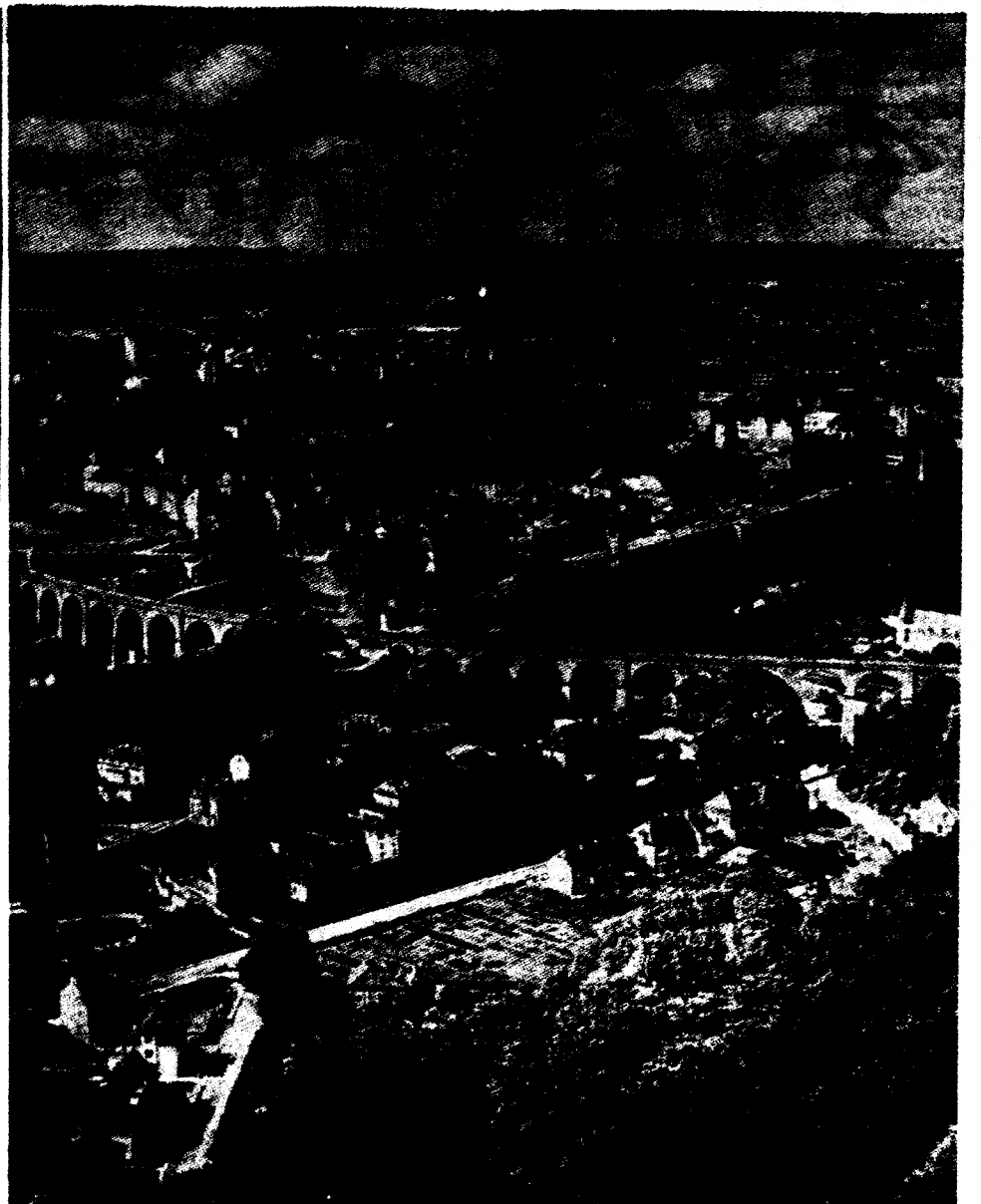
Pode dizer-se que o Luxemburgo está para a Europa como uma aldeia está para qualquer país. Mas não se vive mal cá na aldeia.

A seguir:

ENTRE A HISTÓRIA E A TELEVISÃO



O Luxemburgo fica aqui: entre a Bélgica, a França e a Alemanha



A cidade do Luxemburgo guarda, nas suas fortificações e monumentos, recordações quase milenárias

DE ONTEM PARA HOJE

SOBRE A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Mestre de sociologia de projecção universal, Gilberto Freyre transformou a pequena Apipucos, junto ao Recife, em centro de irradiação de luso-tropicalismo; e ele que se habituou a estudar a projecção da cultura portuguesa e da imigração negra nessa parte da América, trouxe-nos agora uma série de lições «Em torno de uma sociologia dos processos revolucionários de transformação social». Na aula magna do Instituto Superior de Ciências Sociais proferiu ontem a terceira e última das suas conferências. Título: «A propósito de uma nova fase num antigo processo revolucionário de transformação social do Brasil». Acentue-se quanto interesse essa escola superior, dirigida pelo prof. Adriano Moreira que inteiramente se lhe consagrou, tem consagrado à evolução histórica da Comunidade Luso-Brasileira. No ensino da História das Descobertas ali teve cátedra a maior autoridade no assunto e sobretudo nas suas causas e consequências económicas, que se chama Vitorino Magalhães Godinho; nos aspectos sociológicos actuais Gilberto Freyre veio trazer-nos mais uma das suas lições. E se o primeiro transferiu as suas lições para o livro, para as páginas das revistas e dos jornais, honrando-se em particular as de «Diário de Lisboa» com uma colaboração, e segundo findou ontem novo ciclo de lições acentuando que a adaptação do homem a ambientes por meios tecnológicos é o maior problema do nosso tempo, objecto de uma engenharia chamada engenharia humana.

PALÁCIO DE BELEM

O sr. Presidente da República recebeu, ontem, em audiência no Palácio Nacional de Belém, os srs. eng.º Francisco Ribeiro Ferreira, presidente da Junta Distrital de Lisboa, acompanhado dos vogais do

TRUCIDADO PELO COMBOIO

Tinha 11 anos o Carlos Alberto da Assunção, estudante, filho de Fernando de Assunção e de Clara Ferreira. Morava com seus pais em Idanha. Beia. Ontem regressava da escola, e um comboio, em Queluz, pôs termo à vida do pequeno e às esperanças dos pais.

mesmo organismo, sr. eng.º Daniel Silva Carvalho e conde da Azinhaga; dr. Eurico Serra, director-geral dos Serviços Tutelares de Menores; Teodoro dos Santos e eng.º Luis de Azevedo Coutinho.

DA VARANDA À MORTE

No Senhor das Barrocas, uma criança de dois anos e meio, Paulo Manuel Duarte Meireles, filho do sr. Manuel de Sousa Meireles, proprietário do Restaurante Galo de Ouro, trepou a uma varanda. Depois, caiu dela e embora socorrido, foi o termo da sua breve vida...



BANCO DO ALENTEJO

também no ESTORIL

O CASO DE BERLIM

Por ATTICUS

Na origem daquilo a que chamamos a «questão de Berlim» há um facto que, sob todos os pontos de vista, é bastante curioso: é que não devia haver lugar para que se fizesse de uma tal «questão». O estatuto da antiga capital alemã foi estabelecido pelos vencedores da Alemanha, em termos o mais precisos possíveis, que se não prestam a quaisquer controvérsias.

Berlim foi tratada pelos «Grandes Aliados» completamente à parte, logo que estes se ocuparam da partilha das suas zonas de ocupação após a derrota da Alemanha, nomeadamente na Comissão Consultiva da Europa (C.C.E.), criada em Moscovo, no mês de Outubro de 1943, aquando da Conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros aliados (Cordell Hull, Anthony Eden, Molotov), comissão cuja tarefa era a de estudar os problemas que surgiram na Alemanha após a derrota.

UM FACTO CAPITAL

O primeiro documento oficial, o Protocolo, onde se estabeleciam as zonas de ocupação, fazia uma nítida distinção entre estas e Berlim. Ao falar das zonas de ocupação, este documento especificava: «a administração da Grande-Berlim». Não se tratava, pois, de uma zona de ocupação especial. Isso não faria sentido, pois Berlim estava situada na zona de ocupação soviética. Tratava-se apenas, — por razões que vamos ver de seguida — da «administração» da cidade, que, de facto, fazia parte da zona soviética.

O Protocolo em questão, assinado a 12 de Setembro de 1944, pela C. E. E., em Londres, devia entrar em vigor a partir da data em que a Alemanha assinasse a sua capitulação. Este Protocolo constituía, pois, o documento de base respeitante a Berlim. O artigo 1.º deste documento dizia que a Alemanha ficaria dividida em três «zonas de ocupação» (a França ainda não era tomada em consideração) e que «um território (área) especial de Berlim» ficaria a ser conjuntamente ocupado pelas três potências.

O «ESTATUTO ESPECIAL» DE BERLIM

A palavra «ocupação» não se presta a confusões. Todo o peso da questão assentava na palavra especial. Com efeito, o artigo 2.º do Protocolo de 12 de Setembro de 1943 punha em evidência o carácter especial do estatuto de Berlim. Este artigo, ao definir a zona soviética, especificava que esta zona seria ocupada «com excepção do território de Berlim» para o qual estava previsto um «sistema especial de ocupação». E o artigo

5.º explicava que este «sistema especial de ocupação» consistia num sistema de administração da cidade em comum. O artigo 5.º previa a criação de uma «autoridade» de comando interaliado, sob a designação russa de «Kommandatura», encarregada da «Administração em comum da Grande-Berlim», a qual se encontrava dividida em três sectores. E foi neste espírito que a C. E. E. precisou, a 14 de Novembro, o traçado das fronteiras das zonas de ocupação aliadas e das dos três sectores de Berlim (que deveriam posteriormente passar a quatro, com a inclusão do sector francês).

Finalmente, os acordos dos «Grandes Aliados» referentes ao estatuto de Berlim estavam ligados aos acordos de Potsdam, na medida em que faziam parte do conjunto do sistema por estes previsto quanto à administração da Alemanha durante a ocupação pelos Aliados.

PORQUÊ UM ESTATUTO ESPECIAL

Em princípio não havia nenhuma razão para abrir excepções para a antiga capital alemã, que se encontrava na zona de ocupação soviética. Mas o seu «estatuto especial» foi efectivamente estabelecido por razões especiais, no quadro do regime da ocupação da Alemanha e da sua administração aliada em comum.

Com efeito, se Berlim foi dotada de um estatuto especial, foi unicamente porque tinha sido escolhida como sede do Conselho de «Controle» Aliado, isto é, do organismo supremo criado pelos vencedores para a administração em comum da Alemanha durante o período da ocupação. Doutro modo, teria sido inconcebível que os russos tivessem podido admitir um «estatuto especial» para Berlim, situada precisamente no coração da sua zona de ocupação, quando a tomada da antiga capital do Reich pelo Exército Vermelho constituía o mais belo troféu da sua vitória.

UMA SITUAÇÃO PROVISÓRIA

O caso de Berlim explica-se, pois, pelo facto de o estatuto especial da cidade ser de carácter provisório. Este estatuto estava ligado ao regime de ocupação da Alemanha, o qual era também provisório, e ligava-se muito especialmente ao mecanismo do Conselho de «Controle» Aliado, encarregado da administração da Alemanha.

Os signatários dos acordos referentes a Berlim reconheciam tão bem a ligação entre o estatuto da cidade e o regime de ocupação, que se esforçavam por evitar as lamentáveis consequências que poderiam resultar dessa ligação no caso de o estatuto de Berlim continuar a subsistir depois de o regime de ocupação vir a ter fim. O documento de 14 de Novembro de 1944, acima citado, referente ao estatuto de

Berlim confirmado pela declaração dos quatro comandantes aliados na Alemanha, assinada em 5 de Junho de 1945, em Berlim — o qual era documento complementar da capitulação da Alemanha — estipulava, no artigo 8.º: «O regulamento (previsto pelo documento em questão) é válido pelo período de ocupação», etc. E adiante: «Será objecto de acordo especial o regulamento para o período seguinte». O que significa que o estatuto especial de Berlim era limitado no tempo, estando a sua duração condicionada pela duração do regime de ocupação, e que seria revisto no fim deste regime e substituído por um outro «acordo especial» sem mais nenhuma relação com o estatuto de Berlim.

O facto é que o estatuto especial de Berlim não teria já razão de ser, visto que o Conselho de «Controle» Aliado, que escolhera a cidade para sua sede, deixaria de existir no fim do regime de ocupação. O «regulamento» previsto neste último caso pelos novos «acordos especiais» entre os aliados deveria logicamente implicar o regresso de Berlim à zona de ocupação soviética, da qual se tinha destacado por razões conhecidas. Por maioria de razão, assim deveria ter acontecido quando o regime de ocupação veio a resolver-se na separação da Alemanha em duas, pela criação do Estado alemão de Oeste, a qual se seguiu a criação do Estado Alemão de Leste.

Se tudo se tivesse passado em conformidade com os acordos de Potsdam, a Alemanha sairia da guerra como um Estado unido, Berlim voltaria a ser a capital — e não haveria já lugar a qualquer «estatuto especial». Mas, dado que a Alemanha foi dividida, a cidade de Berlim pelo facto de fazer parte da zona de ocupação soviética, que se converteu em República Democrática Alemã, deveria pertencer a este Estado. Traduzindo esta noção na realidade, a RDA fez a sua capital no sector soviético de Berlim.

A «questão de Berlim» surgiu assim. Para os soviéticos e alemães do Leste o conjunto da antiga capital alemã deveria, efectivamente, fazer parte integrante da RDA. Mas este ponto de vista não é secundado nem pelos ocidentais nem pelos alemães do Oeste. Aliás nem Moscovo nem Berlim Leste se firmam já muito seriamente neste entendimento, desejosos, sem dúvida, de evitar agravos inúteis.

A tese do Governo federal alemão situa-se nos antipodas desta. Não entender de Bonn, Berlim constituiria uma «zona à parte» e como tal continua a ser tratada. Constitui, pois, um segundo «estado» da Alemanha Federal, tal como as outras antigas zonas de ocupação ocidental. É em virtude desta tese que o Governo de Bonn tem sempre tratado Berlim-Oeste como fazendo parte da República Federal. É também em virtude desta tese que o mesmo Governo pretende hoje proceder à eleição do novo pre-

(Continua na pág. seguinte)

Nota do dia

RECUPERAR O POSSÍVEL

QUEM TEM CULPAS NA BRANDOIA? A pergunta tem um certo sabor, tanto mais que vai fazer-se um inquérito à Câmara (é de Oeiras) e a Câmara, por seu turno, vai também ou está também a fazer ela o seu inquérito, este à procura dos proprietários das construções consideradas clandestinas apesar de toda a gente as ver. E daqui, a outra pergunta, no mesmo estilo da primeira: quem tem casas na Brandoia?... Porque, se não se sabe quem tem culpas, também parece que não se sabe, por muito estranho que pareça, quem é que por lá tem casas, das tais, ditas clandestinas.

Clandestinas quer dizer, como o leitor já suspeitou, qualquer coisa que não tem nada com o fazer-se às escondidas sem ninguém saber. Quer dizer mesmo quase o contrário disto, ou seja, casas clandestinas são umas que não se fazem às escondidas e, pelo contrário, se fazem à vista de toda a gente, mas, como o cão do poeta, não têm licença nem pagam imposto. Quer dizer: nasceram das tristes ervas, começaram ali rasteirinhas, ninguém dava por elas, foram crescendo, crescendo como cresce a figueira-do-interno e, mal as criaturas da fiscalização nem chegavam a dar por elas, iam elas já nos sete andares.

E agora? Ora bem, agora, ao que parece, vão ser demolidas. O quê? As casas ou as fiscalizações? Parece que as casas, porque as fiscalizações, essas são de pedra e cal, e bem seguras nas sapatas. Mas, em boa verdade, haviam de demoli-se as fiscalizações? Ninguém pensa nisso, pois quando muito se pensa que elas haveriam de ser corrigidas e chamadas à ordem. Ora, é exactamente isso que pensamos também das construções. Estão lá, fazem falta, quando muito deverá aplicar-se-lhes a mesma receita que se preconiza para as fiscalizações: corrigi-las, aproveitá-las e metê-las na ordem.

O que não se entende é este súbito acordar de pruridos. Não nos passaram procuração os proprietários ou construtores, na sua maior parte dessa estirpe a que, na gíria de fiscais e mais gente do mesmo meio, pitorescamente se chama «patos bravos». Mas eles fizeram as casas, elas estão de pé e entram no mercado em condições de interessar certas camadas de consumidores. Aham que o remédio é deitar abaixo indiscriminadamente? Em boa verdade, parece-nos que não. Do que se trata, em primeiro lugar, é de ver quais é que podem ficar de pé e quais é que hão-de ir abaixo.

Dai por diante, apurar outra consequência. Talvez seja, e é, andar ao contrário, mas é o que parece inevitável. E isso será o de acertar os arruamentos, passar aquilo tudo à régua sobre a planta, mandar demolir o que estiver fora das linhas necessárias, mandar fiscalizar a segurança das que puderem salvar-se, instalar sistemas de abastecimentos e esgotos, pavimentar as ruas, pôr a funcionar a pequena cidade-satélite que já hoje, melhor ou pior, dá abrigo parece que pelo menos a doze mil pessoas.

O resto corre o risco de parecer demagogia. Não podemos ser, apenas, deliberadamente, contra os clandestinos, contra os fiscais, contra as câmaras, contra os que foram ali arrumar a sua vida por não acharem onde melhor o pudessem fazer. Não adianta deitar foguetes nem bichas-de-rabear, mas adianta encontrar fórmulas razoáveis de equilíbrio que sirvam a uns sem prejudicar aos outros, quer dizer, que sirvam a todos ao mesmo tempo. Pode parecer difícil, estranho e confuso, mas evidentemente é por aí que vale a pena procurar o único caminho que parece possível. Sem aticar nem açular quem quer que seja contra quem for.

OH, NO MAR DA PALHA!

Um palco excelente para o «Grande Prémio T. V. da Canção Portuguesa» (edição 1970) era a fragata do Mercado de Abril, onde Leonel Coelho montou a sua luxuosa petisqueira. Mas com uma condição: autores, intérpretes e orquestra só voltariam a pisar terra firme se o público assim entendesse. Caso contrário, Mar da Palha com eles!

Uma vez no Mar da Palha, a meio caminho da cala do Barreiro, várias hipóteses:

a) — Proibição de atentar contra o ouvido colectivo pelo espaço de cinco anos;

b) — A mesma proibição enquanto houveresse fragata;

c) — Idem enquanto a bacia do Tejo fosse o que é hoje;

d) — Idem enquanto houvesse rios.

Segundo advertência dum conhecedor, substituiria o perigo de os enfragatados organizarem rapidamente o «Festival da Canção do Mar da Palha». Ao que eu respondi sem qualquer hesitação:

— Está tudo pensado, meu velho. Compra-se uma canhoneira! FERNANDO ASSIS PACHECO

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

CURSO LICEAL

DIURNO E NOCTURNO

CICLO PREPARATÓRIO - ADM INSTITUTOS

Bem apetrechados laboratórios

ESCOLA SÃO VICENTE Rua do Paraíso, 28

TELEFONES: 865904-871955-872585

EXTº MARQUÊS de POMBAL R. Carrilho Videira, 10

TELEFONES: 834658-820221

O CASO DE BERLIM

(Continuação da pág. anterior)

idente da República Federal em Berlim-Oeste.

Uma terceira tese é a das potências ocidentais. Porque estas não reconhecem a validade da tese de Bonn. Se o fizessem, teriam igualmente que reconhecer que os acordos assinados durante a guerra com os seus aliados russos nunca existiram e que seria concebível transformar Berlim-Oeste em capital definitiva da República Federal: isto é, transformar uma cidade situada no coração de uma Alemanha na capital da sua oposita.

Se Berlim fosse uma «zona á parte», isso deveria ter sido especificado pelos aliados aquando da partilha das zonas de ocupação. A prova de que não é assim está em que até o próprio Governo federal admite a presença de tropas de potências ocidentais em Berlim-Oeste em virtude do antigo «estatuto especial» da cidade. Ainda mais: é a estas potências que o Governo federal se refere, em todas as circunstâncias, ao considerar responsável pela segurança da cidade.

Tudo isto é tão verdade que basta o simples facto de as tropas das potências ocidentais estarem em virtude do antigo estatuto da cidade, presentes em Berlim-Oeste para provar que a cidade não faz parte da República Federal.

UM ANACRONISMO QUE PERDURA

A verdade é que a tese válida hoje é a das potências ocidentais, embora constitua um anacronismo, pois representa a sobrevivência do antigo estatuto de Berlim. Segundo esta tese, o regime dos três sectores da antiga capital continua em vigor sem terem nada em conta o facto de que já não subsistem os motivos por que esta cidade foi dotada de «estatuto especial».

Só que, entretanto, o regime sofreu uma transformação profunda. Na época, a presença das tropas aliadas em Berlim simbolizava a administração quadripartida da Alemanha ocupada, visto que o organismo central desta gestão, o Conselho de «Controlo» Aliado, escolheu a antiga capital para sede. Hoje, as três potências ocidentais continuam nos seus antigos sectores da cidade para lhes assegurarem a segurança e para defenderem a liberdade e independência da população, embora nunca tivesse sido posto este problema.

Contudo, na prática, este novo estado de coisas é unanimemente reconhecido. Os primeiros que teriam motivos para contestar seriam os alemães de Leste e os rus-

ses. Mas estes nunca levantaram dificuldades a tal respeito.

A única crise de Berlim foi a do «bloqueio». Mas não foi devida ao estatuto da cidade; foi devida às divergências entre os ocidentais e os russos acerca do conjunto do problema alemão. Desde então nunca mais se conheceram crises de Berlim nem derivadas de qualquer atitude dos ocidentais em defesa das suas posições em Berlim-Oeste, nem derivadas de qualquer tentativa dos russos para desalojar os ocidentais dessas posições. De modo que se as coisas ficassem por aí nunca mais teria havido crises de Berlim, enquanto o destino da antiga capital alemã continuasse em suspensão.

UMA CRISE CURIOSA

As crises periódicas de Berlim que todos nós conhecemos surgem por razões filiadas na tese de Bonn: isto é, filiadas numa tese que é rejeitada não só pelos russos e pelos alemães de Leste como pelos ocidentais. Isso dá-se de cada vez que o Governo de Bonn tenta levantar novamente a discussão sobre a «questão de Berlim», reafirmando a sua tese por um gesto espectacular — como a próxima eleição do novo presidente da República Federal, a qual terá lugar em Berlim-Oeste.

Crises tão curiosas quanto injustificadas, porque os ocidentais sempre tentaram, em cada uma dessas ocasiões, fazer compreender ao Governo de Bonn que o antigo estatuto de Berlim continua inmutável. Dito por outras palavras: que a cidade não faz parte da República Federal. Em todas as conferências ao mais alto nível, a questão de Berlim era tratada isoladamente, isto é, sem qualquer relação com o problema alemão, que era, afinal, o verdadeiro tema central destas conferências.

Não restam dúvidas de que, se fossem só os russos e os ocidentais a decidir de uma regulamentação definitiva da «questão de Berlim» já se teria conseguido chegar a um acordo. Os americanos são os últimos a opor-se a tal. Um jornal como o «Washington Post» escrevia, a 26 de Janeiro de 1948: «Não há boa lógica em procurar manter o nosso posto avançado em Berlim. Desde que decidimos criar um Governo alemão ocidental nada mais temos a fazer em Berlim».

Era nisso que pensavam, sem dúvida o presidente Eisenhower e Kruschchev, nos seus encontros em Camp David, quando reconheceram que a situação em Berlim era «anormal».

Mas há muitíssimo tempo que os russos não insistem neste ponto. E é o Governo de Bonn que impede todo o arranjo, embora ju-

ridicamente ele nada tenha a dizer sobre a matéria.

UMA CRISE CONFUSA

A crise de Berlim volta à baila de cada vez que o Governo Federal procede a qualquer gesto visando a provar que Berlim-Oeste pertence à República Federal e de cada vez que a República Democrática Alemã e os soviéticos reagem a este gesto denunciando-o como uma «provocação». Se não reagissem, reconheceriam a tese de Bonn, que poderia ir muito longe. No dia, por exemplo, em que o Governo Federal proclamasse Berlim-Oeste sua capital teríamos o conflito aberto com a União Soviética.

Esta situação, já suficientemente explosiva, mais se agrava com o facto de os ocidentais tomarem posição favorável ao Governo Federal, se bem que não aprovem a tese de Bonn, dispostos a aceitar todos os riscos, e muito embora se não trate da defesa do estatuto de Berlim da defesa da sua própria tese.

Tal é o imbróglio de Berlim sob o seu aspecto actual, imbróglio que compete aos ocidentais e aos russos desfazer. Não se trata, com efeito, de uma querela sem solução. Não se lhe vê objecto, visto que o fundo da crise é a insistência de Bonn em fazer prevalecer a sua tese, que nem uns nem outros reconhecem.

Posto isto, trata-se de evitar o pior. Porque se pode chegar ao pior, devido à solidariedade dos aliados. Washington, Londres e Paris consideram-se no dever de seguir Bonn, embora se sentissem felizes se não se encontrassem em tal situação. Os americanos foram os primeiros a aconselhar o Governo Federal a renunciar à eleição presidencial em Berlim, receando precisamente as consequências perigosas de um tal gesto. Mas Bonn não quis saber disso, sabendo que os seus aliados só tinham a resignar-se com a sua atitude. Assim se passaram, efectivamente, as coisas.

E, pois, para evitar as consequências lamentáveis (para todo o mundo) da insistência de Bonn que se esforçam Moscovo e Washington. Os russos querem fazer entender aos americanos que não se trata de tocar no estatuto de Berlim; que apenas se opõem à pretensão do Governo Federal de tratar Berlim-Oeste como fazendo parte da República Federal. Enquanto os americanos têm que encontrar razões para justificar o apoio que não podem recusar ao Governo Federal, uma vez que a pressão das potências ocidentais em Berlim-Oeste não está em jogo.

ATTICUS

Manhã na praça

MELHORAMENTOS

NO MERCADO DE 24 DE JULHO

É altura de referirmos os melhoramentos que beneficiaram o Mercado de 24 de Julho. Em tempos, assinaláramos as más condições das escadas de acesso ao piso superior, gastas, esburacadas e de corrimãos partidos. Não era sem certo temor que subíamos ou descíamos aquelas escadas, duplamente perigosas pelo seu mau estado de conservação e por se encontrarem sempre pejadas de detritos de horta-lha. Um passo menos cuidadoso e não seria brincadeira!

O perigo, se não está anulado, foi diminuído. Depois da reparação ficaram em estado de novas e, por-



— Pode conferir. O troco está certo!

menor agradável, quando as pisámos mostravam-se limpas, o que não era hábito às 11 horas da manhã.

Estes dois factos levaram-nos a desistir de tratar, pelo menos por hoje, do problema do coelho. Não há coelho morto nos mercados. A dona de casa tem de o comprar vivo, a 23\$00 o quilo, e esperar que o matem e esfolem se tiver repugnância ou lhe faltar coragem de o fazer. Porque, segundo dizem as vendedeiras, não podem vender o coelho morto na tabela que lhes querem impor. Mesmo a 36\$00, dizem, pouco ou nada ganham. Terão razão? Tentaremos averiguar isso numa das próximas semanas. Entretanto, congratulamo-nos com as obras levadas a cabo nas escadas do Mercado de 24 de Julho!

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo dos alhos a 8\$00; das cebolas, a 4\$40; das cenouras, a 3\$50; do tomate, a 18\$00; das favas, a 9\$00; das azeitonas, a 6\$50 e 10\$00; do tremço, a 3\$20; dos pimentos, a 18\$00; e da ervilha de pão, a 6\$00.

O molho dos rabanetes vendia-se a 33\$50; dos bróculos, a 15\$00; da beterraba, a 6\$50; do alho francês, a 10\$00; dos agriões, a 1\$50; dos espinafres, a 5\$00; das nabizas, a 12\$00; e dos grelos, a 8\$50.

A couve lombarda estava a 9\$00; a couve portuguesa, a 1\$50, 4\$00 e 6\$00; a alface, a 1\$50, 2\$00 e 4\$00; o nabo, a 5\$0 e 1\$00; a couve-flor, a 5\$00 e 8\$00; e a murciana, a 12\$00.

PEIXE

O quilo da garoupa estava a 24\$00; do cachucho, a 13\$50; do goraz, a 16\$00 e 20\$00; do peixe-espada, a 14\$40 e 16\$00; da pescada negra, a 18\$00; do peixe-galo, a 15\$00; do pargo, a 18\$00, 28\$00 e 30\$00; da pescada congelada, a 14\$00; do tamboril, a 10\$00 e 11\$00; do polvo, a 10\$00; da xaputa, a 8\$00; do imperador, a 5\$30; da sardinha, a 10\$00; do camarão, a 10\$00; das lulas, a 22\$50; do mero, a 13\$50; do pombo, a 11\$90; do linguado, a 47\$00; do saio, a 16\$00; da lagosta, a 210\$00; da ameijoia, a 30\$00; da conculha, a 10\$00; do camarão, a 50\$00; do burrié, a 12\$00; das gambas, a 70\$00; do berbi-

gão, a 3\$00; do robalo, a 36\$00; do sável, a 28\$00; da caldeirada, a 11\$00; da eirós, a 28\$00 e 29\$00; da sarda, a 12\$00; das ovas, a 25\$00 e 30\$00; do pregado, a 30\$00; dos ruivos, a 14\$00; das bogas, a 14\$00; do chicharro, a 11\$00; dos meros, a 17\$30; dos chocos, a 13\$00; das fanecas, a 10\$00; e do cachucho, 13\$00.

CRIAÇÃO

Vimos o quilo do frango vivo a 21\$50; da galinha viva, a 18\$00 e 20\$00; e do coelho vivo, a 23\$00. No capítulo da criação morta limpa, verificámos que a tabela do frango marcava 27\$00 e 28\$00, e da galinha, a 24\$00 e 26\$00. A dúzia dos ovos estava a 12\$70, 13\$80, 14\$20, 14\$70, 15\$20 e 15\$40.

FRUTA

O quilo das bananas estava marcado a 10\$00, 12\$40 e 13\$00; do ananás, a 12\$40; das tangerinas, a 9\$00 e 9\$50; dos pêros «golden», a 13\$00, 14\$00 e 15\$60; da laranja, a 4\$50 e 7\$80; das pêras, a 14\$30 e 18\$20; do limão, a 7\$80; do pêro encarnado, a 14\$30; e do pêro bravo-de-esmoife, a 15\$80 e 22\$00.

FLORES

A dúzia dos lírios vendia-se a 25\$00; dos cravos, a 30\$00; dos goivos, a 40\$00 e 50\$00; das tulipas, a 40\$00 e 60\$00; dos jarros, a 25\$00; das camélias, a 25\$00; e dos narcisos, a 20\$00.

DONA DE CASA

UMA SOCIEDADE TAUROMÁQUICA NA MOITA

MOITA DO RIBATEJO. — Com elevado número de acionistas reuniu-se a assembleia da Sociedade Moiteira de Tauromáquia, para apreciação e aprovação da referida Sociedade.

VIDA SOCIAL

EM VIAGEM

Acompanhado de sua esposa, seguiu para Paris, o al-falante José Luis.

Presidiu o sr. Luís Costa Santos, secretariado pelos economistas João Cândido Carvalho de Oliveira e Silva e Rafael Galamas.

Após vários acionistas terem feito uso da palavra, o presidente pôs em discussão a legalização da Sociedade, o que foi aprovada por unanimidade.

Seguidamente procedeu-se à eleição dos corpos gerentes para o corrente ano, tendo sido eleitos:

ASSEMBLEIA GERAL. — Vítor Brito de Sousa, Amílcar Carvalho de Oliveira, Ferreira e Isidro Carvalho de Oliveira.

DIRECÇÃO. — José Luís de Almeida Oliveira, João

Serafim Figueira Baptista e João Pereira Neves.

CONSELHO FISCAL. — Luís Costa Santos, José Figueira Baptista e Luís Augusto Almeida Pereira.

Encerramento de estradas em Manteigas

MANTEIGAS, 4. — Como é hábito anualmente, no dia 1 de Março, a Administração-Geral dos Serviços Florestais, mandou encerrar todas as suas estradas das 12 às 12.30 horas. Acontece porém, que nesta vila existe um bairro bastante habitado, pertencente da Caixa Sindical, situado nos domínios da estrada florestal de S. Sebastião.

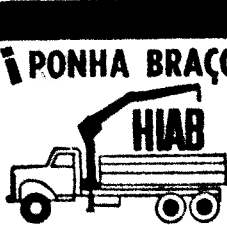
É de lamentar que os seus moradores tivessem de esperar meia hora ou então, os mais apressados, tivessem de atravessar outros terrenos particulares, sujeitos à linguagem dos seus proprietários, além de outros

prejuízos pessoais causados pela escassez de tempo para o almoço.

Não poderiam os referidos Serviços Florestais, mandar colocar o guarda com os referidos sinais depois do cruzamento do bairro?

P. S. P. DE VISEU

VISEU, 4. — Em substituição do capitão Luís Fernando da Fonseca, que deixou há dias as suas funções, foi nomeado comandante de P. S. P. de Viseu o capitão Carlos Alberto Coelho de Sousa que desempenhava o mesmo cargo em Leiria.



¡PONHA BRAÇOS NO SEU CAMION!

O CARREGADOR HIAB ELEVA, TUDO: ATÉ OS SEUS LUCROS! DEFENDA-SE, COMPRANDO BRAÇOS A PREÇOS FIXOS!

ROLIM COMERCIAL, S. A. R. L.
R. Vitorino Damásio, 3 - Tel. 64 81 73 - Lisboa
R. Passos Manuel, 51 - Tel. 3 44 33 - Porto

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO TIVOLI

TÍTULO: «Jogo Perverso»
(«The Magus» — 1968).
REALIZAÇÃO: Guy Green.
INTERPRETES: Anthony Quinn, Michael Caine, Candice Bergen e Anna Karina.

A pergunta que todo o público fazia ontem à saída, do filme era: percebeu? Pois bem, não percebi nada porque não há nada a perceber. Por muito que se repitam as citações de Eliot e se recite um poema chinês da geração Tang-qualquer-coisa, na verdade o filme de Guy Green não deixa de ser um perfeito descalabro. Autor de um «Quarto Interdito» pouco sensato e de um «Sebastian» bastante promissor, Green tenta uma obra de problema-

tização metafísica (onde começamos a ser nós? Onde termina o jogo? Onde está a verdade?) que está muito além das suas possibilidades. O resultado é perfeitamente ridículo. Impossível contar — só visto. E do domínio da interpretação, Anthony Quinn dá-nos uma grande nostalgia (calculem!) dos seus bons tempos de Papa, Michael Caine toma vários banhos, Anna Karina bebe leite e Candice Bergen passeia a sua beleza invulgar. Um caos. Há ainda uns nazis que aparecem nas capelas onde um indivíduo marcou encontro com uma pequena, na sua boa fé, é claro, mas devem ser nazis retardados, que ficaram da última guerra e ainda talvez nem saibam que ela acabou. Fixe-se o nome do autor do argumento: John Fowles. Este enredo é um candidato muito sério ao título do pior do ano.

Em complemento, mais um desenho animado da série James Hound que é com certeza uma das mais tristes que tenho conhecido: total ausência de imaginação.

E. P. C.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

A revista

«Elas é que sabem!»

— êxito no ABC

■ Já não contractam com Harry Belafonte os actores Edward G. Robinson e Ida Kaminska, no filme «The Angel Levine», extraído de um conto de Bernard Malamud. Robinson será provavelmente substituído por Zero Mostel, mas ainda não se sabe quem tomará o lugar da actriz polaca Kaminska.

■ Vai começar-se a rodar em cinerama o filme «Canção da Noruega», dedicado à vida do compositor Grieg. «A Canção da Noruega» será rodado na Inglaterra, na Dinamarca e na Noruega e tem como realizador Andrew Stone.

■ A actriz Lilli Palmer é a principal intérprete do filme intitulado «A Resistência», realizado por Ibanex Serrador, segundo se anuncia de Madrid.

■ Vai começar em breve a rodagem do filme «A Flor

do Cacto», a realizar por Gene Saks. Ingrid Bergman e Walter Matthau serão os principais intérpretes.

■ O «Pradikat Besondere Wertvoll», o maior prémio da cinematográfica da República Federal Alemã, foi este ano atribuído ao filme de Paolo Pasolini «Teorema».

■ Fernandel volta ao cinema para interpretar um dos principais papéis da película «Le Retour», dirigida por Henri Colpi e baseada num romance de Magdalena Frick.

■ Steve Mac Queen, depois do êxito obtido no filme

«Bullitt», aceitou rodar nova película, que terá por título «Yards at Assendorff» que vai ser realizada por John Sturges.

■ «Change of Habit» é o próximo filme a rodar por Elvis Presley. Nesta película narra-se o caso de um jovem médico que nutre uma forte amizade por uma freira (papel desempenhado por Mary Tyler Moore).

■ William Holden, Bourvil e Virna Lisi são os principais intérpretes da película «A Arvore de Natal», que Terence Young está a rodar no castelo de Taulane.



Steve McQueen é o principal intérprete do filme «The Thomas Crown Affair», película dirigida magistralmente por Norman Jewison, o laureado realizador de «No Calor da Noite». McQueen surge na figura de um elegantíssimo homem de negócios, contracenando com Faye Dunaway, a famosa «Bonnie» do filme «Bonnie and Clyde».

NOS PALCOS DO MUNDO

A tragédia em um prólogo e dois actos, do romancista Alberto Moravia, «O Deus Kurt», foi apresentada em estreia mundial no «Teatro Stabile dell'Aquila».

★ Ingmar Bergman inaugurou um novo método teatral. Contratado pelo Teatro Real de Arte Dramática de Estocolmo para encenar a peça «Woyzeck», de George Büchner, decidiu autorizar o público a assistir aos ensaios todos os dias, das 10 às 14 horas, declarando que não estava a ser um inovador, pois Molière fez o mesmo com «L'Impromptu de Versailles».

★ Jean-Pierre Bisson é simul-

taneamente autor, encenador e um dos intérpretes de «A Manhã Vermelha», peça em forma de oratória que se estreou no «Theatre de Plaisance». Este espectáculo, com seis personagens, pretende protestar contra o aniquilamento de uma certa geração.

Entre os números de maior projecção da revista que José Miguel apresenta com êxito no popular Teatro ABC, destaca-se o quarteto final, «A oferta da estátua», um dos mais extraordinários quadros de crítica apresentado em teatro de revista nas últimas décadas.

O texto, de aguda observação e humor, nas melhores tradições portuguesas, é servido por quatro excelentes interpretações de Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya e José de Castro que nas vestes caricaturais dos bonecos de barro virado de Bordalo (a «Ama», o «Zé Povinho», a «Varlona» e o «Guarda») ergueram um quarteto de muita actualidade, recheado de crítica oportuníssima, aberta e sadia.

O número, aplaudido delirantemente, todas as noites, é um dos francos motivos de agrado deste espectáculo a todos os títulos notável, que a crítica responsável e o público acolheram com entusiasmo.

«RI-TE, RI-TE»

— EM BREVE

NO MONUMENTAL

«Ritmo, ritmo» é a nova revista para o palco do Monumental, original dos populares «Parodiantes de Lisboa», sob a direcção de montagem de Rui e Herman Martins, com figurinos de Mário Alberto.

Os ensaios do poema prosaístam sob a direcção de Camilo de Oliveira que, depois do triunfo alcançado em «Lisboa é sempre mulher», volta a ser o director deste novo espectáculo.

A parte coreográfica, composta de um corpo de baile de 25 figuras internacionais, é dirigida pelo conhecido coreógrafo Paulo José a quem ficou a dever-se o êxito dos balados da revista «Pois, pois!».

Em OLIVAIS SUL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo nosso agente ANTÓNIO VALENTE

TEATRO LAURA ALVES

— T. 864756 —
Às 21.45 h. (ADULTOS)
EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
VASCO MORGADO
apresenta
O êxito que Lisboa aplaude

O JOVEM MENTIROSO

Magnífico triunfo de um elenco de consagrados e jovens lado a lado

TEATRO MONUMENTAL

HOJE, não há espectáculo. Descanse oficial da Companhia
AMANHÃ, às 21.45 h.
QUANDO ELA SE DESPIU
(Adultos)

CASA da COMÉDIA

R. S. Francisco Borja, 22
T. 677299
Última semana
HOJE, às 22 h.
A CAIXA DE PANDORA
de Fernando Amado
(M. 12 anos)
subs. pelo Fundo de Teatro

CINEMA NO COLISEU

HOJE, às 21 e 15
(Maiores de 12 anos)
Grandioso programa duplo com os filmes
«BAILARINA»
«O PRÍNCIPE GUERREIRO»
Quinta-Feira:
NOVO PROGRAMA

ABC ELAS É QUE SABEM

HOJE, às 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)

Novo CASINO ESTORIL

HOJE E AMANHÃ
últimas apresentações



LES CINQ PÈRES

FAMOSOS
COMEDIANTES
DA CANÇÃO

THE TONELY'S

ORIGINAIS ACROBATAS FANTASISTAS

ESMERALDA AMOEDO



PARIS JAZZ BALLET

UM «COCKTAIL» DE COREOGRAFIA MODERNA

OS «SHEIKS» JIRINA'S COMBO

JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

No CINEMA, às 17 e às 21.30 h.
COM A PEDRA NO SAPATO (M/17 anos)

TRINDADE

— F. N. A. T. —
HOJE, às 21.45 (17 anos)
o T.N.F., subs. pelo Fundo de Teatro, apresenta
SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes
com Lourdes Norberto
na protagonista
SABADO, tarde às 16 h.



VASCO MORGADO apresenta

TEATRO VILLARET

Hoje: 2 sessões, às 21 e 23 h.

com RAUL SOLNADO

A PREGUIÇA

(a história de um homem cheio de preguiça)



★
FERNANDA BORSATTI

★
ALINA VAZ

★
ANTÓNIO MONTEZ

★
DAVID SILVA



NAS ASAS DA IBÉRIA (LINHAS AÉREAS DE ESPANHA)

MAJA DE PORTUGAL-1969: CANDIDATAS MUITO COTADAS NUMA PARADA DE FOTOGENIA



MARIA HELENA MARTINS

Mais duas concorrentes foram seleccionadas pelo júri prévio encarregado de aquilatar a fotogenia das candidatas ao título de «Maja de Portugal-1969». Hoje, apresentamos aos nossos leitores Ana Maria Lourenço Marques e Maria Helena Martins, respectivamente de Lisboa e de Setúbal.

Ana Maria Lourenço Marques tem dezoito anos de idade e é dactilógrafa. Por seu lado, Maria Helena Martins é estudante e conta vinte anos. Uma citação especial para esta concorrente: Maria Helena Martins venceu, aos 18 anos, o certame para «Rainha do Sado» e está (portanto) habituada a enfrentar júris (e plateias) bastante exigentes em matéria de fotogenia e simpatia, distinção e cultura, sociabilidade e á-vontade. Tem o curso comercial e estuda línguas, é modelo e tem intervindo em diversas películas publicitárias. Mais: já bastante, gosta de teatro e de música, é coordenadora da página feminina de um jornal de Setúbal e debruça-se sobre os problemas inerentes à mulher na sociedade actual. Uma candidata firme — portanto — ao rep-

tro e à coroa de «Maja de Portugal». Com tantas condições (saliente-se) como as demais raparigas que o júri tem seleccionado de entre cerca de duas centenas de candidatas: reflexão comprovativa do enorme êxito obtido por este concurso organizado pela Associação Goya Internacional, com o apoio da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha), nas colunas do «Diário de Lisboa».

Lembramos que, até ao próximo dia dez, recebemos inscrições das concorrentes. Basta, para tanto, que as jovens interessadas nos remetam, devidamente preenchido e com as fotos requeridas em anexo, o cupão que incluímos em todas as nossas edições. Depois, é apenas questão de tempo: o júri escolherá as raparigas (solteiras, com mais de 15 anos



ANA MARIA LOURENÇO MARQUES

de idade e fotogenia marcante) que vão atingir a fase final da eleição, o momento em que se decidirá qual a jovem portuguesa que, ao lado de representantes de outros dezoito países, estará em Saragoça (Espanha) na «corrida» para o título de «Maja Internacional-1969».

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 4 — (A. N. I. e L.) — Foi distribuído o boletim informativo das Forças Armadas na Guiné, relativo ao período de 17 a 23 de Fevereiro, que é do seguinte teor:

Durante o período, o inimigo dirigiu a provocação de Blafecturo (Blechuro) e os aquartelamentos de Bedanda, Comendado, Ganturo, Bimur e Gadamuel, implantou ataques explosivos nas regiões de Culupa (Susuma, Pelandu e Curo), Bambadimosa e, aliada, Cutia, e nemou emboendas de nossas tropas nas regiões de Quinfa, Cacoa, Sambulá, Pelandu e na trilha Xime-Bambadimosa.

Um resultado das ações realizadas pelas nossas forças o inimigo sofreu: na região de Cú um capturado, na região de Sare Nharo (Bajonquito) cinco mortos e apreensão de munição e munições, um Figue Nhabal (Tito) um morto, na região de Teixela (Tito) dois mortos e a apreensão de munição, na região de Pelandu sete mortos, na estrada Xime-Bambadimosa um morto e a apreensão de material diverso, na região de Jol apreensão de munição e material diverso. Na região de Quinfa (Cacoa) as nossas forças atingiram profi-

tamente a uma emboscada montada pelo inimigo, que fugiu para a República da Guiné abandonando no território nacional quatro mortos e material diverso.

Nas vias fluviais foram destruídos meios de transposição. No conjunto das ações levadas a efeito durante o período, foram recuperados 47 elementos da população.

Durante o mesmo período o inimigo sofreu 19 mortos e um capturado. As nossas forças sofreram três mortos em combate cujos elementos de identificação foram, oportunamente, divulgados aos órgãos de informação.

ora diga-nos...

— Já apanhou um grilo?

«Cri-cri-cri!» Tão breve a vida de um grilo! Tão breve a nossa alegria!



dias! Mas depois agarrei outros, dava-lhes a face e eles cantavam que era um regaço... Ainda os ouço cá na cidade.

● António dos Santos Carvalho, cidadão, encolheu os ombros: — Nunca vi um grilo... — Nunca...? — Nunca. — Nem desenhado? — Desenhado já... — Como é então...? — É assim a modos de uma barata grande.



● Vitor Matoso, da província, a trabalhar cá num talho, já tinha visto um grilo, «sim, senhores»:

— Apanhei um lá na minha aldeia. Apanhei-o com uma navalha. O «ti-po» estava a cantar e eu com a navalha cortei-lhe o caminho. O grilo saltou para a navalha e eu levei-o para a casa... — Não lhe fizeste a barba...? — Ah! Ah! Ah!

● Carlos Nascimento Lopes, rapazito atilado, bandeja de café na mão, disse-nos assim:

— Olha, olha... — Olha o quê? — Pois já apanhei, já apanhei! — Já apanhaste...? — Já! Foi na Pampilhosa da Serra. Ele estava a cantar e eu, com uma palmeira, tirei-o cá para fora. Que lindo! — Viveu muito tempo? — Oh, não! Quinze



Fundada em Lisboa a Associação Luso-Venezuelana

O embaixador da Venezuela em Lisboa, dr. Rafael Armando Rojas, com o fim de incrementar o intercâmbio económico e cultural entre os dois países, acaba de fundar a Associação Luso-Venezuelana. Por esse motivo, promoveu, na sua residência, uma reunião em que estiveram presentes destacadas figuras do nosso meio intelectual e financeiro e membros da colónia venezuelana em Portugal.

O interesse da Associação é tanto maior quando se sabe que a colónia portuguesa naquele país da América Latina é constituída por mais de 130 mil pessoas.

Durante a reunião falaram o jornalista Armando de Aguiar e o prof. dr. Hernani Cidade, indicado para presidir à Associação. Foram depois escolhidos, por aclamação, os outros membros directivos: escritora Oliva Guerra e dr. Carlos Branquinho, vice-presidentes; jornalista Francisco Alves de Azevedo, secretário; deputado José Pereira Vicente de Aguiar, pintor Carlos Botelho, jornalista Armando de Aguiar, eng.º Fernando Moutinho, dr. Alfredo Esteves Belo, locutor Pedro Moutinho e dr. Francisco Vasconcelos Esteves, vogais.

Dezenas de individualidades deram já a sua adesão à colectividade, que tem sede na Embaixada da Venezuela.

«VERA CRUZ»

Uma portaria emanada do Ministério da Marinha declara que o navio «Vera Cruz», da Companhia Colonial de Navegação, é afretado pelo Ministério do Exército, a partir de 17 do corrente, para transporte de tropas e material de guerra.

«PUBLITURIS» TEM UM ANO

O eng.º Alvaro Roquete, director-geral do Turismo, associou-se à comemoração do primeiro aniversário da «Publituris», quinzenário de informação turística e publicidade dirigido pelos nossos prezados camaradas da imprensa Mário Henriques e Nuno Rocha.

A festa dos doze meses foi ontem no Hotel Rex e teve também a presença, entre outros, do prof. Magnoni, presidente da Federação Universal das Agências de Viagens. Aos brindes respondeu Mário Henriques com palavras de esperança no futuro do seu quinzenário, lançado, como disse, para promover «um diálogo que não existia».

«Diário de Lisboa»

Na última reunião, a Câmara Municipal de Oeiras deliberou agradecer ao nosso jornal o relevo dado ao noticiário referente à visita do ministro das Obras Públicas ao concelho.

uma rosa
é uma rosa
é uma rosa...
rosa negra
para homem

um exclusivo triple marfel



Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu, em combate, na província de Moçambique, o soldado 1135267, Américo Pereira Ribeiro, natural de Setúbal, filho do sr. Américo Joaquim Pereira e da sr.ª D. Silvina Reis Pereira Ribeiro.

SINTRA ESPERA-O

Para a sua destinação utilizou os combates eléctricos.

OS GUARDA-NOCTURNOS

VIMOS que os 296 guardas-nocturnos que velam na noite lisboeta não têm direito a quaisquer regalias das que cabem aos trabalhadores portugueses em geral e aos guardas da P. S. P. em particular. Sem os benefícios da Previdência, esses homens encontram-se absolutamente desprotegidos e muitos deles têm de ter outra ocupação — num labor de 14 ou mais horas por dia.

E, como também não têm direito a reforma (como não o têm igualmente a férias e folgas pagas), vêem-se obrigados a trabalhar até que a doença ou a morte os venha impossibilitar definitivamente. Um desses velhos guardas-nocturnos, dos mais conhecidos e populares, tem 72 anos e exerce a profissão há 43. Homem de muita vida e de muitas histórias, vai a caminho das suas 17 000 noites de Lisboa — e por uma destas noites ele falou-nos da sua vida e contou-nos algumas das suas histórias. Ele é

O SR. CASIMIRO

NA ESQUINA DA RUA DE S. JULIÃO com a Rua das Padarias, um velho homem dorme de pé. Se não dorme, tudo parece indicar que sim. Tem os olhos fechados, mãos nos bolsos, um pé cruzado sobre o outro. Ao primeiro disparo do «flash», por detrás, não reage; ao segundo, pela frente, estica o pé direito; e ao terceiro, então, arregala os olhos. Dir-nos-ia, depois, indignado:

— A dormir, eu? Não, senhor, nem pensar nisso. Até estava a assobiar. Porquê? Para passar o tempo, ora essa!

Mais à frente havia porém de nos afirmar, a expressão por momentos carregada:

— Mas já não posso com as pernas. Ando aqui de joelhos...

O sr. Casimiro dos Santos, que tem 72 anos de idade e 43 de profissão, é o guarda-nocturno n.º 667, e não sabe ler nem escrever, que tanto ainda não se exigia quando iniciou a sua actividade. «E nunca me fez falta nenhuma». É um homem meio, de passo miúdo, curvado, face enghada, um quisto no pescoço:

— Na noite de S. Martinho escorreguei numa batata: aí as minhas costas, as cruzes, os rins, ficou tudo escangalhado. Outro dia foi numa casca de banana: andei para aqui de cabeça ferida, dedos empanados, etc.

— Mas porque é que o senhor não deixa esta vida?

— E o que é que eu como? Nós não temos reforma, e eu, desde que sou guarda-nocturno, já vendi até as courelas que tinha lá na terra, em Castelejo, no concelho do Fundão. A nossa vida é assim: não temos direito a nada.

— Dizem-me que o senhor até ganha bem e comprou mesmo aí umas coisas...

— Isso é mentira. Aqui nem chego a ganhar mil escudos por mês.

— «Estou farto. Mas não quero viver de esmolas»

— Mas o sr. Casimiro gosta desta vida?

— Eu... não brinque comigo! Já subi esta rampa milhares e milhares de vezes. Estou farto! Se ando cá é só por causa do dinheiro. Mas qualquer dia já sei: dizem que estou velho e cansado e mandam-me embora. E olhe: há dois anos que praticamente não tenho férias nem folgas. Se a área não me dá 45 escudos por dia, como é que eu ia pagar 50 a um supra? E o que é que eu como?

— O sr. Casimiro não tem filhos que o ajudem?

— Tenho e eles até já têm insistido comigo para deixar esta coisa. Mas eu não quero viver de esmolas, nem ser um peso para ninguém. E a única reforma que tenho é de 739\$00, não dá para nada.

E meio a sério, meio a brincar, acrescentou:

— Até já tenho tudo pago para quando morrer. Canga-lheiro não me falta: sou só-

cio da Voz do Operário. E tem dado resultado, sim senhor — há quase 40 anos que pago 7\$50 por mês e nunca mais morro. Se eu morrer eles perdem o freguês... E estou sempre em dia, quer ver?

Nós não queríamos, acreditávamos plenamente, mas o sr. Casimiro é que gosta de tudo preto no branco tudo «provado por documentos». E vai daí desabotoou a farda e tirou de um bolso interior uma velha carteira cheia de papelada — muita dela ainda mais velha que a carteira — exibindo o cartão de sócio n.º 51489, passado em 18 de Junho de 1932.

● Era moço e dormia quatro horas diárias

«Mas de que são os 739\$00 que o sr. Casimiro tem de reforma?» — foi o que depois quisemos saber, e a que ele nos respondeu com um sorriso de ironia amarga:

— Trabalhei para aí uns 40 anos numa fábrica de camisas — desde que saí da tropa até 1963. O que fazia? Era moço, andava a alombar com coisas às costas e tomava conta da fábrica. Trabalhava das 8 ou 9 da manhã até às 6 ou 7 da tarde, com duas horas de intervalo para o almoço, e dormia quatro horas por dia.

E depois:

— Pagam-me 739\$00 por mês, porque não me podem pagar menos. Para ver que eu não sou aldrabão...

Val daí desabotoou de novo a farda e tira uma vez mais a velha e volumosa carteira — quase um arquivo (pessoal) de trazer no bolso. Papéis e mais papéis...

— Aqui está — e exhibiu-nos, quase triunfante, um recibo de 31 de Agosto de 1968 da Fábrica de Camisaria Progresso: 800\$00 de reforma, menos 61\$00 de descontos. — Mas tenho mais cartões, quer ver?

De novo, querendo, dissemos que não queríamos. Mas, com um ar vagamente misterioso, o nosso velho sr. Casimiro mostrou-nos o da União Nacional, de que é filiado desde há longos anos, com o número 17773, e pagando a quota mensal de 2\$50, ou melhor: quinze escudos por semestre.

● «Beijinhos para a sua neta»

Esta um nevoeiro denso, que faz surgir como vultos encapotados de mistério as pessoas (raras) que vão passando ou aparecendo àquela hora já tardia da madrugada. A certa altura chega, com uma filha miúda, um casal que mora por ali. A pequena dá uma corrida

pena. Vêem que já estou assim velho e não são capazes de me fazer mal.

E depois recorda: — Uma vez eu cheguei à esquadra (sou sempre o primeiro ou dos primeiros — gosto de fazer as coisas com consciência) e o Andrade, que já morreu contado, mandou-me seguir para a Rua do Crucifixo, pois estava lá um guarda subjugado.

— Subjugado?

— Sim: uns marinheiros ingleses fizeram distúrbios numa leitaria, foi lá o polícia, subjugaram-no e atiraram-se a ele ao muro e ao pontapé. Eu cheguei, desembainhei a espada, foi um varrer. Agora isto de cassetele não presta para nada, não assusta ninguém. A espada sim, que era outra coisa.

— Para contar tudo o que eu tenho feito, dava mas era um romance. Até aos 12 anos fui pastor lá no Castelejo, e depois andei com uma cruzada nas mãos até vir para Lisboa, onde fui colega do Sidónio Pais.

— Colega do Sidónio Pais?

— Pois se ele era Presidente da República e eu era tropa... No dia em que o mataram estava de serviço na Graça, no Batalhão de Infantaria 30. Foi eu que dei o toque de alarme. Algum tempo antes ele tinha estado lá no quartel: deram-nos um rancho tão mau que nós não

Reportagem de

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

para o sr. Casimiro, que lhe faz uma carícia antes de abrir a porta.

— Beijinhos para a sua neta — despede-se a pequena loira, que veio preencher um intervalo lírico (?) na noite do sr. Casimiro.

— Se tenho netas? Pois tenho. E quem me deu estar com elas... Estou cheio de netas! Agora durmo muito mais tempo, ando a ver se recupero o que perdi: mas sinto-me cada vez mais em baixo. Porém — acentua com deliberação — enquanto puder cá ando. Enquanto puder e me deirarem, pois já sei que qualquer dia me mandam embora...

● «Colega» do Sidónio Pais

A nossa conversa toma outro rumo e o sr. Casimiro vangloria-se:

— Já prendi 14 gatunos. E nunca me fugiu nenhum. São humildes, não levantam a mão para mim.

— Tem medo de si?

— Noutros tempos talvez tivessem. Agora têm mas é

o lecanitismo, e ele apareceu. Disse que tinhamos razão e deu ordem para melhorar o rancho.

● «Eu ando aqui de joelhos»

— E como guarda-nocturno deve ter muitas histórias...

— Muitas histórias? Muitas noites horríveis de chuva, de frio, de temporal, de doença, que aqui tenho passado, e nunca faltou ao serviço. Muita desgraça, muita miséria, muita gente a dormir pelo chão e pelas escadas.

Ao cimo da Rua da Padaria, alguém exigia a presença do sr. Casimiro. «Já subi esta calçada dezenas de milhares de vezes, e cada vez me custa mais aguentar com as pernas». E o sr. Casimiro dos Santos, guarda-nocturno 667, de 72 anos de idade e 43 de profissão, cosido com a parede, foi-se sumindo na noite de nevoeiro denso, com o seu passo miúdo, e curvado, cada vez mais curvado.

«Eu ando aqui de joelhos»...



«A nossa vida é assim: não temos direito a nada»



Na esquina da Rua de S. Julião com a Rua das Padarias, um velho homem dorme de pé

TREMORES DE TERRA

AS ONDAS SÍSMICAS

O ESTUDO simultâneo da sismicidade e da geologia de uma região permite, algumas vezes, estabelecer um esquema detalhado da actividade sísmica que apresenta não só um interesse científico devido à elucidação que traz sobre os mecanismos subjacentes, mas também um grande valor prático, pois permite delimitar as zonas em que se poderão dar tremores de terra. Às vezes é suficiente algumas dezenas de quilómetros, ou mesmo só alguns quilómetros, para se dar uma diferença apreciável no que diz respeito à intensidade máxima dos tremores de terra a prever.

Este conhecimento é extremamente útil e pode mesmo em certos casos determinar a escolha da localização de uma barragem, de uma central eléctrica, de uma fábrica ou de uma nova cidade. Contudo, a maior parte das vezes são outras considerações que entram em linha de conta e é preciso a bem ou a mal construir em um dado local, sem ter em conta o risco dos tremores de terra. É, neste caso, que intervém o especialista de parasísmica.

Desde 1932 que as investigações sobre a construção anti-sísmica tiveram grandes progressos, em particular no Japão e nos Estados Unidos. Os princípios gerais desta construção parecem ser, em primeiro lugar, de transformar o edifício em uma unidade estrutural e, em segundo lugar, concebê-lo de tal maneira que a sua frequência de vibração própria não corresponda às frequências das ondas sísmicas.

Pode dizer-se actualmente que se as pessoas morrem durante os tremores de terra não é devido aos tremores de terra em si, mas devido aos imóveis serem construídos de modo inadequado.

Não existe processo de impedir os sismos, mas muito se pode fazer para os tornar menos perigosos. Apesar de sermos incapazes de prever as datas dos tremores de terra, a acumulação paciente de observações permite delimitar com grande precisão as zonas ameaçadas.

Os diferentes materiais de construção necessitam de técnicas diferentes, sendo uns mais adequados do que outros para construir edifícios resistentes aos tremores de terra. As paredes de pedra e cal reforçadas com placas de cimento e os esqueletos em betão e em aço têm-se mostrado os mais resistentes aos sismos. Contudo, é necessário concretizar em cada região técnicas novas e pouco dispendiosas, aplicáveis aos materiais locais usuais (tijolos, madeiras, etc.).

FENÓMENOS SONOROS E LUMINOSOS QUE ACOMPANHAM O SISMO

OS TREMORES DE TERRA são muitas vezes acompanhados de um ruído surdo comparável ao ruído de uma trovada longínqua de uma detonação, à passagem de um camião na rua, etc. Constata-se que o ruído surge tanto como um sinal precursor e é sentido antes do abalo como, pelo contrário, o acompanha e, algumas vezes mesmo o segue. Procurou-se explicar o possível mecanismo da produção do som nos sismos, admitindo que o foco compreende uma região central, pertencente a um plano de falha, a partir da qual se propagam os movimentos vibratórios que constituem as ondas sísmicas, e uma região marginal, envolvendo a precedente, a partir da qual se emite uma vibração sonora. Assim se explicaria o facto de que segundo a região onde se está o som possa ser ouvido antes ou depois do abalo. A natureza dos terrenos, através

dos quais se propagam as ondas, deve ter também uma influência importante na intensidade do ruído apercebido.

A origem das forças de tensão, responsáveis pelo aparecimento do sismo, é muito diversa e muito discutida. Admite-se que a essas forças se podem adicionar, na ocasião, outras muito fracas, mas que funcionariam como a gota de água que faz desbordar o copo. Chamam-se-

(Continua na pág. seguinte)

CIÊNCIA

UM TREMOR DE TERRA é a consequência de uma mudança brusca de equilíbrio que se produz num local da zona superficial chamada *foco* ou *hipocentro* cuja projecção à superfície se designa sob o nome de *epicentro*. Sabe-se actualmente que além dos tremores de terra superficiais cujo foco está localizado numa zona de quarenta quilómetros de espessura, existem sismos profundos cujo foco pode estar situado muito mais abaixo, até 600 quilómetros de profundidade ou mais.

O abalo não tem a sua origem num ponto, mas antes numa superfície ou num volume. A ruptura do equilíbrio será consequência da acentuação duma fractura ou do deslocamento brusco dum maciço.

Estes abalos propagam-se através da massa da Terra sob a forma de ondas que são registadas em aparelhos

especiais chamados *sismógrafos*. Pela análise destes registos, *sismogramas*, distinguem-se três tipos fundamentais de ondas.

O trem de ondas que chega primeiro manifesta-se por um movimento de cima para baixo ou de baixo para cima segundo a posição da estação em relação ao foco e a natureza do choque no foco. A amplitude destas ondas é fraca e o seu período é pequeno. São as primeiras ondas preliminares ou ondas P. (*Primae Undae*). São mais rápidas, longitudinais e transmitem-se por uma dilatação ou compressão na direcção da propagação.

Minutos mais tarde aparecem, sem que tenha cessado a chegada de ondas da primeira categoria tress de ondas cuja amplitude se torna bruscamente maior são as segundas ondas preliminares ou ondas S (*Secundae Undae*) mais lentas e transversais.

Por fim chegam as ondas de longo período e grande amplitude, que formam a fase principal do sismo. As primeiras desta série são as ondas de Love, de grande período, de vibração tangencial perpendicular ao plano que

contém o raio sísmico e depois as ondas de Rayleigh, de período mais curto, de movimento vertical rítmico e cujo movimento horizontal se faz no plano de propagação.

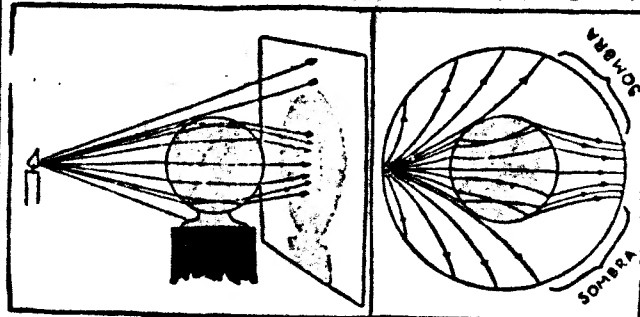
Um facto singular revelado pela observação dos si-



Zona de sombra sísmica de um abalo que irradia do Peru (a nitidez dos limites da zona está exagerada)

mos a longa distancia é a existência da chamada *zona de sombra*, isto é de uma larga faixa na superfície do globo onde os abalos não são percebidos. Está claro que a localização da zona de sombra varia com a localiza-

(Continua na pág. seguinte)



A origem da zona de sombra está relacionada com a constituição do núcleo central da Terra

ZONAS INSTÁVEIS E ZONAS ESTÁVEIS DA CRUSTA TERRESTRE

NA CRUSTA terrestre temos a considerar os movimentos lentos, como os orogénicos e os epirogénicos e os movimentos bruscos, denominados sismos ou tremores de terra.

Os movimentos orogénicos dizem respeito à geração de montanhas, e estão directamente relacionados com os acidentes tectónicos, em especial com as dobras. Os movimentos epirogénicos consistem em movimentos verticais, que elevam ou baixam as massas continentais, relativamente ao nível médio dos mares.

Nem em todas as regiões da crosta se observam tremores de terra, tal como acontece com os fenómenos vulcânicos. Existem, pois, zonas sísmicas, onde os tremores de terra são frequentes, e zonas assísmicas, praticamente sem abalos. Um facto a salientar é o caso das zonas sísmicas coincidirem, de um modo geral, com as faixas vulcânicas a saber, o Mediterrâneo e a Circumpacífica e as cristas médias dos Oceanos. Também estas zonas são regiões intensamente enrugadas pelos movimentos orogénicos da era Cenozóica. Temos que considerar estas duas zonas como as de maior instabilidade do globo terrestre, instabilidade essa que se traduz pela existência de três tipos de fenómenos distintos: os dobramentos que originaram as cordilheiras da actualidade, as manifestações vulcânicas e os abalos de terra.

Incontestavelmente existe uma relação entre fenómenos orogénicos e sísmicos. Alguns tremores de terra, muito localizados, têm causas não orogénicas, tais como aba-

timentos por águas subterrâneas ou explosões internas que acompanham as erupções vulcânicas. Os grandes abalos sísmicos não parecem estar em estreita relação com uma manifestação eruptiva; mas, inversamente, a actividade vulcânica traduz-se por abalos detectados pelas estações vizinhas do vulcão. Contudo, os fortes abalos que atingem grandes regiões da crosta terrestre estão ligados a movimentos orogénicos.

Como se disse, as duas zonas instáveis sofreram enormes enrugamentos na era Cenozóica. Os tremores de terra estarão ligados ao facto de as regiões em que têm lugar não terem ainda terminado o seu enrugamento, havendo, pois, uma continuação dos movimentos orogénicos nos nossos dias. Os dobramentos da crosta são devidos a uma acumulação de forças, acumulação esta a que as rochas resistem durante um certo tempo. Porém, a determinada altura, atingem o limite da sua resistência, e as rochas cedem, bruscamente, provocando um abalo, que, muitas vezes, é acompanhado pela fracturação da crosta.

Em oposição com as zonas frágeis ou instáveis da crosta temos as zonas rígidas, portanto de maior estabilidade, em que não se deram dobramentos geologicamente recentes, onde não existem, em geral, manifestações vulcânicas actuais e onde os abalos se podem considerar incipientes. Estas zonas coincidem com as que não foram submetidas a qualquer movimento orogénico posterior à era Agnostozóica,

a mais antiga era geológica, tendo-se mantido, desde aí, mais ou menos imóveis e rígidas. Constituem os chamados escudos continentais, como o russo e o fino-escandinavo, na Europa; o siberiano, arábico, indico e chinês, na Ásia; o africano; o canadiano, mississipiano e brasileiro-guianense na América; e o australiano.

Além destas regiões de contraste nítido de rigidez e fragilidade, temos, ainda, a considerar zonas que, embora mais estáveis que as faixas mediterrânea e circumpacífica, sofreram dobramentos, por várias vezes, durante a era Paleozóica. As faixas montanhosas do paleozóico encontram-se, por exemplo, em grande parte da Península Ibérica, constituindo a Meseta Ibérica.

A faixa mediterrânea estende-se sensivelmente na direcção leste-oeste e constitui como que uma cintura que envolve o Globo terrestre. Compreende a América Central, as Antilhas, continuando-se pela região mediterrânea, pelo sul da Europa, ilhas do mar Mediterrâneo, Norte de África. O seu prolongamento pela Ásia inclui, em especial, as regiões da Anatólia, da Pérsia, da Arábia, da Índia e da Indochina.

A zona instável denominada Circumpacífica estende-se à volta do Oceano Pacífico, incluindo as cordilheiras dos Andes, a América Central, o litoral pacífico dos Estados Unidos e Canadá, Alasca, ilhas Aleutas, península de Kamchatka, Japão, ilha Formosa e Filipinas.

A crista média do Atlântico inclui, por exemplo, as ilhas de Cabo Verde.

Artes plásticas

Palolo na Galeria 111

Na Galeria 111, ao Campo Grande, encontra-se neste momento patente ao público, a exposição do artista Palolo. Apresenta ele uma série de guache, na sua maneira bem pessoal e que lhe tem valido assinalados êxitos.

Noronha da Costa na Galeria Quadrante

Na Galeria Quadrante, à Avenida Luís Bivar, efectuou-se ontem à tarde a cerimónia inaugural da exposição Noronha da Costa. O artista apresenta os seus últimos trabalhos.

Mário Silva na Galeria Nacional de Arte

Na Galeria Nacional de Arte, amanhã, às 18 e 30, inaugura a sua exposição de Desenho o pintor Mário Silva. Várias vezes aquele artista ali se tem apresentado, sempre com êxito. A cerimónia inaugural as-

siste o embaixador do Japão em Portugal.

Epígrafa Pinto na Galeria Dominguez Alvarez

Na Galeria Dominguez Alvarez, à Rua da Alegria, 117, Porto, foi inaugurada ontem a exposição de Pintura e Esferas Pintadas.

Fica patente ao público até ao dia 13 do corrente.

Armando Anjos expõe na S. N. B. A.

Na S. N. B. A. apresenta-se amanhã à tarde o artista Armando Anjos. O conhecido pintor inaugura a sua exposição pelas 17 horas.

Exposição de Arte no Museu Machado de Castro

No Museu Machado de Castro, em Coimbra, vai ser inaugurada no dia 15 do corrente uma exposição de um grupo de artistas jovens. São eles Artur Bual, Mário Silva, Armando Loureiro e Figueiredo Sobral.

AOS COSTUMES DISSE NADA

COM «LIGEIRO SINAIS...»

É preciso compreender o que representa o baptizado de uma afilhada. A gente encontra pessoas de família, amigos, simples conhecidos, e, está claro. Vai um copo, vai outro copo...

É preciso compreender. Chega-se o feliz pai com uma garrafa de uísque do bom, do legítimo, do de confiança, não pensem lá que! Quer com água? Quer com gelo? Ora, ora, meu carol, isto não faz mal a ninguém, até faz bem ao fígado, palavra de honra, foi o meu médico quem disse, enfim, aquelas coisas que todos sabemos ao nível de uma fantasia amável!

Foi o que sucedeu ao sr. Freitas. Por isso se encontra presente no

Tribunal de Polícia, com a sua gripe fabulosamente agasalhada. Bem, não será por isso. É que, na noite em que se seguiu ao baptizado, fez uma manobra perigosa, que o levou a chocar com outro automóvel. Tudo está perfeitamente demonstrado, e o réu não se furta às consequências. Nega, no entanto, que se encontrasse embriagado. O relatório apenso ao processo refere-se a «ligeiros sinais de embriaguez». Está mesmo a ver-se, que, depois de um baptizado, uma pessoa fica um bocadinho alegre, bem disposta, mas daí até perder a consciência do seus actos vai uma grande distância!

Esse ponto foi devidamente considerado, dentro dos limites que o bom-senso aconselha. Entre «ter bebido» e «estar bebido» há uma grande diferença. Simplesmente, lá que existiu manobra perigosa, isso existiu: lá que existiu choque de automóveis, ninguém desmente — logo: multa de 200 escudos, mais imposto e Procuradoria — e proibição de guiar durante 15 dias.

.. Em casamento e baptizado, automobilista!, toma cuidado. Chocques e outras coisas que tais podem-se dar — mesmo com ligeiros sinais...

Rima — e é mullado.



Se tem qualquer problema económico ou financeiro...

Se pode obter o que lhe interessa pelo recurso ao crédito...

Se lhe interessa pagar os seus impostos em doze mensalidades...

Se quer viajar descansado, sem receio de perder o seu dinheiro...

Se desejar efectuar qualquer outra operação bancária...

então recorra ao



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

As ondas sísmicas

(Continuação da pag. anterior)

zação de cada sismo. Se por exemplo, o foco do tremor de terra fosse no Peru, seriam percebidos os abalos no hemisfério ocidental e nos antípodas do Peru no hemisfério oriental (Índia, Indochina e Índias Ocidentais), mas os sismógrafos das estações situadas na faixa que abrangem o Norte da Sibéria, quase toda a Europa, a África Ocidental, o Sul do Oceano Índico, o Sudoeste da Austrália e a parte ocidental do Pacífico nada registariam.

Este facto provém da refração sofrida pelas ondas sísmicas nas camadas profundas da Terra. Esquemáticamente o globo terrestre compõe-se de uma série de camadas concêntricas de diferente natureza. Assim temos a crosta designada por sua espessura variável (5 km. no fundo dos oceanos, 30 a 70 km. nos continentes), formada por rochas de composição granítica. Por baixo da crosta temos o manto chamado sima, formado por rochas de textura e densidade diferentes das da crosta de composição basáltica e cuja densidade vai aumentando com a profundidade. Depois, o núcleo de massa ferro-niquelica aqueci-

da ao rubro branco, com certeza líquido uma vez que as ondas sísmicas secundárias o não atravessam, refractando-se e originando a zona de sombra.

Um sismo é geralmente complexo, isto é, o abalo não é único; muitas vezes dão-se vários, em intervalos próximos. Um sismo grande é habitualmente precedido por abalos de menor intensidade — *abalos preliminares* — e seguido de réplicas em número variável. O aumento do número de abalos preliminares indica a aproximação da catástrofe.

A produção de réplicas é natural: as camadas atingidas, descomprimidas após um choque violento não retomam a sua posição de equilíbrio senão depois de abalos cada vez mais fracos e menos frequentes. Constatou-se que depois de um sismo o número de réplicas sentidas diminui dia a dia, segundo uma lei hiperbólica. Os epicentros das réplicas não correspondem forçosamente ao do abalo principal: pode haver um fenómeno de migração do epicentro no interior da zona mais atingida, migração que se pode efectuar tanto no sentido vertical como no horizontal.

Fenómenos sonoros e luminosos

(Continuação da pag. anterior)

das internas, que foi objecto de inúmeras investigações estatísticas no século XIX, em especial por Perry, não deve ser totalmente rejeitado. Durante o sismo ocorrido em Bucareste em 10 de Novembro de 1940, observaram-se fenómenos luminosos (iluminação do céu, relâmpagos, faíscas, arcos luminosos, manchas de luminosidade) em grande número e numa extensão considerável. Tem-se hesitado sobre a explicação destes curiosos fenómenos cuja realidade não parece de pôr-se em dúvida. Talvez se tratasse de emanacões de gases inflamáveis vistos no momento da sua incandescência. Emanacões deste tipo têm sido assinaladas, várias vezes, sobretudo em regiões com fontes termais.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bomfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedra Rubra, a partir das 20 horas.

Actualidade internacional

JIM GARRISON

ACUSA CLAY SHAW

DE PERJÚRIO

NOVA ORLEANS, 4 — (F. P.) — Jim Garrison, procurador de Nova Orleans, atacou ontem, mais uma vez, Clay Shaw, o homem de negócios da Luisiana que, na semana passada, foi ilibado da acusação de haver participado numa conjura para assassinar o presidente John Kennedy. Garrison acusa Shaw de perjúrio, por haver afirmado sob juramento que não conhecia nem Lee Harvey Oswald, assassino presumido do presidente, nem David Ferrie, um piloto de táxis-aéreos, que morreu em circunstâncias misteriosas durante o inquérito do tribunal criminal de Nova Orleans.

A GUINÉ EQUATORIAL VOLTOU A PEDIR O ENVIO DE «CAPACETES AZUIS»

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 4 — (A. N. I.) — O presidente da Guiné Equatorial, Francisco Macias Nguema, enviou ontem ao secretário-geral das Nações Unidas, U Thant, novo telegrama reiterando o seu pedido de «urgente envio» de uma força de 150 soldados das Nações Unidas para pôr termo à «agressão espanhola contra a indefesa população africana».

Macias Nguema afirma no novo telegrama que as forças espanholas estacionadas no país «continuam a cometer agressões» e declara que dois guineenses

foram «gravemente feridos» por soldados espanhóis.

Um informador da missão espanhola nas Nações Unidas afirmou que estas acusações são «falsas» e revelou que o embaixador Jaime de Pinles está a preparar uma nota oficial para entregar a U Thant.

O informador espanhol revelou também que o seu país pediu à Cruz Vermelha Internacional para auxiliar nos trabalhos de retirada dos refugiados que querem deixar a Guiné Equatorial.

No seu segundo telegrama

a U Thant — o primeiro foi enviado no sábado — Macias Nguema reitera o seu pedido para que as forças espanholas sejam retiradas.

A Espanha tem mantido na Guiné Equatorial, desde a independência, em Outubro, um contingente de 280 homens, no âmbito de um acordo assinado com o Governo do novo país, depois de os dirigentes da Guiné Equatorial terem declarado que não podiam garantir a segurança da vida e da propriedade dos espanhóis residentes no país — esclareceu o informador espanhol.

Acrescentou que as forças espanholas serão retiradas «logo que tenham partido todos os civis espanhóis que queiram deixar o país».

De Pinles pediu a U Thant que envie um representante especial à Guiné Equatorial para observar a situação e, em círculos espanhóis, afirma-se que há indícios de que U Thant vai tomar essa medida em breve.

Pelo seu lado, um informador do secretário-geral afirmou ontem aos jornalistas que este considera que só o Conselho de Segurança tem autoridade para dar provimento ao pedido do presidente Macias Nguema, que deseja uma pequena força da O. N. U. no seu país.

Acentuou que, até aqui, nem a Guiné Equatorial nem a Espanha pediram a reunião do Conselho de Segurança.

SIRHAN COMO TESTEMUNHA

LOS ANGELES, 4 — (R.) — Sirhan Sirhan, Jordano de nascimento, que está a ser julgado por um tribunal desta cidade sob a acusação de ter assassinado o senador Robert Kennedy, sentou-se a noite passada no banco das testemunhas e confessou que o matara.

Logo após ter ocupado o banco das testemunhas, foi perguntado ao réu se assassinara o senador.

Numa voz calma, Sirhan respondeu: «Sim, senhor juiz».

O principal advogado de defesa, o dr. Grant Cooper, leu uma passagem de uma página do diário de Sirhan que repetia as palavras «RFK deve ser assassinado» e perguntou ao réu se era a sua escrita.

Sirhan replicou afirmativamente.

O réu, de 24 anos, prestou juramento com o punho fechado, levantado, como já o fizera uma vez, durante o julgamento.

DESASTRE NUM ESTÁDIO

SAO PAULO, 4 — (A. N. I.) — Morreu uma pessoa quando caiu uma bancada do estádio Morumbi, ainda em construção, durante o jogo São Paulo-Corinthians (com a vitória do último por 4-2).

Há quarenta feridos. Testemunhas oculares informam que houve pânico quando caiu uma falsa parte das bancadas. Um troço em construção, devido ao número de espectadores que corriam e se atropelavam, cedeu em parte, e desabou.

Algumas estações de Rádio informaram que houve quatro mortos, mas a Polícia só confirma a morte de uma pessoa. Os feridos foram tratados no local e três, em estado mais grave, foram hospitalizados.

EMOÇÃO A MAIS

LIVERPOOL, 4 — (A. N. I.) — Cinquenta e oito pessoas ficaram feridas quando assistiam ao encontro de futebol entre o Leicester e o Liverpool, disputado, ontem à noite, na cidade de Liverpool. Dezoito foram hospitalizados com fracturas.

A maioria das vítimas é constituída por crianças.

A ocorrência deu-se numa fase mais emotiva do encontro que levou a multidão a inclinar-se para a

frente, comprimindo as pessoas que estavam nas primeiras filas.

O encontro atraiu 55 000 espectadores.

A F. N. L. ANUNCIA BAIXAS

DO ADVERSÁRIO

HONG-KONG, 4 — (F. P.) — A ofensiva da Primavera, começada em 28 de Fevereiro, causou pelo menos 5675 mortos entre os soldados norte-americanos e 30 entre os australianos — anunciou ontem a rádio da Frente Nacional de Libertação, captada em Hong-Kong.

A emissora acrescentou que as forças da F. N. L. abateram 117 helicópteros e aviões, sem contar os 63 aparelhos destruídos no aeródromo de Qui Nonh durante a ofensiva. A Rádio afirmou, por outro lado, terem sido afundados 27 navios norte-americanos no delta do Mekong.

Contactos amigáveis foram estabelecidos com a população, que recebeu géneros alimentícios e apetrechamento militar.

A F. N. L. revelou ainda que dispõe de quadros responsáveis em importantes bases norte-americanas e sul-vietnamitas.

Utilizados tanques «PT-76» contra uma base no Vietnam do Sul

SAIGÃO, 4 — (R.) — Um informador militar norte-americano revelou que tropas norte-vietnamitas, usando pela primeira vez tanques soviéticos «PT-76», atacaram hoje uma base de forças especiais dos E. U. A «boinas verdes» — perto da cidade de Kontum.

Um informador acrescentou que um dos tanques, armado com canhões de 85 mm, ficou destruído durante o ataque mas desmentiu que a base tivesse caído em poder dos atacantes. Disse ainda que morreram dois soldados americanos e que os sul-vietnamitas tinham sofrido perdas ligeiras.

Os norte-vietnamitas têm utilizado esse tipo de tanques, bem como artilharia de fabrico chinês ou russo, particularmente na parte norte do Vietnam do Sul.

A base hoje atacada, Ben Het, encontra-se a 64 quilómetros da fronteira do

Cambodja. Calcula-se que os tanques tenham sido trazidos até à fronteira através de território laotiano e cambodjano. Mas, mesmo assim, conseguiram percorrer os 64 quilómetros sem serem molestados ape-

EFEITOS DO SISMO EM AYAMONTE

AYAMONTE (Espanha), 4 — (A. N. I.) — Mais de 150 casas foram danificadas em Ayamonte (Espanha) pelo abalo de terra que na madrugada de sexta-feira sacudiu violentamente a Espanha, Portugal e o Norte de África.

Entre os edifícios danificados figuram a igreja das Mercês, cuja torre apresenta grandes fendas, e três fábricas de conservas de peixe.

sar da intensa actividade de reconhecimento aéreo. O canhão de 85 mm dispara um obus de 9 quilos e é uma das maiores armas do arsenal norte-vietnamiano.

Tropas americanas e sul-vietnamitas têm recentemente anunciado a descoberta de uma série, cada vez maior, de armas pesadas norte-vietnamitas. Pensa-se que o Vietnam do Norte está a reforçar o potencial das suas forças no planalto central, à volta de Kontum, desde que, há nove dias, iniciaram a sua última ofensiva.

A base de Ben Het, por seu lado, tem estado a reforçar as suas defesas. As forças americanas que a ocupam — «as boinas verdes» — estão treinadas para lutar em sózinhos e isoladas. São consideradas uma força de elite, e possuem grande número de condecorações.

ESTACIONAMENTO?



No

TUTTI MUNDI
o seu carro tem lugar!

Enquanto faz as suas compras,
almoca, janta ou toma chá
deixe o seu carro ao nosso cuidado.

TUTTI MUNDI
tem uma garagem privativa

COM SERVIÇO



ao seu dispor

TUTTI MUNDI
DRUGSTORE

A França conta com uma nova estrela de cinema: François Peraal, de 19 anos, que acaba de desempenhar papel de relevo no filme «Love Feeling», produzido pela Piccadilly Pictures, de Londres. Devido à sua atuação naquela película, François já foi contratado para tomar parte em mais dois filmes.

ECOS

Os Estados Unidos preparam-se cuidadosamente para discutir com a União Soviética os grandes problemas do mundo de hoje. E, para que esse diálogo não se frutifique e sirva de base a eventuais negociações, entende o presidente Nixon dever ouvir, com toda a atenção, os pontos de vista dos seus aliados. Tudo isto é, em princípio, sensato e aplausível, mas, analisado mais em profundidade, pode a alguns parecer lírico, no mau sentido, e pouco substancial. Parece que assim pensavam os manifestantes de Roma, que, passando por sobre as velhas normas da cortês hospitalidade italiana, valiam-se, julgo do palácio Chigi (sede da Presidência do Conselho onde Nixon conferenciava com Saragat), o chefe político da nação que ainda prossegue a guerra no Vietnã e que é tida pelas esquerdas como exploradora da América Latina, colonizadora sub-reptícia dos países subdesenvolvidos da Ásia e da própria Europa Ocidental, etc. Jacques Nébcourt, em correspondência de Roma publicada no *Le Monde*, afirma que a violência da manifestação anti-imperialista atingiu tal índice que acabou por se tornar, após os choques com a Polícia, num cento de feridos e trezentas prisões. Ao mesmo tempo, Hanói e a Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul acusam abertamente o gabinete Nixon de ser mais pífido do que a administração Johnsons. No entanto, torna-se claro que a República Democrática do Vietnã compreendeu que cedo ou tarde os americanos terão de ceder.

Vários dias após o sismo que arrepelou de modo a grande maioria da população portuguesa — e que causou, sobretudo nos economicamente débeis, dramáticos prejuízos, mormente no Algarve — há ainda em Lisboa pessoas que dormem vestidas, prontas para o primeiro alerta, ou que não conseguem mesmo dormir. As injeções de coramina, ministradas na noite do grande pânico, têm de suceder agora as de ponderação e serenidade. É, obviamente, as providências sérias e rápidas (bem sabemos o que significa pedir rapidez em terra onde a morosidade na coisa pública é tradição...) Enfim! Para já, esperemos que venha o tempo seco, pois as infiltrações de água

EUGÉNIO DE CASTRO NASCEU HÁ CEM ANOS

Foi um poeta Eugénio de Castro, o poeta que destruiu o mito de Camões e a lenda da epopéia, o poeta que, como ele gostava de dizer, e se tornou um dos expoentes mais altos da escola simbolista, nasceu há cem anos. Completamente.

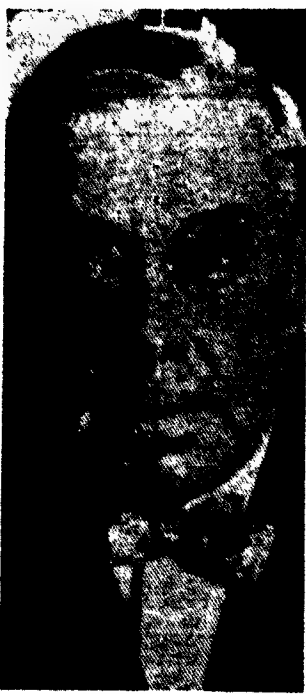
Filho e neto de jentes da Universidade, com contornos genealógicos subindo por séculos fora e em que ele sentia tanto orgulho como no seu talento. Eugénio de Castro nasceu em 4 de Março de 1868. Pertenceu a uma família em Lisboa, e aliás tentou a carreira diplomática, inclinándose depois para o professorado e para o jornalismo. Fez parte das redacções do *«Diário do Comércio»* e *«Vozes»*. Homem de letre, publicou os primeiros versos com 15 anos, *«Cristalizações da Morte»* e chamavam. Vistam depois outros livros, outras tendências. Ao proclamar-se a República e ser exilado, a Faculdade de Letras, em

Coimbra, Eugénio de Castro era nomeado professor. Hora metempsicose antes o poeta de raro mérito do que pedagogo, em grandes provins; e isso a despeito de Eugénio de Castro ter sido sempre um conservador e gostando até de exibir suas honras de cavaleiro da Casa Real.

Além dos livros de poesia escreveu estudos de investigação genealógica e filológica, e ainda um guia de Coimbra e dois volumes de *«Cartas de Torna Viagem»*, onde compôs os artigos escritos para um jornal de Buenos Aires.

Eugénio de Castro, porém, ficou como poeta, expoente máximo do simbolismo entre nós, desde esse volume contendo os *«Quartetos»*, publicado em 1890, com requintes gráficos e mais ainda de linguagem. O autor deste livro não espera o favor do público nem os louvores da imprensa: aquela deixará que os OARISTOS amarelecem nas montanhas dos livros, esta encontrará ocasião de exibir a sua talante e acurrida dicção, dizia no prefácio.

Esta estalante e acurrida dicção são o Eugénio de Castro dos *«Quartetos»*, da *«Silva»*, do *«Interlúdio»*, da *«Sagração»*, de tantos outros poemas onde há verdadeiras jóias de poesia, menas estranhas e novas, emolduradas



EUGÉNIO DE CASTRO

TAPETES
Carpélio
Dist. Exclus.
Elis Amorim & Filho, Lda.
PORTO-LISBOA
CARPETES

(Continua na 14.ª página)

O CAFÉ E OS DIAMANTES EM BRUTO REPRESENTAM 70% DAS EXPORTAÇÕES DE ANGOLA

- REFERIU UM DEPUTADO NA ASSEMBLEIA

AO ACENTUAR OS RISCOS DESTA CONCENTRAÇÃO

A Assembleia Nacional, a que presidiu o sr. dr. Soares da Fonseca, secretário-geral dos srs. drs. Cid Frença e Serras Pereira, continuou hoje a analisar as Contas Públicas de 1967, que continuam a constituir a ordem do dia.

O sr. dr. Nunes Barata, ao ocupar-se daquele importante documento no que se refere a Angola, começou por referir as taxas de crescimento das receitas e despesas (15,2 e 15,3 por cento, respectivamente) daquela província. E afirmou:

«Após seis anos de saldos positivos, a balança comercial de Angola fechou, em 1967, com um défice de 1068 mil contos. Tal agravamento ficou a dever-se a substancial importação de bens de equipamento, destinados às indústrias extractivas».

«Tanto as exportações como as importações acusaram nos últimos anos sensíveis acréscimos. O valor da exportação subiu de 4683 mil contos em 1962 para 6537 mil contos em 1967. No mesmo período o valor das importações aumentou de 4211 mil contos para 7905 mil contos».

«Acentuou que as exportações não são originárias principalmente do sector primário, acrescentando:

«O café (1546,7 mil contos) e os diamantes em bruto (1204,3 mil contos) representam, respectivamente, 51,9 e 17,6 por cento do mesmo valor total. Assim, se os dois produtos das exportações de Angola totalizam 70 por cento do seu valor, não poderemos deixar de referir os riscos desta alta concentração, obtida, de resto, à custa de um produto primário sujeito a instabilidade de cotizações».

Estados Unidos: grandes clientes de Angola. Disse mais adiante o sr. dr. Nunes Barata que os Estados Unidos da América reforçaram nos últimos anos a sua posição como grandes clientes de Angola, tendo vindo a enfiar-se a sua posição relativa à Metrópole e os países do Mercado Comum e da B. F. T. A.

Acentuou o orador que em 1967 a balança comercial de Angola acusou saldos positivos em relação aos Estados Unidos da América (816 mil contos) e às restantes províncias ultramarinas (36 mil contos) e saldos negativos quanto à Metrópole (-518 mil contos), países do Mercado Comum (-1092 mil contos) e da B. F. T. A. (-918 mil contos). E formulou os seguintes votos:

«Que se intensifiquem as exportações da Província, de forma a manter-se não só um equilíbrio na balança comercial, cada vez mais agravada com a importação de bens de equipamento e duradouros de consumo, mas, muito particularmente, a obter-se um reforço para a balança de pagamentos, tradicionalmente em dificuldades».

«Que se diversifique, quanto possível, as exportações e os mercados de des-

tino, procurando evitar as crises fundadas na tendência para o aviltamento das cotizações dos produtos tropicais».

«Que o surto previsto na exploração do subsolo seja acompanhado de uma transformação, no maior grau possível, de tais minérios na Província, em vez de serem exportados para o exterior».

«Que identifique a política de generalização do sector da agricultura, silvicultura e pecuária, processando-se, em maior grau, a industrialização de tais produtos na província, não só para valorização das exportações mas também para dispensar as mesmas e facilmente substituíveis importações».

O sr. dr. Nunes Barata analisou, depois, em pormenor, os principais sectores produtivos de Angola e as perspectivas da sua evolução. Referiu as iniciativas oficiais, as perspectivas da exploração de minérios e do petróleo, etc.

«É já a terminar», disse, «há 1965 frequentavam a escola primária 87 mil alunos; em 1967, o mesmo número já era de 358 mil. Esta evolução pela escola primária não se detém e constitui, se convenientemente orientada, factor tão decisivo para o futuro de Angola, como o já referido desenvolvimento das forças produtivas ou a luta contra o terrorismo».

«Nos domínios da saúde, o aumento das divórcios sanitários e das instalações hospitalares, nomeadamente dos Hospitais Ruínas, revelaram uma insistent preocupação

de alargar a cobertura sanitária da Província. Por outro lado, a acção desenvolvida no combate da tripanossomiasis, da tuberculose, da varíola e da lepra contabilizou igualmente sucessos».

Os hospitais não são empresas industriais

No período de antes da ordem do dia o deputado por Coimbra, dr. Santos Bessa, ocupou-se das quatro diplomas publicadas pela pasta da Saúde desde 27 de Abril passado até esta data — precisamente daqueles que, sucessivamente, criaram a carreira médica hospitalar, estabeleceram o Regulamento Geral dos Hospitais e o Regulamento do Internato Médico e estabeleceram em novos moldes o estágio do último ano do curso de Medicina. E afirmou, a propósito, depois de aludir à acção persistente da Ordem dos Médicos:

«A publicação destes diplomas justifica plenamente que eu a firme nesta Assembleia o meu regozijo pelo espírito que presidiu à sua elaboração, pelas medidas que nela se contém, pela formação médica que permitem, pela elevação do nível da Medicina Portuguesa que daí resulta e pelo alcance social que é facto esperar da sua aplicação, na melhor assistência aos doentes, no aperfeiçoamento da Saúde Pública e na economia da Nação».

«Estamos convencidos de que estes diplomas marcam somente o início duma série

(Continua na 15.ª pag.)

A obra do Centro Infantil Helen Keller posta em relevo na reunião do Rotary Clube de Lisboa

A reunião semanal de hoje do Rotary Clube de Lisboa, foi dedicada ao Centro Infantil Helen Keller. Houve primeiro uma visita às instalações daquela instituição de educação de crianças deficientes visuais (que é dirigida, hoje, a única de âmbito nacional existente em Portugal). Seguindo-se o habitual almoço a que presidiu o sr. Joaquim Ferreira Queimado.

Na mesa da presidência encontravam-se entre outras personalidades o palestrante dr. Henrique Moutinho, dr. Rosalino Teixeira, director pedagógico do Centro Helen Keller, dr. Matos dos Santos da direcção da Liga da Profilaxia da Cegueira e Manuel Costa e Silva, cineasta. Feito o protocolo pelo sr. eng.ª Maria Helena Ramalho, secretária do Centro Helen Keller, o sr. dr. Nunes de Oliveira deu conta do expediente e de outros assuntos de interesse rotário.

O sr. dr. Henrique Moutinho na sua palestra deu conta ao clube do desenvolvimento da obra que dirige e que iniciou há 15 anos com os fundos que a direcção do clube lhe entregou na esse fim, em resposta ao apoio que fez aos rotários em 1954 a favor dos diminuídos visuais.

O orador sublinhou que algumas dezenas de contos que então serviram de base à criação daquele Centro, estão hoje a servir para a educação de milhares de crianças, entusiasmo, dedicação e competência dos técnicos que o têm auxiliado nesta missão e que esta iniciativa, inicialmente modesta, tende agora a ser objectiva, gerando nos poderes públicos.

Foi também, desse apoio que saiu a Fundação São,

obra do benemérito rotário honrário Matias Sá, que então encorajou a dr. Henrique Moutinho da sua organização técnica e que foi a base da recuperação dos olhos do menino, no mesmo País.

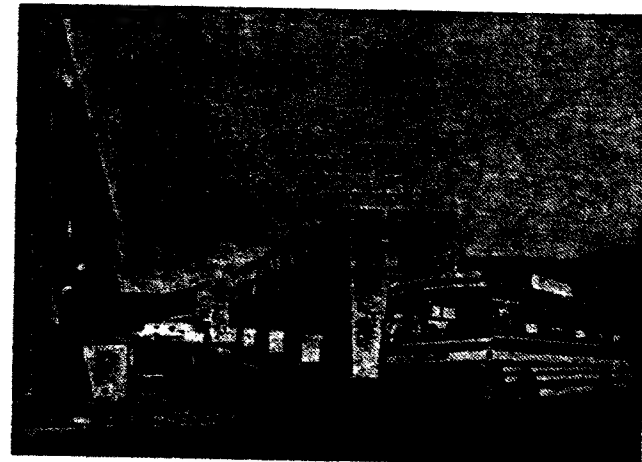
Um reconhecimento de utilidade pública e a devolução financeira da Direcção-Geral de Assistência e da Fundação Calouste Gulbenkian, o Centro Infantil Helen Keller atingiu prestígio internacional, sendo a única instituição do mundo onde se realiza uma experiência original que visa, com os melhores resultados práticos, a integração sócio-pedagógica, tão precoce quanto possível, da criança deficiente, no mundo dos indivíduos de visão normal. Crianças cegas, surdas e sem defeitos visuais vivem num ambiente afectivo em grupo cooperativo num regime de perfeita igualdade que as prepara para a sua futura integração social.

Esta obra, de interesse humano, social e económico excepcional, merece a compreensão e auxílio de todos e o dr. Henrique Moutinho terminou a sua curta mas significativa exposição apelando para a acção rotária de todos aqueles que sentem, como ele, a necessidade de a engrandecer.

Em seguida foi exibido um filme documental de métodos pedagógicos seguidos no Centro Helen Keller, com a participação actual, directora pedagógica dr.ª Rosalina Teixeira.

Conta Infantil BANCO DO ALENTEJO

PÁGINA CENTRAL



Todos os habitantes de Santo António dos Cavaleiros têm fácil acesso ao transporte para Lisboa, uma vez que os autocarros percorrem as principais artérias.

Assegurada a ligação em transportes colectivos entre Lisboa e Santo António dos Cavaleiros

Entrou esta manhã em funcionamento um serviço de transportes colectivos entre Santo António dos Cavaleiros e Lisboa (terminal de Entre-campos do metropolitano), melhoramento de assinalar a estrada em que aquele núcleo urbano dispõe já de 1100 fogos, 300 dos quais destinados a beneficiários da Federação das Caixas de Previdência — Habitações Económicas — e todas construídas pela Iccsa — Indústrias de Construção — Empreendimentos S. A. R. L.

Foi possível estabelecer este novo serviço de apoio à população de Santo António dos Cavaleiros, graças ao interesse manifestado pela Empresa de Camionagem Barraqueiro, de Joaquim Jerónimo, Lda., cuja colaboração se revelou do maior interesse.

Criaram-se 11 carreiras, em cada sentido, as primeiras saindo de Lisboa e de Santo António dos Cavaleiros às 6,40h e 6,20h, respectivamente, e as últimas partindo às 0,45h e 22 e 20.

Importa ainda salientar, que os autocarros da Empresa de Camionagem Barraqueiro percorrem os principais arruamentos do núcleo habitacional, facilitando assim o acesso dos moradores às suas residências.

A concretização deste melhoramento confirma, por outro lado, a preocupação da Iccsa em desenvolver a assistência aos habitantes e revelar o sentido de cooperação manifestado pela Empresa de Camionagem Barraqueiro.

A inauguração simbólica de carreira

Ontem, ao fim da tarde, houve um acto inaugural simbólico que assistiram o presidente da Câmara Municipal de Loures, sr. Joaquim Dias de Sousa Ribeiro, e um director de serviços da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, eng.ª Lacerda Leitão, bem como os administradores da Empresa de Camionagem Barraqueiro, sr. Fernando Lourenço e Artur Pedrosa. Por parte da Iccsa, estiveram os srs. eng.ª Monteiro de Barros e dr. Quirino Mendes, respectivamente, vice-presidente do conselho de administração e administrador, e os funcionários superiores da empresa srs. eng.ª Jardine Neto, director dos Serviços Técnicos; arq.ª Ruy Mercante, director dos Serviços Construtivos; arq.ª Pinto, chefe do Gabinete de Estudos e Projectos; eng.ª Ferreira de Almeida, chefe da Produção; eng.ª Maia Moura, chefe do Planeamento; sr. Faz Branco, chefe do Estaleiro; Sérgio Madeira, chefe do departamento de Verificação; e Fernando Conde, chefe

do serviço de pós-venda. Presente, uma delegação de moradores de Santo António dos Cavaleiros.

Após os cumprimentos, os visitantes e os indivíduos presentes tomaram lugar num dos autocarros das carreiras e percorreram os principais arruamentos de Santo António dos Cavaleiros, apreciando o conjunto urbanístico.

Regressados ao Centro Comercial, os visitantes foram



O presidente do Município de Loures e director da Iccsa, junto de um dos veículos com que a Empresa de Camionagem Barraqueiro assegura a ligação com Lisboa.

obsequiados com um beberefe, durante o qual foi salientada a importância do melhoramento.

Falou, em primeiro lugar, o sr. eng.ª Monteiro de Barros, vice-presidente do conselho de administração da Iccsa, que começou por agradecer a presença das entidades que ali se encontravam, e depois, ao presidente do Município de Loures, a quem manifestou o seu reconhecimento pelo apoio e incentivo que tem dado a tudo quanto se relaciona com Santo António dos Cavaleiros, mostrando-se, também, grato à Direcção-Geral dos Transportes Terrestres pelas facilidades concedidas para a concretização das carreiras.

O sr. eng.ª Monteiro de Barros dirigiu, a seguir, agradecimentos à Empresa de Camionagem Barraqueiro, a quem correspondeu ao entusiasmo e às solicitações da Iccsa, as obras que apresenta e a Câmara local.

Salientou, a seguir, a importância do novo melhoramento, que «honra a Iccsa, honra Santo António dos Cavaleiros e honra quantos para lá se contribuíram».

Referiu, depois, que a Iccsa tem incluído entre as suas prioridades a melhoria do nível da qualidade da vida e a conclusão, feita pela Direcção-Geral dos Transportes Terrestres por ter resolvido da melhor forma o problema do estacionamento das carreiras, a qualquer dano a registar, de Santo António dos Cavaleiros resolverem o problema das suas deslocações a Lisboa.

VINÍCIUS PÓS GRAVATA PARA O DISCO

O insólito aconteceu ontem: Vinícius de Moraes pôs camisa branca e gravata para o lançamento do seu disco — *«Recita de Mulher e três outros poemas»* — editado pela Philips.

Começou com uma sessão de autógrafos na Discoteca Universal, onde trezentos exemplares se foram em hora e meia. Depois, atrasado mas loquaz, o poeta chegou ao Hotel Embaixador para um cocktail semi-oficial. Presentes Urbano Tavares Rodrigues, David Mourão-Ferreira, Baptista Rosa, Baptista Bastos (que já sobraça o seu novo livro, *«As palavras dos outros»*), Jaime Mourão-Ferreira e anfitriões da Philips, entre os quais o dr. Mário de Castro. Disco foi pretexto para um jantar antecedido.

E agora? Agora Vinícius sai de Portugal no dia 11 e regressa em fins de Abril, então com Chico Buarque de Holanda e Nara Leão. O show já está marcado.

DIALOGO TRANSITIVO DIALOGO TRANSITIVO

por Alberto Ferreira

QUANDO o berbere disse ao godo que a civilização romana estava cheia de patranhas e lhe lembrou a chacinha dos lusitanos pelas legiões civilizadoras, o autor do diálogo pretendia tão-só mostrar a relatividade do ponto de vista. Acontece que Rodrigo, o godo, ignorava que o maior fogo posto a uma grande biblioteca da humanidade foi da autoria e responsabilidade de um mugilmano, o famigerado Califa Omar, conquistador de Alexandria. E que o auto-de-fé em que se consumiu um legado irremediavelmente oculto na ignorância de séculos, foi ditado num aliojamento pretensamente aristotélico, que se resume numa máxima de sabedoria bárbara: se toda a verdade está contida no Corão é inútil a biblioteca de Alexandria: queime-se! Valente Omar. Fex aquilo que se chama hoje caricatamente uma verdadeira revolução cultural!

Mas Rodrigo não estava preparado doutrinariamente para objectar fosse o que fosse aos futuros construtores da mesquita de Córdoba e do fantástico palácio de Granada. Quanto ao sinal de imoralidade, testemunhado na prática da poligamia, o berbere foi-lhe dizendo que ele, Rodrigo, não respeitava a sua lei e que tal desrespeito mostrava claramente a natureza subjectiva das normas, etc. Em suma, Rodrigo ofendia-se por lhe levarem as mais belas donzelas para o harem do Amir mas não se abstinha de usar o direito de prima noctis, de ter procedimento condenável, etc. Como era duto, Abderramão perguntou a Rodrigo se tinha lido alguma vez Homero. Rodrigo respondeu que não, que só conhecia uma *Vita Christi*, e uma má tradução das *Origens*, de Santo Isidoro de Sevilha (morto em 636). O árabe fitou-o ironicamente. A ironia estava em sincronismo com o avanço do islamismo no Oriente que por essa altura da conversa, substitua na prática as vãs tentativas cristãs para prosseguir o legado cultural do helenismo. Ora, se Rodrigo tivesse lido Homero, o berbere dir-lhe-ia que grande parte dos heróis que assediavam Troia e mesmo os honrados guerreiros da casa de Príamo não desdenhavam a poligamia. Sabe-se mesmo que um filho de Aquiles desposou uma filha do rei de Esparta ao mesmo tempo que gerara um filho de Andrómaca, ex-mulher de Heitor. Estes costumes asiáticos, como sublinha de resto, Eurípides (leia a tragédia *«Andrômaca»*), não agradavam a todas as gregas, o que não significa

que os viris guerreiros pusessem de lado tão venturoso canúbio.

Ora bem: vem isto a propósito de se encarnicarem contra o autor da história umas tantas almas lusitanamente puras. É evidente que o autor não pertence ao partido de Abderramão. Mas nestas coisas de moral e de história o narrador deve colocar-se numa posição imparcial. A aristocracia goda compartilhara a terra com os antigos patricios romanos, isto apesar de se apresentarem na Ibéria como conquistadores. Alguma coisa de semelhante se passou quando o islamita atravessou as colunas de Hércules. Com notória diferença: o godo deixou-se atrair pela ordem romana, desde a crença cristã, às leis, língua, literatura, etc. Aliás, mostrara-se discípulo distraído, pois muito do Grande Legado jazia esquecido na Biblioteca de Alexandria: queime-se! Valente Omar. Fex aquilo que se chama hoje caricatamente uma verdadeira revolução cultural!

Mas Rodrigo não estava preparado doutrinariamente para objectar fosse o que fosse aos futuros construtores da mesquita de Córdoba e do fantástico palácio de Granada. Quanto ao sinal de imoralidade, testemunhado na prática da poligamia, o berbere foi-lhe dizendo que ele, Rodrigo, não respeitava a sua lei e que tal desrespeito mostrava claramente a natureza subjectiva das normas, etc. Em suma, Rodrigo ofendia-se por lhe levarem as mais belas donzelas para o harem do Amir mas não se abstinha de usar o direito de prima noctis, de ter procedimento condenável, etc. Como era duto, Abderramão perguntou a Rodrigo se tinha lido alguma vez Homero. Rodrigo respondeu que não, que só conhecia uma *Vita Christi*, e uma má tradução das *Origens*, de Santo Isidoro de Sevilha (morto em 636). O árabe fitou-o ironicamente. A ironia estava em sincronismo com o avanço do islamismo no Oriente que por essa altura da conversa, substitua na prática as vãs tentativas cristãs para prosseguir o legado cultural do helenismo. Ora, se Rodrigo tivesse lido Homero, o berbere dir-lhe-ia que grande parte dos heróis que assediavam Troia e mesmo os honrados guerreiros da casa de Príamo não desdenhavam a poligamia. Sabe-se mesmo que um filho de Aquiles desposou uma filha do rei de Esparta ao mesmo tempo que gerara um filho de Andrómaca, ex-mulher de Heitor. Estes costumes asiáticos, como sublinha de resto, Eurípides (leia a tragédia *«Andrômaca»*), não agradavam a todas as gregas, o que não significa

FILIA GRAFICA

- UM GRANDE SALAO INTERNACIONAL DE EDIÇÕES E MATERIAL GRAFICO
- UMA DEMONSTRAÇÃO DE UTILIDADE PARA OS TÉCNICOS
- UMA EXPRESSIVA EXIBIÇÃO PARA O PÚBLICO

HORARIO de hoje e amanhã Das 16 às 23 horas

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

to aos sócios para que, a partir de Março, passem a pagar voluntariamente uma quota suplementar. Foi ainda lida uma proposta da Direcção no sentido de ser conferido o título de sócio honorário ao presidente da Câmara, sr. Joaquim Guilherme Araújo Abreu, em sinal de reconhecimento pe-

O famoso Paco Ibáñez, compositor e cantor da nova geração espanhola («Don Dinero», «Me queda la palabra», «Andaluces de Jáene»), vem a Lisboa para três espectáculos no Teatro Villaret, o primeiro dos quais será em princípio a 11 de Abril. Com Ibáñez actua o conjunto «Nuestro Pequeño Mundo».

CALÇADA DO COMBRO, 21-23 — LISBOA

Na P. S. P. apresentou queixa o trabalhador sr. José Gaspar da Silva, de 26 anos, casado e residente no lugar do Laro (Palmela), contra dois desconhecidos que na Praça do Boccage o abordaram e lhe pediram para rebater um vigésimo «premiado», recebendo como caução a quantia de 8000\$00 que havia acabado de receber no Banco Português do Atlântico e não lhe pertenciam, pedido a que acedeu.

É claro que o vigésimo não tinha qualquer prêmio, e portanto, os desconhecidos desapareceram e com eles os 8000\$00.

AS DIFICULDADES FINANCEIRAS NO SENEGAL EXPÕEM-NO A RISCOS POLÍTICOS

Por **PIERRE BIARNES**

DACAR (FEVEREIRO) — Por ocasião da sua primeira sessão do ano, o Conselho Nacional da União Progressista Senegalesa, partido governamental único de que é secretário-geral o presidente Leopold Sedar Senghor, ouviu e examinou, em 11 de Janeiro em Dakar, um importante relatório de Jean Collin, ministro das Finanças, acerca da situação orçamental do Estado.

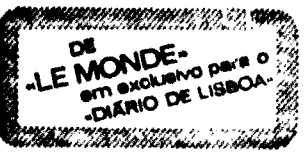
Este relatório arrisca-se a fazer certo barulho. Nos últimos dois anos, a situação das finanças públicas senegalesas não cessou de piorar para se tornar, agora, realmente preocupante. Pela primeira vez desde a independência, o orçamento de funcionamento prevê um défice, e já não existe orçamento de desenvolvimento dos recursos próprios — o que implica, uma vez que a Tesouraria é muito apertada para que parte desta seja mobilizada a longo prazo, que o financiamento do próximo plano quadrienal (1969-1973) tenha de ser totalmente dependente do auxílio público externo e dos investimentos privados estrangeiros.

O orçamento de funcionamento em si tende a tornar-se pouco a pouco uma simples verificação dos custos, das despesas da função pública e das chamadas de transferência, que só servem na maior parte das vezes para pagar a outros funcionários, municipais, regionais, etc., não deixando de aumentar a despesa das de material e de obras. Como, além disso, a poupança local permanece a um nível muito baixo, tudo isto quer dizer que o Senegal consome actualmente todos os anos quase a totalidade do seu rendimento nacional, cuja parte destinada aos investimentos é cada vez mais ínfima, mas a que vai para a função pública é cada vez mais importante e cada vez menos relacionada com as condições gerais do país. No entanto, poder-se-ia dizer outro tanto em relação a outros Estados do continente, alguns dos quais, como o Daomé, se encontram há muito já numa situação ainda de muito mais grave.

Estagnação das receitas orçamentais

Em sete anos, as receitas orçamentais ordinárias do Senegal ascenderam às limitadas dos 36 bilhões de francos C. F. A.

As razões profundas desta estagnação devem procurar-se numa insuficiente expansão da produção, agravada pelos efeitos da deterioração dos termos dos câmbios. As diversificações das culturas (arroz, algodão, cana-de-açúcar, legumes, frutas) só se realizam com grande lentidão. Em consequência, nomeadamente, chama a atenção a estagnação durante três anos, a produção de amendoim.



também há que de manobra sensível (700 mil toneladas de amendoim em casca apanhadas em 1968-1969 contra mais de um milhão em 1966-1967). O preço de compra desta produção, garantido pelo Mercado Comum Europeu — quase um ano e meio — é nitidamente inferior ao antigo preço da zona franco (menos de 18 francos C. F. A. por quilo no cultivador, contra 22 há três anos — preços medidos).

Por outro lado, a pressão fiscal chegou quase a um limite crítico, acima do qual a máquina colectora se arrisca a diminuir. Por fim, um contrabando muito intenso, em particular a partir da Gâmbia e zinha, que o Senegal, de receitas importantes, provavelmente da ordem de alguns bilhões. Este pequeno Estado, profundamente mergulhado no território senegalês, com o qual partilha, tem uma extensa fronteira comum, é de facto praticamente impossível de vigiar.

As despesas ordinárias, por

seu lado, aumentaram acentuadamente, passando de 31 bilhões e 998 milhões de francos C. F. A. para 40 bilhões e 250 milhões (previsto) em 1968-1969.

A causa principal deste aumento consiste na forte progressão dos encargos de pessoal, que passaram de 14 bilhões e 37 milhões de francos C. F. A. em 1962-1963 para 18 bilhões e 682 milhões em 1968-1969, ou seja um aumento de cerca de 30 por cento em sete anos, enquanto as despesas de transferência aumentavam na mesma proporção, as despesas de material permaneciam estacionárias, e as de obras diminuíam de cerca de 10 por cento.

Durante estes sete anos, verificou-se um aumento regular dos efectivos da função pública, pletórico no entanto em relação à situação deste país. (Mais de 30 mil funcionários do Estado — dos quais para cima de 7.000 militares, gendarmes, policiais e guardas republicanos — e cerca de sete mil empregados das colectivas locais, sem falar dos cerca de 12.000 agentes dos estabelecimentos públicos, cujos défices frequentes pesam sobre a tesouraria geral). Por outro lado, a adopção de novos estatutos levou nos últimos anos a aplicar aos antigos e para novas funções, quase sistematicamente, os aumentos de salários de que beneficiaram os combatentes em consequência da desmobilização, de Maio ao actual momento, a situação.

No total, passou-se dum excedente de 2 bilhões e 500 milhões de francos C. F. A. em 1962-1963 a um défice previsto de 1 bilhão e 300 milhões em 1968-1969, sendo agora a cobertura das despesas correntes com receitas correntes garantida unicamente a menos de 90 por cento e a «fortior» nenhum excedente poderá ser previsto para o orçamento de desenvolvimento. Como, por outro lado, a tesouraria pública — a qual se tem apertado muito nos últimos anos para investimentos de verbas — está esgotada (no fim de Dezembro, menos de 4 bilhões de francos C. F. A., que de facto pertencem a terceiros: clientes de cheques postais e detentores de cartões sociais em especial), não se pode portanto contar de tudo isto, como faz constantemente o sr. Collin, que o Estado senegalês se encontra numa situação financeira muito difícil.

Para tentar sanar a situação, três grandes séries de medidas são de prever e serão em divida aplicadas. Não podem, no entanto, ter mais que efeitos limitados e provisórios, pois não atacam as duas causas profundas do mal: a insuficiência do crescimento da produção e o encargo em aumento constante, e em todo o caso demasiado pesado da função pública. A primeira destas causas está com efeito ligada a factores geográficos e sociológicos dificilmente transformáveis. A

segunda é dominada por factores políticos cuja repercussão em causa do poder é cada vez mais forte. O regime da mesma proporção a sua queda, como foi o caso de Senegalmente nos últimos anos em circunstâncias análogas, no Daomé, na República Centro-Africana e no Volta Superior.

Primeiramente, na linha do que se faz há quatro a cinco anos não sem êxito, continuou-se a gerir bem este mau orçamento. Serão feitos esforços para melhorar a colecta de impostos e taxas existentes, e para facilitar ainda um pouco mais severamente as despesas, continuando no entanto as grandes massas de despesa, o que são, e mesmo, segundo todas as probabilidades, continuando a aumentar. Isto permitirá certamente algumas melhorias e algumas economias suplementares, mas nada mais.

Trata-se em seguida aumentar ainda um tanto a pressão fiscal. Mas as taxas indirectas não podem mais ser aumentadas sem provocar uma diminuição da actividade económica, nem os impostos sobre os lucros das sociedades sem desencorajar os investimentos privados estrangeiros. Fica, portanto, unicamente a possibilidade duma incidência pouco maior que actualmente sobre os rendimentos de certas categorias relativamente privilegiadas da população, parte dos funcionários e dos assalariados em especial; mas, para além de certo limite, que num clima de civismo insuficiente não pode deixar de ser rapidamente atingido, os riscos políticos de semelhantes decisões são certos.

Um necessário sobressalto de civismo

Por fim, os efeitos destas medidas de tipo clássico, não podendo deixar de revelar-se insuficientes, são previsíveis soluções de tipo mo-

netário, paralelamente, ou pouco mais tarde. Mas também neste campo, a margem de manobra das autoridades senegalesas é apertada.

Os estatutos e práticas da União Monetária Oeste-Africana, de que o Senegal é membro, não o autorizam a apelar para o concurso do Banco Central comum mais que no equivalente a 15 por cento dos seus recursos orçamentais próprios, ou seja, neste caso, uma quantia pouco menor de 5 bilhões e meio de francos C. F. A. não renovável mas em princípio reembolsável num prazo bastante curto. Isto pode, no entanto, permitir-lhe manter ainda um ano orçamental depois do que está em curso, ou mesmo um pouco mais. Mas, em seguida, se não foram dados novos alívios às regras de emissão da U. M. O. A. — e a França, que garante o franco C. F. A., não pode permitir muito —, a tentação de sair da União, quer dizer de facto de sair da zona franco, avança-se a tornar-se muito forte.

Mas a inflação monetária que isto permitiria não seria, com toda a evidência, mais que uma falsa solução, de consequências desastrosas. A desigualdade na repartição dos rendimentos encontrada com isso fortemente aumentada, a expulsão especialmente das massas rurais, que terão mais do que nunca o amargo sentimento de serem as abandonadas à conta da independência. O desmoronamento da economia seria igualmente rápido e certo, como no Mali nos últimos anos. Como igualmente no Estado vizinho, o próprio regime não ganharia com isso mais que uma última monarquia.

Mas os números são inquietantes, e afinal de contas só um sobressalto de civismo da classe dirigente, aceitando uma austeridade bastante dura, está em medida de as modificar. Será capaz disso? E quando?



O professor sr. eng.º Picado e os alunos da Escola Técnica de Leiria ouvem explicações sobre o fabrico de móveis pela indústria viseuense

PROFESSORES E ESTUDANTES DA ESCOLA TÉCNICA DE LEIRIA VISITARAM EM VISEU A INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO

VISEU, 4 — Amplia-se a justa fama do artesanato viseuense, a entrar pela industrialização no que respeita aos móveis antigos. Ainda não há muito, tal indústria suscitou a visita de um membro do Governo e de individualidades ligadas à vida oficial do distrito e do País, que estiveram, por exemplo, nas grandes oficinas do Bairro Industrial de Abraveses. Agora os alunos da secção de carpintaria da Escola Industrial e Comercial de Leiria, vieram até Abraveses, acompanhados pelos professores, incluindo duas senhoras.

Depois de larga visita às instalações das oficinas de mobiliário, naquele Bairro, o sr. Manuel dos Santos obsequiou os visitantes com um «vinho de honra» e merenda, em ambiente de satisfação mútua. No final, o professor sr. eng.º Picado saudou aqueles que estavam a fazer a visita industrial e manifestou o agrado e o apreço dos visitantes.

O antigo aluno da Escola Técnica de Viseu, o jornalista

ta sr. Gilberto de Carvalho, saudou nos sr. eng.º Picado e Barradas, professores leirienses, e nas senhoras professoras da Escola Técnica de Leiria e teve palavras de homenagem para o sr. Manuel dos Santos e de estima pelos estudantes.

O referido industrial agradeceu as saudações que lhe foram dirigidas e a sua esposa, ali presente, manifestando a sua satisfação por terem escolhido os professores e alunos leirienses Viseu e as suas oficinas artesanais de marcenaria para aquela visita de estudo — autêntica homenagem — disse — aos progressos da indústria e do artesanato de Viseu.

GRUPO CHRYSLER

— Gestão directa em Portugal

George Romanos, vice-presidente das Operações Europeias da Chrysler International, anunciou em Londres que a sua Companhia assumiu a responsabilidade total pela direcção das actividades comerciais da Chrysler no nosso País (Chrysler, Dodge, Plymouth, Simca, Rootes (Humber), Sunbeam, Singer e Hillman, e, no que respeita a veículos comerciais, Dodge, Commer, Karrier, Barreiros e Fargo).

Encontram-se em vias de execução os planos para a criação de uma nova empresa, a Chrysler de Portugal, Lda., que se destina a orientar a importação e distribuição de toda a produção do Grupo Chrysler no nosso País.

A Chrysler assume a direcção da Simca Portuguesa, mantendo-se no cargo o actual director-geral daquela empresa, Axel Busck.

UM NOVO HOSPITAL EM CASTRO MARIM

CASTRO MARIM, 4 — Depois da visita feita ontem à tarde pelos directores da Zona Hospitalar do Sul, dr. Rafael Ribeiro e dos Serviços de Obras da Comissão de Construções Hospitalares, eng.º Jaime Rodrigues Nuno, os trabalhos relativos do desmoroamento do Hospital da Misericórdia desta vila, aquelas individualidades admitiram a hipótese visto ser pouco provável qualquer aproveitamento, além do terreno, do que ficou de pé, depois do sismo.

Entretanto, procura-se alugar uma casa onde possam funcionar os serviços de urgência do referido hospital recorrendo-se aos hospitais de Vila Real de Santo António e Faro em casos de maior gravidade.

Necrologia

ALÉM MENTOS

D. Alícia Silva Gomes Correia Tavares

Faleceu a sr.ª D. Alícia Silva Gomes Correia Tavares, mãe do sr. Rui Tavares. O funeral realizou-se hoje, pelas 10 horas, da igreja de Santos-Ovelho para o cemitério da Ajuda.

António Ventura

CALDAS DE MONCHIQUE, 4 — Faleceu nesta vila o sr. António Ventura daqui natural e que aqui, passou a maior parte da sua vida trabalhando na empresa das Caldas de Monchique.

O sr. António Ventura, pessoa respeitada de quantos o conheceram pelos seus dotes de carácter e pela forma como soube educar todos os seus filhos, personalidade vigorosa, contava 82 anos, achando-se há tempos reformado.

O sr. António Ventura era casado com a sr.ª D. Clementina Ventura, sendo pai das sr.ªs dr.ª D. Cândida Margarida Ventura e dr.ª D. Maria Clementina Ventura Campesina Lima, casada com o sr. dr. Manuel de Campos Lima, advogado em Portimão; e dos sr.ªs de António Ventura, médico veterinário nesta vila, e Joaquim Pires Ventura, funcionário superior da Celcete.

O funeral do venerando antecedeu-se amanhã para o cemitério local.

Alexandrino Guerreiro Cavaco

VILA NOVA DE CEIA, 4 — Faleceu nesta localidade, de onde era natural, o sr. Alexandrino Guerreiro Cavaco, de 61 anos, proprietário e presidente da Junta de Freguesia, cargo que desempenhou durante mais de 23

anos. Deixa viúva a sr.ª D. Adelaide da Conceição Munhoz Lopes Cavaco e era pai da menina Maria da Conceição Lopes Cavaco e da sr.ª D. Maria Alexandrina Lopes Cavaco Canau, casada com o sr. Gelbete António Canau e avó dos meninos António José Lopes Cavaco Canau e Alexandrino Luis Lopes Cavaco Canau. O extinto, ex-gerente da sr.ª D. Rita de Jesus Munhoz Lopes.

FUNERAIS

D. Helena Guerra da Silva

BRAGANÇA, 4 — Após missa de corpo presente na Sé, para onde fora trasladado do Porto, saiu para jazigo de família no cemitério municipal, com grande acompanhamento, o funeral da sr.ª D. Helena Guerra Silva, daqui natural. Contava 69 anos, era professora primária, aposentada, casada com o sr. António Cândido da Silva, também professor em São Mamede de Infesta (Porto), onde a bondosa senhora residia e faleceu. Era irmã da sr.ª D. Alice Guerra Refega, igualmente professora reformada e proprietária, residente na freguesia de Mithão, e do sr. Luís Maria Guerra, funcionário, aposentado, da filial local da Caixa Geral de Depósitos, e tia de numerosos bragançanos com residência nesta cidade, na Guiné, em Lisboa e noutros pontos do País.

Dr. João Mathews Fernandes

COIMBRA, 4 — Para o cemitério da Conchada seguiu ao fim da manhã o funeral do sr. dr. João Mathews Fernandes, figura muito conhecida na cidade, onde foi proprietário, desde 1916, da Farmácia Donato. O extinto, que contava 88

anos, era casado com a sr.ª D. Isabel dos Reis Pacheco Fernandes e pai do sr. dr. António Mathews Fernandes.

Dr. Pedro Guimarães

Foi a enterrar no cemitério dos Prazeres o antigo governador civil da Horta e Aveiro, sr. dr. Pedro de Melo Gonçalves Guimarães.

O extinto, que contava 57 anos, fez praticamente toda a carreira nos organismos corporativos e de coordenação económica, representando o Governo em congressos no estrangeiro e presidindo nos Estados Unidos, como delegado do Ministério da Economia, ao Congresso Internacional do Açúcar.

SUFRÁGIOS

Duquesa de Lafões

Na capela do Palácio do Grilo e em sufrágio da alma de D. Maria José da Graça Faccó Viana Barreto de Bragança, duquesa de Lafões, foi hoje celebrada missa de 5.º aniversário e por igual motivo é rezada missa, amanhã, às 13 horas, na igreja de Nossa Senhora da Vitória.

D. Alice Brilhante Pessoa Terezas

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO — Por iniciativa de sua família, será celebrada missa pelo eterno descanso de D. Alice Brilhante Pessoa Terezas, falecida há um ano, amanhã, pelas 19 e 15, na igreja de São Nicolau.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/66.772/280022

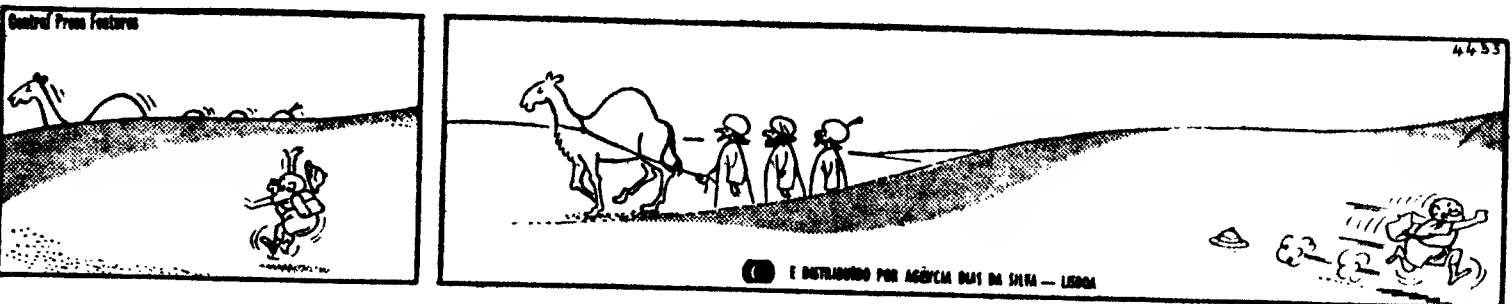
Oo Peanuta



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 4 de Março de 1959 publicava:

«PARIS, 4. — O «Excelsior» escreve: — «Esperase, de um dia para outro, a ofensiva nacionalista que dispõe de meios de acção de 3 ou 4 vezes superiores às possibilidades de resistência dos republicanos, desorganizados, devido às divergências de opinião entre os estados-maiores. Constituiu-se uma junta provisória em Madrid, cujo comando supremo o general Miaja — o melhor dos chefes republicanos — teria assumido, mas o estado de coisas actualizado por Azula, na sua carta de demissão, oferece muito poucas probabilidades de ser modificado a favor dos governamentais, sem governo regular.»

Campeonato Nacional de Futebol

GUIMARAES-BENFICA

DOMINGO 16 DE MARÇO
A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Lisboa a Guimarães e volta, no dia 16 de Março, por ocasião do desafio de futebol «Guimarães-Benfica», ao preço de 110\$00.

HORARIO

Partida de Lisboa (Santa Apolónia) 1.45 h
Chegada a Guimarães 7.45 h
Partida de Guimarães 18.05 h
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia) 0.16 h

Bilhetes à venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

LUSTRES

de sonho para a sua casa
Fábrica Av. 5 de Outubro 203 r/c. E — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

Em MAIRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café e Cervejaria Sabino Faria, 18-A.

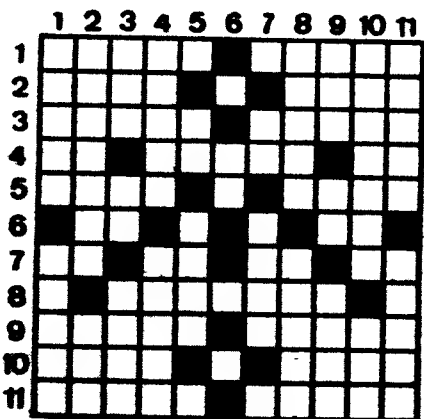
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5106

HORIZONTAIS: 1 — O mesmo que abano. Pesquisam. 2 — Nome com que os negros feticistas da Baía designam S. Jerónimo. Rasto. 3 — Gest. Saltam. 4 — Pronome pessoal. Acredite. Preposição. 5 — Percorre. Fechem as asas para acalmar mais depressa. 6 — Nesse lugar. Prata (s. a). 7 — Crâmio (s. a). Prefixo de privação. Artigo definido (ant.). Antes de Cristo. 8 — Desv. 9 — Liga de cobre e zinco. Tripulação das galeras turcas, constituída por marinheiros livres, alistados à falta de escravos ou forçados. 10 — Ave de rapina. Escudeiros. 11 — Aves semelhantes às pombas. Alcorão.
VERTICAIS: 1 — Abaxar. Guardar segredo. 2 — Inocular a vacina em. Ferro temperado. 3 — Medida de superfície. Quinhentos e um em romano. Ilha de coral que forma um anel, mais ou menos contínuo, em volta de uma lagoa interior. 4 — Nenhuma vez. Afia. 5 — Sufixo que designa estado. Homem de baixa estatura. 6 — Tempo do verbo ser. Pertences. 7 — Letra grega. Mentira. 8 — Recuas. Pai de Lia e Raquel, tio e sogro de Jacob. 9 — Bigorna de ourives. Seguiu. Ir para fora. 10 — Tributo em pão, que se pagava antigamente, em Portugal, ao mestre de Alcabala. Jibóia. 11 — Suquem o leite materno. Último rei da Lídia, filho e sucessor de Aliate, célebre pelos seus riquezas.

Resolva completamente este problema! Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.



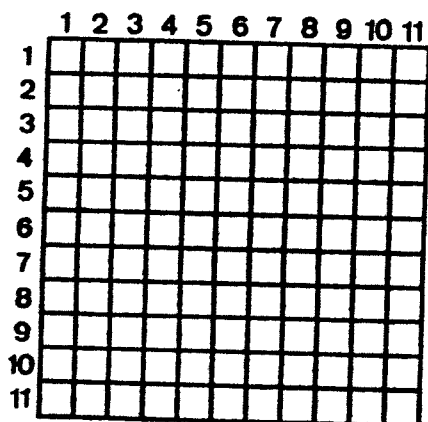
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5106
HORIZONTAIS: 1 — Cairo. Acaso. 2 — Oprimidos. 3 — Aor. POR. 4 — Sapatos. 5 — An. Ass. Cu. 6 — Sarau. Marat. 7 — Ao. Lai. Sr. 8 — Aparar. 9 — Aro. Sic. 10 — Acadernar. 11 — SOUTO. Cuama.
VERTICAIS: 1 — Co. Casão. As. 2 — Apa. NAO. Apa. 3 — Inú. Arpu. 4 — Rir. Part. 5 — Om. Paula. Dó. 6 — IRAS. Arca. 7 — Ar. Tania. R. 8 — Cepo. Isau. 9 — Amos. Sima. 10 — Ser. Cós. COM. 11 — Os. OUTRO. Sa. Resolvidos: POR SOUTO, NÃO IRAS COM OUTRO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8949

HORIZONTAIS: 1 — Antigo indefinido. Carro ligeiro, de duas rodas, usado na África do Norte, para transporte de pessoas, de bagagens e viveres. Antigo definido. 2 — Freguesia do concelho de Amares (Braga). Coniteria da família das abietáceas, que compreende grandes árvores sempre verdes. 3 — Aguagem. Curas. 4 — Debruço. Grupo de três. 5 — Desolda. 6 — Letra grega (inv.). Prendia. Cério (s. a). 7 — Enrugado. Respiram com dificuldade. 8 — Cidade da Argélia. Espécie de argila usada em tinturaria. 9 — Em os. Animal doméstico. Rio da Suíça. 10 — Abreviatura de item. Cidade do Estado do Pará, Brasil. Aqui. 11 — Imão de Moisés. Fruta da Índia, que se põe em conserva para excitar o apetite.

VERTICAIS: 1 — Joera. Antiga prov. báltica da Rússia. 2 — Bafo. Homem que anda pelo mar para roubar. 3 — Escamecer. Em os. 4 — Terra nova e arroteada de fresco. Ferro temperado. Cabelo branco. 5 — Conserto (pop.). Navegador português, que descobriu o Zaire. 6 — O mesmo que uma (ant. pop.). Cidade de França. 7 — Chegava. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. 8 — Formar as abas. A Hermina francesa que foi queimada viva. Dois mil em romano. 9 — A. Irlanda. Fuana. 10 — Rei da Baviera que alçado de joacura foi enclausurado no castelo de Fustenberg. Moscara. 11 — Isolados. Examinar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8949
HORIZONTAIS: 1 — Força. Paris. 2 — Amois. Acama. 3 — Lampo. Repar. 4 — Adão. Rara. 5 — Dó. Aer. Ti. 6 — Ancor. Auras. 7 — Aló. Etal. 8 — Acuaras. 9 — Pera. Sala. 10 — Ria. Pio. los. 11 — Essas. Ceito.
VERTICAIS: 1 — Folada. Apré. 2 — Amadora. Eis. 3 — Rama. Ciaras. 4 — Pipa. Arca. 5 — Aa. Arou. Ps. 6 — Vó. Ad. 7 — Per. Ror. Da. 8 — Acer. Utas. 9 — Rapa. Rosais. 10 — Imortal. Lot. 11 — Sarais. Vaso.

ANDAR

ALUGA-SE

Com 400 m2 em 2 grandes salões. Serve para qualquer ramo. Em prédio com elevador. Rua dos Fanqueiros, 156 — (chave nas lojas) — Telef. 324350.



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«VERA CRUZ»
a sair em 6 de Março às 16 horas
Com escala por LAS PALMAS, para LUANDA e LOBITO.
«LUGELA»
a sair em 10 de Março
Com escala por LEIXÕES, para PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 6 a 9 de Março.
«PORTO»
a sair em 18 de Março
Com escala por LEIXÕES, para S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 11 a 16 de Março.
«UICE»
a sair em 26 de Março às 16 horas
Com escala prévia por LEIXÕES, para LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 16 a 20 de Março.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 19 de Março às 18 horas
Com escala por VIGO e FUNCHAL, para TENERIFE, LA GUARDA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

Grandes prejuízos nos laranjais nas varzeas do Belixe

ASTRO MARIM 4 — As varzeas a jusante da Ribeira do Belixe, a poucos quilómetros da foz, encontram-se em completo estado de devastação devido aos destroços arrastados pelas águas, daquele curso de água.

Devido ao excesso de água, a capacidade de absorção de água do solo normal pelo solo da ribeira. Assim as águas transbordam para as varzeas nas respectivas margens provocando grandes estragos nos laranjais ali existentes, bem como danos ao milho e ao trigo.

O tempo e as culturas

As culturas hortícolas e o milho encontram-se em estado satisfatório. As culturas continuam a produzir bem e o bom tempo, dando um bom resultado agrícola.

Porém, devido ao excesso de água, as culturas de milho e trigo encontram-se em estado de stress.

139. ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE JOÃO DE DEUS

MESSINES, 4 — Várias reuniões de trabalho foram realizadas no âmbito da comemoração do 139.º aniversário do nascimento do poeta e pedagogo João de Deus. O programa consta de 13 horas, das 14h às 27h, com a concentração no Largo da Igreja para a realização do monumento ao poeta, às 17h, sessão solene na Junta de Freguesia, apresentação da obra do poeta, e, às 18h, um jantar de confraternização em que colabora o Ramo Político de Alto.

Excursão de catequistas à Madeira

As catequistas de Lisboa, Porto e Coimbra vão realizar uma excursão à ilha da Madeira, na primeira semana das férias da Páscoa, de 14 a 24 do corrente, nela podendo participar os seus familiares e párocos das respectivas freguesias. A inscrição encontra-se aberta no Secretariado Diocesano da Catequese.

Associação dos Antigos Estudantes

Reuniu-se a assembleia geral da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, que aprovou o relatório e contas da gerência de 1968 e aprovou o programa da direcção para o corrente ano lectivo.

Centenário do nascimento de Eugénio de Castro

Faz hoje cem anos que, num prédio da Rua Ferreira Borges, nasceu o poeta Eugénio de Castro, que foi professor da Escola Industrial e Comercial Brotero e da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, de que foi também director.

Para celebrar a data, a Câmara Municipal vai promover algumas manifestações, a primeira das quais se realiza hoje, no salão nobre dos Paços do Concelho, com uma sessão que se inicia às 22 horas e em que o sr. dr. António Pinto de Castro, assistente da Faculdade de Letras profere uma conferência subordinada ao título «Tradição e Renovação na poesia de Eugénio de Castro».

Por sua vez, a família mandou celebrar uma missa na igreja de S. Bartolomeu, onde o poeta foi baptizado, que foi muito concorrida.

Em 1946, a Universidade de Coimbra promoveu uma homenagem à sua memória, com uma sessão na Sala Grande dos Actos em que estiveram presentes os representantes de todas as Universidades das quais o poeta era doutor «honoris causa», das Universidades Portuguesas e das Academias nacionais e estrangeiras de que era sócio.

Na Biblioteca Geral da Universidade, efectuou-se, então, uma grande exposição bibliográfica sobre o poeta, que reuniu raras espécies.

Além da sessão de hoje, a Câmara tem em vista outras cerimónias, tais como a homenagem de uma medalha comemorativa, da autoria de Cabral Antunes e o desceramento de uma lápida na casa onde Eugénio de Castro nasceu.

Conferências por um catedrático espanhol

O professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Barcelona, sr. dr. António M. Badia Margall, vem proferir na Faculdade de Letras e a convite do Instituto de Estudos Espanhóis e com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, duas conferências. A primeira foi proferida hoje, às 16 horas, sobre «La revolución fonética de la lengua española en el siglo XVI». Amanhã, às 17 horas, a segunda conferência falará sobre «Leyendo el Cantar de Mio Cid».

De Munique a Fátima a pé

Chegou a esta cidade o padre Alfredo Winkler, superior da Congregação de Santa Cruz, que veio a pé de Munique em direcção a Fátima, sendo portador de alibuns com referências de diversas autoridades eclesásticas, civis e militares dos vários pontos do seu percurso.

Esse material e outro que tem reunido servirá para um livro documentando a sua peregrinação, efectuada em cumprimento de uma promessa feita, quando ainda jovem, ao fugir com seus pais da Alemanha Oriental para a Ocidental. Aqueles morreram vítimas da explosão de maquina.

Farmácias de serviço

Rodrigues da Silva — Rua Ferreira Borges (Tel. 2011). Santa Cruz — Rua das Pedras (Tel. 23569).

Correia — Rua Visconde da Luz (Tel. 22834). S. José — Arcos do Jardim (Tel. 24697).

Sessão clínica no Centro de Saúde e Assistência

Na última sessão do Centro de Saúde e Assistência Materno-Infantil Doutor Bissala Barreto, tratou-se de «Embriopatia», tema a cargo do sr. dr. Toscano de Melo.

O assunto foi exposto com minúcia e objectividade, dando-se particular relevo aos modernos aspectos do problema da rubéola.

Foram igualmente analisadas as particularidades que ela hoje envolve quer no campo da Teratogenia, quer no da clínica, como no da imunidade e no da profilaxia.

Por malformações que lhe são devidas têm hoje um âmbito muito mais lato, depois dos conhecimentos fornecidos pela epidemia americana de 1964. O isolamento do vírus em embriões, em fetos e em lactentes impôs a substituição da antiga designação de «embriopatia rubéolica» pela de «Sindroma da Rubéola Congénita».

Na discussão de vários factores embriopáticos intervieram o doutor Mário Mendes e os Drs. Moura Relvas, Nicolau da Fonseca, Jorge Bicaia, Rocha Santos e Santos Bessa.

Amanhã, pelas 21 e 30, haverá nova sessão clínica em que serão apresentados alguns casos do foro ginecológico.

Visita de estudo

As alunas do Curso Geral da Escola de Enfermagem do Hospital de São João do Porto, acompanhadas pelas suas monitoras, deslocaram-se a esta cidade onde visitaram o Centro de Saúde e Assistência Materno-Infantil Dr. Bissala Barreto.

A visita foi guiada pela monitora daquela Centro, sr.ª D. Lídia Amaral, tendo as visitantes, no final, manifestado o seu muito apreço pela modelar instituição.

Aluno convocado pela Universidade

A fim de regularizar a sua situação escolar, deve comparecer na secretaria da Universidade, no prazo máximo de sete dias a contar de ontem, o aluno Alexandre Ricardo Mexedo Torres Ferreira, da Faculdade de Ciências.

Espectáculos para hoje

CINEMAS
Gil Vicente — A's 21 e 30; Raquel, Raquel (17 anos). Avenida — A's 21 e 30; Páginas Intimas (17 anos). Tivoli — A's 21 e 30; Aza que á muralha do Atlântico (12 anos). Sousa Bastos — A's 21 e 30 — «Vera Cruz» (17 anos).

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda	Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 3%	—	5205	52	Diamonds Angola	3585	3565	3605
Consolidado 3 1/2%	5405	5395	5405	H. E. Revul	5955	5905	6005
Consolidado 2 3/4%	—	—	6505	Ilha de Príncipe	—	1805	—
Centenários 4%	—	14905	—	Mozambique	—	185	195
Obras Tesouro 5%	—	—	—	Sonete n.	—	3355	—
Extremo 1.ª Série	—	5905	6005	Sonete o.	3505	3505	3555
Extremo 2.ª Série	—	6805	7005	Zambézia	—	525	535
Extremo 3.ª Série	—	7505	9005	C. Diversas	—	—	—
Extremo 3.ª Série c.	—	8805	—	Cidra	—	69505	10005
Cautelas 3.ª Série	—	85	7005	Com. Leão	—	25005	27505
OBRIGAÇÕES	—	—	—	Com. Tejo	—	35005	41005
Agua Lisboa 5%	—	465	4905	Com. Navegação	—	665	6805
A. P. T. 5% 56	—	—	9605	C. U. F.	—	10305	0505
A. P. T. 5% 58	—	—	9605	Ind. Alentejo	—	—	7005
E. P. 4 1/2% 65	—	—	9305	Nor. Navegação	—	17255	7805
E. P. 5 1/2% 67	—	10305	0505	Petroquímica	—	12305	2605
C. U. F. 5%	10355	0325	0155	Port. Colónias	—	—	—
C. U. F. 6% 68	—	035	0155	Port. Ceuta	—	—	—
Gás Elect. 4% 48	—	8355	—	Port. Ponta	—	—	7005
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	8355	—	Port. Taboara	—	5165	5195
Gás Elect. 5% 52	—	905	—	Sacar	—	47505	48005
Gás Elect. 5% 58	9205	9105	—	Siderurg. N.	—	11705	1905
Gás Elect. 5% 59	—	9005	—	Socel	—	21605	21805
Gás Elect. 5% 60	—	9005	—	Taboara de Portugal	—	8505	9005
Gás Elect. 5% 62	—	9005	—	Taboara	—	107005	110005
Gás Elect. 5% 63	—	9005	—	U. F. Azoto	7305	7305	7405
Gás Elect. 5% 65	—	9005	—				
Gás Elect. 5% 67	—	0105	—				
H. E. A. Alentejo 5%	—	8255	8505				
H. E. Cávado 5%	8455	8455	—				
H. E. Cávado 6%	—	9985	—				
H. E. Douro 5%	—	8505	—				
H. E. Douro 6%	9985	9985	9995				
H. E. Norte Port. 5%	—	—	—				
H. E. S. Estrela 6%	—	0005	—				
H. E. Zêzere 5% 55	—	8655	—				
H. E. Zêzere 5% 57	—	8655	—				
Lisboa 6%	10105	0085	—				
Metropolitano 4%	9105	9055	—				
Metropolitano 5 3/4%	—	—	0405				
Mozambique 5%	—	1805	—				
Nac. Elect. 5%	—	8605	—				
Nitrato 5%	8405	8205	—				
Nitrato 5% 60	—	8205	—				
Petroquímica 5%	—	9005	—				
Port. Celul. 5%	—	9305	—				
Sacar 5% 54	—	—	9305				
Sacar 5% 60	—	8255	8355				
Siderurgia 5% 2.ª	—	8255	8255				
Siderurgia 5% 3.ª	—	8105	8255				
Siderurgia 5% 4.ª	—	8205	—				
Sonete 5%	—	—	—				
T. A. P. 4%	—	—	—				
Termoelect. Port. 5%	—	8505	—				
U. F. P. 3 3/4%	—	855	—				
U. F. P. 4%	—	845	—				
U. F. P. 4 1/2%	—	875	—				
U. F. P. 5%	—	8155	835				
U. F. P. 5% 60	8405	8155	8455				
U. F. P. 5% 63	—	—	—				

ACCÕES

Bancos	Efec.	Compra	Venda
Agricultura	—	9705	9755
Alentejo	6755	6745	6805
Angola	17805	17805	17905
Bumay	—	—	—
Créd. Predial	19005	18905	19005
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	132505	131505	132505
L. B. Açores n.	40505	40055	41005
L. B. Açores p.	39505	—	—
P. Atlântico p.	—	—	—
Portugal n.	—	23505	24005
Portugal p.	—	—	28305
Totta Alentejo	—	—	48505
Ultramarina n.	16405	16355	16555
Ultramarina p.	18505	18455	18605
Seguros	—	—	—
Alentejo	—	655	735
Douro	—	—	9805
Mundo	4905	4855	4955
Saques	—	11005	—
Transatlântico	—	400005	450005
Ultramarina	—	85005	—
Ultramarinas	—	—	—
Atica de Angola	—	7505	7705
Ag. Cascaes	—	5765	5905
Ag. Incomat	—	—	—
Ag. Neves	—	2055	2505
Ag. S. Tomé e Príncipe	2505	2455	2605
Bazar	—	2005	2405
Buzi	665	665	6655
Cabinda	—	1755	1765

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTACAO DAS ACCOES (Base Dez 65 100)

	24/2/69	28/2/69	3/3/69
GERAL	111,5	111,5	111,2
METROP.	109,0	109,2	109,0
ULTRAM.	129,7	128,5	127,5

PAISES	Compra	Venda
África do Sul — Rand	36530	39500
América	—	—
— Dollars de 1 e 2	28520	28520
— Dollars de 5 a 1000	28540	28580
Canadá — Dollar	26530	26580
Alemanha — Marco	1802	1822
Austria — Schilling	1508	1515
Brazil — Cruzeiro Novo	5850	5850
Espanha — Peseta	339,7	341,2
Holanda — Florim	1578	15805
Inglaterra — Libra	67550	69550
Índia — Lira	504,45	504,65
Marracos — Dirhan	4375	5225
Bélgica — Franco	553,5	556,5
Francia — Franco	5535	5575
Suiza — Franco	6555	6575
Dinamarca — Coroa	3365	4500
Noruega — Coroa	3380	4510
Suecia — Coroa	5540	5570
Outros	—	—
Inglaterra — Libra Isobel	323900	338900
Inglaterra — 1/2 Libra	260400	260500
Ouro Fino — Barro	39500	40550

J. BURNAY, L. DA Netas estrangeiras
RUA DO OURO, 72
Papel de crédito
Tel. 321573

NOVO VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA DE ESPINHO

ESPINHO, 4. — Foi empossado no cargo de vice-presidente da Câmara Municipal de Espinho o industrial desta vila, sr. Manuel de Oliveira Violas.

A posse foi-lhe conferida no edifício dos Paços do Concelho pelo Governador Civil de Aveiro, que, para esse fim, se deslocou expressamente a esta vila.

O proprietário do animal poderá reavê-lo telefonando para o nosso agente Francisco Queimado, telef. 91195, em Évora.

ACTIVIDADES DA C.O.P.R.A.I.

Amanhã, inicia-se na Associação Industrial Portuguesa o curso sobre «Preparação de Agentes de Estudo de Trabalho» orientado pelo sr. eng. P. Reis Santos e promovido pela COPRAI — Comissão de Produtividade da Associação.

O curso, que terá a duração de 48 horas, prolonga-se até ao dia 14 e tem como objectivo a análise e simplificação dos métodos de trabalho a preparação de postos de trabalho e a adaptação de

Récita dos finalistas

SANTARÉM, 4. — Como é tradicional, e depois de várias realizações, entre as quais um baile, decorrerá, no sábado, às 21 e 30, no Teatro Rosa Damasceno, a récita dos finalistas do liceu local. Será representada a comédia, em 1 acto, «O Tio Simplicio» e haverá um acto de variedades, terminando com a costurada «serenata».

AGRINCO

SOCIEDADE COOPERADORA DE AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, S. A. R. L.

Capital: Escudos 15 000 000.000

Rua de Filipe Folque, 7, 3.º Esquerdo — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

São convocados os Senhores Accionistas para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, na CASA DAS BEIRAS, Av. Almirante Reis, 256-1.ª, desta Cidade, no dia 15 de Março do corrente ano, pelas 15 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Apreciarem e resolverem sobre os «Relatório e Contas» do Conselho de Administração e «Parecer» do Conselho Fiscal.

No caso de falta de representação na data indicada, a Assembleia Geral reunirá, em 2.ª convocação, pelas 15 horas do dia 31 de Março do corrente ano.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1969.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
(a) Olímpio Duarte Alves

PROGRAMA DE HOJE

As 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Série Juvenil — «As Aventuras de Huck Finn»; 20 e 25: Vamos Dançar; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Agência Geral do Ultramar; 21: Feira Literária; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: David Copperfield; 22 e 25: TV Clube; 22 e 55: Série Dramática — «As Enfermeiras»; 23 e 50: Telejornal e Fecho.

2.º Programa — As 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Noite de Cinema — «O Homem que veio para jantar»; 23 e 40: Telejornal e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — 1.º Programa — As 14 e 55: Eurovisão — Futebol. Transmissão directa do jogo Benfica-Ajax; 16 e 50: Eurovisão; «Projecto Apolo» — Imagens directas da cápsula «Apollo 9»; 17 e 25: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto dos Brinquedos; 20 e 20: Vamos Dançar; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Desporto em Câmara Lenta; 21: Notícia das Artes Plásticas; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Futebol; 23 e 45: Telejornal; 23 e 50: Meditação e Fecho.

2.º Programa — As 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Folhetim — «O Cavaleiro Tempestade»; 22 e 15: Notícia da Espectacular; 22 e 40: Série Policial «Porta 77»; 23 e 30: Telejornal e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 05: Concanetas por Sylvie Vartan; 16 e 15: Tradições, costumes e tunismo do Açores, pelo dr. Correia da Costa — «Cultura Açoriana do Século XVII»; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Roteiro Musical Português; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Manuel Caldeira; 18 e 40: Conjunções instrumentais; 19 e 50: Música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 1.º Episódio do Folhetim «A História da Cruz»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pelo orquestra Duke Ellington; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de teatro, Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados, por Maria do Rosário Bettencourt; 22 e 50: A orquestra Heinz Buchold; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 15 e 42: Música sinfónica; 16 e 37: Octeto em mi bemol maior, op. 103 (Beethoven) — Octeto do Festival de Malbore, dirigido por Marcel Moyse; 17: Discos novos — «Amores de Poetas» — ciclo sobre poemas de Heine (Schumann) — solistas; 17 e 25: Perspectivas da obra instrumental de Francis Poulenc; 18 e 30: Música de Piano; 19: Música coral sinfónica — Obras de Mozart; 19 e 30: Música de câmara — Concerto; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música de arco; 20 e 30: Música coral instrumental comandada por Maria Helena de Freitas «Salmo Hungaro» e «Te Deum» (Kodaly); 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s — 23: Música portuguesa; 0 h: Canções — pelo soprano Jo Vaz — Obras de Beethoven, Schubert, Schumann, Tchaikovsky, Grieg; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — «Os Mestres de Viena»; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Rádio Universidade.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento teatral; 18 e 30: Lisboa 6 tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Um conjunto famoso; 20 e 15: A estrela do dia; 20 e 30: Jornal das espectáculos; 20 e 45: A grande orquestra de...; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande rádio; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 G6-G6; 0 e 03: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Estúdios de Música — 283,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C.D.C.; 18: Depois do show; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Mistério teatral»; 0 e 03: «Mistério»; 19 e 17: Brasil; 19 e 30: Rádio-Clube; 19 e 45: Conjunções de stmo; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Noite do dia; 21 e 05: Cabine de música; 21 e 15:

S6-Rádio; 21 e 50: Música para meditar; 21 e 45: Mundo Rádio; 22 e 04: O Santo; 22 e 15: Ritmos; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Orquestra de Joaquim Luís Gomes; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1, 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Os nossos artistas; 2 e 45: Melodias; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 23 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação de Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: O Quarto de Hora Infantil; 18:30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música Seleccionada; 19 e 30: Página uma; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamados Musicos; 22: A Música é Boa Companhia; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 19 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30: e das 17 às 19 e 30; Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17; Rádio Graça — Das 10 às 12 e das 22 às 2.

O que se não vê na TV

Por Helzer

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«HUCK-FINN»: AVENTURAS E DESENHOS ANIMADOS

AS MAIS EXTRAORDINARIAS aventuras continuam a desafiar os três heróis criados por MARK TWAIN.

Numa feliz combinação de desenhos animados e imagem real esta série juvenil prende a atenção de telespectadores de todas as idades.

Pelas 19 e 50, temos em «HUCK FINN» MICHAEL SEA, LUANN HASCAN e KEVIN SCHULTZ vivendo as aventuras de Huck-Finn e seus companheiros.



ADRIANO GONÇALVES — BANA —, de novo na R. T. P.

FEIRA LITERÁRIA

CERCA DAS 21 HORAS surge nos pequenos «ecrans» a rubrica de actualidades literárias denominada «FEIRA

Eugénio de Castro, Defesa da Língua Portuguesa, Albert Camus, e Uma nota sobre Cecília Meireles.

AS ENFERMEIRAS: DOUTORA LILLIAN

CERCA DAS 22 e 55 é transmitido mais um episódio da série «AS ENFERMEIRAS» com LINA BETHINE, VIRGINIA GICMORE, LONNY CHAPMAN, ROY POOLE e JOHN BEAL. Este intitula-se «DOUTORA LILLIAN».

«Após um garoto lhe morrer nas mãos, a dra. Lillian abandona a cirurgia por dois anos, assim como o seu noivo, o dr. CAMPBELL. Reaparece mais tarde num hospital, onde por acaso, também trabalha CAMPBELL. Apesar de ser cirurgiã, a dra. Lillian recusa-se a operar. Ela tem no dr. MEHLI um inimigo declarado, pois aquele não aceita uma mulher médica e muito menos na cirurgia. Cansada de lutar contra si e contra os outros ela pede a demissão. Mas surge uma operação de emergência e a dra. LILLIAN vê-se obrigada a operar...»

2.º PROGRAMA NOITE DE CINEMA

O 2.º PROGRAMA apresenta hoje, a partir das 21 e 50, a rubrica «Noite de Cinema» que preenche a sua emissão.

É exibido o filme «O homem que veio para jantar», que reúne alguns dos melhores actores de Hollywood dos anos 40 e que foram ídolos da juventude americana de então.

Bette Davis, Ann Sheridan, Monte Woolley, que há semanas admirámos no filmes biográfico de «Cole Porter», e Jimmy Durant, grande actor até no nariz, são os intérpretes de «O homem que veio para jantar».

TV CLUBE COM BANA

NO «TV CLUBE» desta noite, pelas 22 e 23, serão apresentadas canções cabo-verdianas pelo folclorista Bana. Nascido em São Vicente (Cabo Verde), Adriano Gonçalves (Bana) cedo se sentiu atraído pelo folclore, ao qual se dedicou inteiramente. Bana tem actuado em vários países sempre com assinalado êxito, e na Holanda a sua permanência tem sido bastante demorada e sempre aplaudida. Nesta sua segunda actuação na R. T. P., Bana interpretará novas coladeras do seu repertório.

ELES ADORAM OS ROLINHOS DE PEIXE... POEM-SE 30 MINUTOS NO FORNO...

E FICAM QUE SÃO UM REGALO!

canal da crítica

A INTUIÇÃO, A EXPERIÊNCIA, A PALAVRA SÁBIA

Edu Lobo: o nome que não pode ficar esquecido quando se fala da música moderna brasileira. «Discoramas», produção de Dinis de Abreu e Carlos Cruz fez que a presença breve de Edu Lobo se prolongasse, conquistasse o público vasto que merece. Estamos talvez muito perto da rubrica para lhe sentir os efeitos. A meditação que «Discoramas» sugere virá, com o tempo, e conhecer toda a sua amplitude, e a inscrever todo o seu peso na discussão do comportamento da Televisão na construção ou na destruição do artista.

Este «Discoramas» (televisivamente vindo pela montagem de Maria Beatriz) transformou-se, pois, numa das experiências mais importan-

na avaliação da posição do Pablo Neruda, Torga, Régio, artista perante o fenómeno etc. (Garcia de Orta está do seu tempo).

Como intérprete ficou amplamente demonstrado que Edu não pesa quanto pesa em criador de música. Não digo que seja de rejeitar. Apenas o criador de «Arrastões» não interpreta tão bem «Arrastões» como Ellis Regina, por exemplo. O fenómeno nem sequer é isolado, com Boris Vian sucede exactamente o mesmo. E com os poetas nem se fala. Baros são os que como António Boto ou Levuchenko, interpretam os seus poemas em termos de valer e pena ouvir. Com

nido de uma cultura sólida, há que assumir responsabilidades, há que saber em determinada conjuntura aquilo que a História exige dos nós.

Ouçamo-lo: «Fazer arte é isso também, principalmente isso, dar a visão do mundo em que você vive, e das coisas que acontecem no mundo em que você vive. Se as situações se transformam é preciso mostrar, pela música, que as situações se transformam.»

O sucesso, os festivais, os hits parades, o disco, a Rádio, a Televisão etc., foram

(Continua na pagina seguinte)

J
P
I
M
E
N
T
A
S
A
R
L

ANDARES

A M A D O R A PAÇO D'ARCOS
FRENTE A ESTAÇÃO
DO C. F.
REBOLEIRA ESPARGAL
LINDA VISTA DO MARLINHAS DE SER-
VIRIA E CASCAIS
ESPECIALMENTE
AMADORA, VEN-
DA NOVA E PAÇO
D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187\$50 MENSAIS

Garantido no acto de escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.ARMAZENS E GARAGEM DE RECOLHA
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUERSó vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

Comenda do Mérito Industrial

Os srs. dr. Miguel Cocco e A. Diogo Bravo foram agraciados com a Comenda de Mérito Industrial como reconhecimento público pela sua relevante actividade na indústria farmacêutica.
Os homenageados, administradores de dois dos mais importantes Laboratórios nacionais — Instituto Luso-Farmaco e Medicamenta S. A. R. L. — receberam as insígnias com que foram distinguidos, numa cerimónia oficial a realizar dentro de dias.

SOCIEDADE DA MATINHA

Foram eleitos os corpos gerentes da Sociedade da Matinha, agremiação centenária com sede no Largo do Intendente Pina Marique, 52. 2.º. Presidente a assembleia geral, a direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. Delmiro Rodrigues Garcia, José António de Oliveira Cordeiro e Mário Abrantes.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

outros tantos motivos, de da-
cunha na entrevista do gran-
de músico brasileiro. Santo
que, chegando a este ponto,
nada melhor há a fazer do
que transcrever as sábias pa-
lavras de Edu Lobo:«Toda a música tem uma
parte de comercialismo e é
natural que tenha. O que eu
acho, em relação à música
moderna brasileira, não exis-
te a parte comercial à frente
da parte artística. Todo o
mundo que faz uma canção
gosta de ver sua canção ser
tocada e fazer sucesso. Apa-
ra, isso, é perigoso na me-
dida em que você fica con-
dicionado a esse sucesso. Você
realmente vai fazer coisas
para esse sucesso, você vai
pensar que poderá dominar amúsica, quando na realidade
você vai ser dominado por
ela. Um sujeito que consegue
um sucesso estrondoso den-
tro de todo um mecanismo
de televisão ou de rádio, en-
fim, da máquina total, e se
consegue ser o número um,
ele é o maior escravo dessa
máquina que o inventou e
ele. Ele pode ser afastado e
outro e outros ocuparão o
seu lugar. Na medida em que
você trabalha sem estar es-
magado por essa máquina
você está livre, pertencimen-
te para a coisa que você que-
re».Mas, claro, querendo mu-
tar a sua música funcio-
na e que as coisas aconte-
çam muito bem e façam su-
cesso porque é isso o que
todo o mundo quer. Mas o
sucesso não é assim uma coi-sa tão primordial, tão obri-
gatória, que motive ou que
estimele uma certa melodia,
que a transforme numa pas-
sagem que as pessoas possam
tomar tranquilamente, que
prejudique o trabalho que é,
na verdade, o mais impor-
tante».Edu Lobo, um jovem com
uma certa experiência a trans-
mitir, «Discoramos» lançou,
então, mais uma importante
contribuição ao seu activo. Oxalá
seja um a ouvir e certos
cantantes e compositores.Entretanto, eu ficava a
ouvir e a pensar quando
estará entre nós com
condições para o floresci-
mento dos jovens, dos Lobos,
dos Paves. Sim, porque o
nosso povo não é mais com-
pulsivo.A NOITE,
HÁ SERÃO...«Vidocq» quase, vocês não
acham? Vidocq descobriu os
assassinos servindo-se da ca-
beleira. Vidocq, o peniten-
ciário, autor de duzentas e
tal fugas, oprimido da jus-
tiça começa a transformar-se
em defensor da justiça.O mal está em que, em re-
lação a ele, continuam a usar
de injustiças, pelo menos na
Televisão portuguesa. Os epi-
sódios sucedem-se de mane-
ira, com tal irregularidade
que uma pessoa já não se
lembra como foi no último.
Assim não vale Com o Ri-
naldi é diferente: chapa ga-
nha, chapa batida, aos do-
minhos. E o homem que popu-
larmente Vidocq tinha talvez
mais condições para agradar.A «Expedição» que veio lo-
go a seguir ao «Telejornal»
foi de grande tranquilidade.
O mar, muito mar, as ondas
a correr, a transbordar do
ecrã, as aves, a transpar-
ência do ar, a dureza con-
fiante das rochas. Nem o es-
trebuchar dos peixes quebrou
a placidez do documentário.
Não se sabe por que estranha
lei, todos os seres nos mere-
cem piedade, menos os pei-
xes. Vê-los morrer é, para
os nossos olhos, se não uma
festa, pelo menos uma indi-
ferença.Com «Audítorio» se fechou
a noite Mozart, Yehudi Me-
nühin, Explicações de Filipe
de Sousa, como sempre a
trabalhar com rede. Compre-
endendo-o. Perdoo-lhe. Aliás,
quando chega a meia-noite
compreendo e perdoo tudo.Sociedade Turística
da Penina, S.A.R.L.RUA DE S. SEBASTIÃO
DA PEDREIRA, 122

LISBOA

CAPITAL: 50 000 000\$00

ASSEMBLEIA GERAL

De conformidade com a Lei
e ao abrigo do artigo 14.º dos
estatutos, convoco a Assembleia
Geral desta Sociedade para reu-
nir na Rua de S. Sebastião de
Pedreira, 122, no dia 31 de
Março de 1969, pelas 12 horas,
a fim de:

- Apreciar e votar o Relató-
rio, Balanço e Contas e o
parecer do Conselho Fiscal
relativo ao exercício findo
em 31 de Dezembro de
1968.
- Ratificar a substituição do
membro do Conselho de
Administração representa-
nte da EMACO — Empresa
de Administração e Cons-
trução, S. A. R. L.
- Autorizar o Conselho de
Administração a dar ao
Fundo de Turismo ou a
outras entidades oficiais as
garantias necessárias para a
realização de determinados
contratos.

Lisboa, 4 de Março de 1969.

O PRESIDENTE
DA ASSEMBLEIA GERAL
LUIZ DE AZEVEDO
COUTINHO

ALPEDRINHA

José Augusto de Borja
Falcão Tarouca

FALECEU

Fernanda Martins de Borja
Falcão Tarouca, Maria do
Carmo de Borja Falcão Ta-
rouca, Elvina da Cunha Ta-
rouca, Maria da Conceição
Falcão Tarouca Faivel Freire,
José Orlando Faivel Freire e
mais família participam que
foi Deus servido chamar á
sua divina presença o seu
querido marido, filho e ir-
mão, cunhado e parente e
que o seu funeral se realiza
hoje dia 4 pelas 17 horas,
saíndo da igreja da Miseri-
córdia de Alpedrinha para o
cemitério local.

ATENÇÃO

A ANTIGA CASA MAX
NA RUA D. ESTEFÂNIA, 191-193,
QUE ENCERRA NO SÁBADO,
DIA 8
CONTINUA A LIQUIDAR
TODA A SUA EXISTÊNCIAA qual consta de Algodões, Lanifícios,
Cobertores, Colchas, Atoalhados de
Mesa e Turcos, Panos brancos, Lin-
geries, Malhas interiores e exteriores,
etc. etc.TUDO POR MENOS DE METADE
DO SEU VALOR

C I D L A

COMBUSTÍVEIS INDUSTRIAIS
E DOMÉSTICOSSociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Sede: Praça Marquês de Pombal, n.º 14.º — LISBOA

Capital: 250.000.000\$00

São convocados os Srs. Accionistas para se reunirem em
Assembleia Geral Ordinária na sede da Sociedade, no dia 24 de
Março de 1969, pelas 11 horas, a fim de:

- 1.º — Discutirem, aprovarem ou modificarem o Relatório e
Contas do Conselho de Administração e o Parecer
do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1968;
- 2.º — Procederem às eleições para os cargos vagos na Mesa
da Assembleia Geral, no Conselho de Administração
e na Comissão de Fixação de Retribuições.

Não havendo número suficiente, a Assembleia reunirá em
segunda convocação, pelas 12 horas do mesmo dia e no mesmo
local, com os accionistas presentes.O depósito das acções deverá ser efectuado até ao dia 13 de
Março de 1969 nos cofres da Sociedade ou nos dos seguintes
Bancos: Borges & Irmão, Crédito Franco-Português, Crédito Predial
Português, Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Fonecas &
Burnay, Lisboa & Açores, Nacional Ultramarino, Pinto & Sotto
Mayor, Português do Atlântico e Totta-Alança.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1969.

O 1.º Secretário da Mesa da Assembleia Geral
MARIO DE CASTRO AREZ

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias
de Lapa, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa,
Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal,
Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bon-
fim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restau-

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

UNIÃO FABRIL DO AZOTO

S. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convoco os Accionistas desta Empresa, a reunirem
em Assembleia Geral Ordinária, na Rua das Portas de
Santo Antão, n.º 89 (Edifício da Associação Comercial de
Lisboa), pelas 10 horas do dia 26 de Março, com a se-
guinte ordem do dia:Discutir e aprovar ou modificar o Relatório,
Balanço e Contas do Conselho de Administração,
Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao Exercício
de 1968.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1969.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
P/ta COMPANHIA DE SEGUROS IMPERIO
a) Ricardo Corrêa VillaORFINA—Sociedade Industrial de Química
Orgânica, S. A. R. L.Sede: Avenida Duque de Loulé, 86-3.º, Dt.º
LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do n.º 2 do art.º 9.º dos Estatutos, convo-
cam-se os Senhores Accionistas para a Assembleia Geral
Ordinária a realizar no dia 28 do mês de Março, pelas
15.00 horas, na sede social, com a seguinte ordem do dia:

- 1) Discutir, aprovar ou modificar o relató-
rio e contas do Conselho de Administração
e parecer do Conselho Fiscal, relativa-
mente ao exercício findo em 31 de De-
zembro de 1968;
- 2) De harmonia com as disposições estatutá-
rias apreciação de outros elementos rela-
tivos á actividade da empresa.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1969.

O Vice-Presidente em Exercício da Mesa da Assembleia
Geral

Manuel dos Santos Victor

PANORÂMICA DO CICLISMO INTERNACIONAL

Os sócios do Flamengo manifestaram-se contra a decisão da administração do clube de vender os jogadores João Carlos, ao Vasco da Gama por 100.000 dólares e de Silva ao Racing de Buenos Aires, por 63.000 dólares.

O Atlético de Bilbao não desiste da ideia de reestruturar os serviços técnicos do clube segundo o figurino britânico, e está agora em negociações para contratar o "manager" inglês Ronnie Allen.

A Federação Peruana de Futebol está a diligenciar no sentido de assegurar a presença do Real Madrid na cidade de Lima, no mês de Abril próximo, a fim de se fazer uma "exhibition" contra o Colo-Colo e o outro frente à seleção do Peru.

A seleção do Paraguai tem programados cinco encontros para o período de 19 a 30 do corrente: a 19, em Rosário, contra a Argentina; a 23 em La Paz contra o Bolívia; a 26 em Lima contra o Peru e a 30 em Quito contra o Equador.



O futebolista grego Sofoklis, que representa o Aris de Salónica, deslocou-se a Lisboa para ser operado pelo dr. Silva Rocha

XX VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL

No Clube 100 à Hora sortearam-se ontem os números dos concorrentes

Realizou-se ontem, à noite, na sede do Clube 100 à Hora, o sorteio para atribuição de números aos concorrentes da XX Volta a Portugal, que se inicia na noite da próxima quinta-feira.

Para os 27 concorrentes inscritos foram os seguintes os resultados do sorteio:

1 — Américo Nunes/Evaristo Saraiva («Porsche 911 S»); 2 — N. N.; 3 — N. N.; 4 — Policarpo de Brito/Tony Calcinha («NSU TTS»); 5 — João Paulo Barbosa/Eduardo M. Carvalho («Austin Cooper»); 6 — Alvaro Lamy Vicoso/António B. Almeida («NSU TT 1200»); 7 — Manuel Gomes Pereira/F. Carpintello Albino («Volkswagen 1300»); 8 — Christian Melville/Jorge Dias Duarte («Porsche»); 9 — Fausto Lucas Martins/J. M. Lucas Martins («NSU TTS»); 10 — Fernando Baptista/Nani («Austin Cooper S»); 11 — Francisco Romãozinho/Jocames («Cintroen»); 12 — Luís Netto/Garcia e Costa («Austin Cooper S»); 13 — N. N.; 14 — Sarmiento Rebelo/eng.º Mala Nogueira («NSU TT»); 15 — Albino Pinto/Silva Pereira («BMW 2002»); 16 — José Carpintello Albino/José Raposo Magalhães («Saab VA»); 17 — N. N.; 18 — César Torres/Giovani Salvi («Austin Cooper S»); 19 — Liszt de Melo/Carlos Prazeres Ferreira («Porsche 912»); 20 — N. N.; 21 — Aurélio Horta e Silva/Fernando Fonseca («Volkswagen 1300»); 22 — eng.º Hélio Morais/José Bernardo («Morris Cooper S»); 23 — José Lampreia/Jorge Nascimento («BMW 2002 TI»); 24 — Passanha/Passanha («Escort 1300»); 25 — Fernando Tordo/Amadeu S. Ferreira («Austin Cooper»); 26 — Horácio Santos/Jaime Viletas («Austin Cooper»); 27 — Odendaal/Schoonraad («Alfa Romeo Super»); 28 — N. N.; 29 — Jorge Abrantes Carvalho/Manuel Costa Silvério («Cortina GT»); 30 — N. N.; 31 — António Pile/António Acácio Leite («BMW 1600»); 32 — António Gonçalves Bastos/José Marçal («R8 Gordini»); 33 — Francisco Santos/António Morais («Lotus Cortina»); 34 — Hermínio Martins/Artur Silva («Saab VA»).

PUGILISMO INTERNACIONAL

URTAIN PROVOCA ESCÂNDALO!

EM ESCASSOS 65 SEGUNDOS ALCANÇOU EM BARCELONA O OITAVO K.O. CONSECUTIVO

A nova vedeta do pugilismo espanhol, Urtain, deu-se a conhecer no último sábado, quando acabou de derrotar em Barcelona, frente ao espanhol Kari Backer, a quem tinha vencido por K.O. consecutivo. Uma vez mais, houve bronca, pois o combate teve apenas a duração de 1 minuto e 5 segundos, pelo que os lugares mais altos do "ring" saíram a 151 pesetas por segundo.

Foi, ante o assombro do público, que se transformou depois em decepção, que Urtain pôs fora de combate o seu adversário, a quem infligiu duro castigo no curto espaço de tempo que durou o "match". Backer quase nem pôde responder aos golpes do pugilista espanhol. Com a primeira direita que lhe aplicou o jamaicano foi às cordas e logo de seguida Urtain com uma série de direitas e esquerdas obrigou-o a ajoelhar-se. E foi nesta posição, perfeitamente incapaz de reagir, que Backer ouviu o árbitro contar os dez segundos, acabando vencido.

Porque causou tal reação a vitória de Urtain, em que Urtain venceu o adversário por K.O. consecutivo com que Backer recebeu aos golpes do espanhol, a Federação catalã de Boxe em reunião urgente e extraordinária resolveu retirar a bolsa de pugilista a fim de evitar um aquecimento para averiguar as responsabilidades, desportivas em que poderá ter incidido na sua atuação.

A facilidade demonstrada com que Urtain alcançou o seu oitavo K.O. consecutivo, deu-lhe um duplo espírito de toda a gente, tão incontestável se apresentou o poder de soco do pugilista espanhol.

Entretanto o árbitro explicou:

— Sou testemunha de excepção pela minha situação no "ring" para confirmar que os golpes de Urtain são terríveis, insuportáveis. O problema dos seus

combates durante tão escasso tempo reside, portanto, na qualidade dos seus adversários. Urtain, entre outros, de recente, foi um campeão pela simples razão de que os seus oponentes se intimidam e não atacam.

Se de xamã se tratava a Urtain, por completo, os seus golpes não se encalham. A única forma de travar Urtain e atacando, repelindo-o, para que não se dê o único golpe, mas para não o necessário, naturalmente, para expor o pugilista a deplorável

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

Consta que a Benfica, através de uma comissão de sócios, se propõe assegurar para a próxima época a colaboração de Artur Jorge, Vítor Nunes e Nené, da Académica; Fonseca, do Leixões; Gualter, do Vitória de Guimarães e Guerrero, actualmente ao serviço do Vitória de Setúbal.

Entretanto, o Belenense, cuja carreira neste final de época tem entusiasmado os seus dirigentes, estabeleceu já contactos com o promotor Quinho, do Académico. Ao que parece existe já um compromisso verbal do jogador para ingressar no clube do Restelo.

A repetição da final de juvenis entre o Sporting e Benfica e a final de juniores entre os mesmos clubes,

Acontecimentos DE ONTEM

A assembleia geral da Associação de patinagem do Porto

Por proposta do delegado do F. C. Porto na reunião da assembleia geral da Associação de Patinagem do Porto, que ontem, à noite, se reali-

zou, os trabalhos foram adiados para o dia 8, às 16 horas, a fim de permitir a presença do respectivo presidente da direcção, impossibilitado de o fazer por motivos de saúde, que não lhe consentem sair da noite.

Basquetebol

Em jogo a contar para o campeonato feminino de basquetebol realizado ontem à noite em Setúbal a Cuf venceu o Benfica por 40-27.

TIRO A CHUMBO

OS «MUNDIAIS» APROXIMAM-SE... E A PREPARAÇÃO CONTINUA

Com os campeonatos mundiais à vista, continuaram neste fim-de-semana, com duas jornadas, as provas em fôseo olímpico, taça «Monte das Perdizes» e taça «Campeão do Mundo», organizadas pelo Clube Português de Tiro a Chumbo, para preparação dos seus atletas.

Resultados que se verificaram:

Fôseo olímpico

Sábado: 1.ª cat. — 1.º, arq. Carlos Tojal (24/25); 2.º, Guy de Valle Flor (22/25). 2.ª cat. — 1.º, arq. Carlos Tojal (24/25); 2.º, António Lopes (22/25). 3.ª cat. — 1.º, Fernando Terenas (18/25); 2.º, António Pedro Brito (17/25). Domingo: 1.ª cat. — 1.º, dr. Simões de Lemos (22/25); 2.º, Guy de Valle Flor (19/25). 2.ª cat. — 1.º, João A. Janz (21/25); 2.º, António Lopes (18/25). 3.ª cat. — 1.º, António Pedro Brito (21/25); 2.º, António Lopes (18/25).

Taça

«Monte das Perdizes» 11.ª Sessão — 1.º, Fernando Simões (25/25); 2.º, José António Martins (24/25); 3.º, Fernando Terenas (14/15). 12.ª Sessão — 1.º, Guy de Valle Flor (6/6); 2.º, António Lopes (5/6); 3.º, Fernando Terenas, Cipriano Rato e Olímpio Resende (4/6).

Taça

«Campeão do Mundo» 10.ª Sessão — 1.º, Fernando Simões (18/18); 2.º, Olímpio Resende (17/18); 3.º, Romeu Pizarra (13/14).

Classificações actuais Taça «Monte das Perdizes» — 1.º, Guy de Valle Flor, 42 p.; 2.º, Carlos Cruz, 34 p.; 3.º, eng.º Andrade e Sousa, 31 p. Taça «Campeão do Mundo» — 1.º, Gualberto Ferreira, 46 p.; 2.º, Luís Soares e Carlos Silva, 33 p.

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

	2 APOSTAS 1500	4 APOSTAS 800	6 APOSTAS 500	8 APOSTAS 350	10 APOSTAS 250
1.º	1	2	3	4	5
2.º	6	7	8	9	10
3.º	11	12	13	14	15
4.º	16	17	18	19	20
5.º	21	22	23	24	25
6.º	26	27	28	29	30
7.º	31	32	33	34	35
8.º	36	37	38	39	40
9.º	41	42	43	44	45
10.º	46	47	48	49	50

MATRIZ

27

APOSTAS MUTUAS DESPORTIVAS

TOTOBOLA — 27.º CONCURSO

Classificações dos Campeonatos de Espanha e Itália

ESPAÑA	ITALIA
REAL MADRID ... 38 pontos	Cagliari ... 30 pontos
BARCELONA ... 30	Milão ... 29
Las Palmas ... 30	Florentina ... 29
At. Bilbao ... 24	Juventus ... 23
Valencia ... 24	INTER ... 22
Sabadel ... 24	TORINO ... 21
At. Madrid ... 23	ROMA ... 21
R. Sociedade ... 22	Verona ... 20
Corunha ... 22	NAPOLIS ... 19
ELCHE ... 22	PALERMO ... 19
Málaga ... 20	BOLONHA ... 17
Espanhol ... 20	Varese ... 16
GRANADA ... 19	Lanerossi ... 14
Pontevedra ... 19	Afalanta ... 14
Saragoça ... 19	Pisa ... 14
Córdoba ... 12	Sampdoria ... 12

CARTAZ DOS CINEMAS

* TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 98995
As 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
A história de um homem extra-
nho que joga com vida e a
morte dos outros
JOGO PERVERSO
com Anthony Quinn, Michael
Caine e Candice Bergen

* ESTÚDIO

Tel. 48560
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Technicolor — 3.ª SEMANA
**UM CORAÇÃO
SOLITÁRIO**
Um filme de Robert Ellis Miller
com Alan Arkin e Sandra Lake

* ALVALADE

(Adultos) Tel. 763880
As 15.45 e 21.45
Um filme de Roman Polansky
A SEMENTE DO DIABO
c/ Mia Farrow e John Cam-
meyer

* POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326385
As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
4.ª SEMANA E ÚLTIMA
DE GARGALHADA
com CAMILO DE OLIVEIRA
**O LADRAO
DE QUEM SE FALA**

* ODEON

(Adultos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
**ESPANTOSO ÉXITO
UM FILME DE
SENSACIONAL FEROCIDADE**
com TERENCE HILL
VIVA DJANGO
Nunca o ódio teve mais alto
preço na ponta de uma bala...
(Eastmancolor) Versão Inglesa

* EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 249729
3.ª SEMANA
As 15.15 e 21.30
Quando os cavaleiros partiam
para a guerra, deixavam os
seus «bens» em segurança.
Deixariam?
Tony Curtis e Monica Vitti em
**O CINTO
DA CASTIDADE**

* CONDES

Telef. 32 25 23 - 32 67 18
(M. 12 anos)
As 15.15, 18.15 e 21.30
**RICHARD BURTON CLINT
EASTWOOD. MARY URE**
Um espectáculo que é um de-
safio à sua coragem!
**O DESAFIO
DAS AGUIAS**
— Where Eagles Dare —
70 mm Panavision Metrocolor

* IMPERIO

(Adultos) Tel. 985134
As 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA
Não foi uma vulgar história
de amor
TECHNICOLOR
ROMEO E JULIETA

* MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Fred Astaire — Petula Clark —
Tommy Steele em
O VALE DO ARCO IRIS
Technicolor — Panavision

* QUINZENA A INFANCIA
NO CINEMA

Amanhã — 18.30 h.
**UMA AVENTURA FANTAS-
TICA**, de Anton M. Leader,
com Alan Badel, Barbara
Ferris, etc. (Adultos)
Dia 7 — «Todas as Noites às
Nove» (Adultos)

* AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21.45
UM ÍDOLO DA CANÇÃO!
**ROBERTO CARLOS
EM RITMO
DE AVENTURA**
EASTMANCOLOR
Um movimentado filme
com belas canções!

* LUMIAR

(M. 17 anos) Tel. 791574
Praça D. João I — Amadora
(M. 12 anos) Tel. 937593
As 15.30 e 21.30
Uma soberba e emocionante
realização com Marlon Bran-
do e James Mason à frente
de um grande elenco!
JÚLIO CÉSAR
com Marilyn Monroe, Tony
Curtis e Jack Lemon

* CHIADO
TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917
M/17 anos Tel. 320917
As 21 horas
**O GRANDE CARNAVAL
ASSALTARAM O BANCO!**

* RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
Um extraordinário filme de
violência implacável
**A NOIVA ESTAVA
DE LUTO**
com Jeanne Moreau e Jean
Claude Brialy

* SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327178
As 15.15 e 18.15 e 21.30
Um filme de Roman Polansky
A SEMENTE DO DIABO
c/ Mia Farrow e John Cam-
meyer

* SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 64153
As 15.15, 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Um novo estilo de jovialidade
**DOUTOR... VAMOS
A ISTO!**
com Sidney James, Charles
Bawrey e Jean Sims

* MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
(Adultos)
Carrol Baker, Jean Sorel
e George Milles
no empolgante filme em
Scope colorido
**O DOCE CORPO
DE DEBORAH**
Metro: estação Picos

* ROMA

(M. 12 anos) Tel. 727778
As 21.30
2.ª SEMANA
Um acontecimento memorável
na história do Cinema!

* O DESAFIO
DAS AGUIAS

com Richard Burton, Clint
Eastwood e Mary Ure
70 mm — Metrocolor
O filme de fundo começa a
projectar-se 5 minutos depois
do início da sessão

* ESTÚDIO
444

(Adultos) Tel. 779095
7.ª SEMANA
As 21.45

* LE VIOL — o desconhe-
cido desejado

com Bili Andersson e Bruno
Cremer na mais perfeita liga-
ção franco-sueca
EASTMANCOLOR

* IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933
As 21 horas
100 000 DÓLARES POR
RINGO
TESOURO ANTIGO

* CASINO
ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 268729
As 17 e 21.30
**COM A PEDRA
NO SAPATO**
com Rex Harrison, Rosemary
Harris e Louis Jourdan

* EDEN

(Adultos) Tel. 336768
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
TECHNICOLOR
De simples pistoleiro a chefe
da Máfia, até ser condenado
pela própria família
Kirk Douglas em
**OS DOIS IRMÃOS
SICILIANOS**

* LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
SHALAKO
MISSÃO EM HONG-KONG



Teófilo Gouveia, jovem
músico que tem percorrido
o Continente com o «show»
organizado por Marques Vi-
dal, formou um conjunto
que vai gravar diversas com-
posições para a etiqueta
«Marifer», da Grande Feira
do Disco

FARMACIAS
DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno G

AJUDA — Moura, Trav. da Me-
mória, 55 (630944) * Blotter,
Rua D. João de Castro 27-B
(638824)
ALCANTARA — Bairro, R. Pror
do Crato, 25 (663211)
ALMIRANTE REIS — Confiança,
Av. Almirante Reis, 46 (424531)
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja,
9-D (71780) * Roma, Av. de
Roma, 85-B (724661) * S. João
de Deus, R. Pedro Ivo, -A-B
(725140)
AMOREIRAS — Britânica, Trav.
Léguas da Póvoa, 5-B (689250)
AREIRO — Garantia, Av. Padre
Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B
(727300) * Imperial, Av. Guer-
ra Junqueira, 30-B (726860)
AVENIDAS NOVAS — Alcantara,
Av. da República, 14-A (773791)
e Vale, Av. Marquês de Tamar,
45-49 (773043) * Dalva, Av.
Duque de Aveiro, 25 (452251) *
S. Sebastião, Largo de S. Sebas-
tião do Pedreiro, 1-9 (486421)
BAIRRO DA ENCARNACÃO —
Ascenso, R. 27 n. 4 (32261)
BAIXA — Fernandes, R. de S. Jo-
sé, 87 (326476) * Azevedo,
Filho, Pr. de D. Pedro IV 31
(327478)
BENFICA — União, Est. de Ben-
fica, 592-594 (700092) * Ale-
gria, Est. de Benfica 80-A-B
(78051)
CAMPO DE OURIQUE — Labet, R.
de Infância 6, 98-B (688807)
* União, R. Soror de Convo-
ção, 119 (663643)
CAMPOLIDE — Sefeter, Rua B.
75-A, B. Bairro da Liberdade
(683694) * Pinto, R. de Cam-
pode, (682610)
CONDE REDONDO — Sousa Mar-
tins, Rua Sousa Martins 25
(553468)
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av.
Infância Santo, 66-B (666971)
ESTEFANIA — Mundial, L. D. Es-
tefania, 9 (455781)
GRACA — Ziller, R. de S. Tomé,
54-56 (862835)
LUMIAR — Central do Lumiar, R.
do Lumiar, 77 (790480) * Dou-
ro, Alameda das Linhas de Torres,
93-A-B (791311)
MADRAGAÇA — Eduardo A. César,
R. das Trinas 02 (662631)
OLIVAIS — Oliveira, R. Alves, Gou-
veia, 19 (311287)
PALMAYÁ — Costa, Est. das La-
ranjeiras, 202-B (780841)
PENHA DE FRANÇA — Central,
R. Penha de França, 58-60
(849245) * Vitellus, R.
Morais Soares, 66-A (84801)
PICHELEIRA — Luzner, R. João

* OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

CASA DA COMEDIA — As 22:
«A caixa de Pandora» (12 anos)
VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«Noite de Verbo» (12 anos)
CAPITOLIO — As 21 e 45: «Tan-
go» (17 anos)
VILLARET — As 21 e 45: «A
preguiça» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 5: «Sa-
bina Freire» (17 anos)
LAURA ALVES — As 21 e 45: «O
Jovem Menhoso» (17 anos)
A B. C. — As 20 e 45 e 23:
«Ela é que sabe» (17 anos)

CINEMAS

COLISEU (Cinema) — As 21 e 15:
«Bianca» (12 anos)
CINEARTE — As 21: «Um idiota
em Paris» (17 anos)
PARIS — As 21: «O sargento
Rykens» (12 anos)
ROYAL — As 21: «Comarada
Mimi-Sara» (17 anos)
ARCO IRIS — As 21 e 30: «Os
7 ladrões da cidade»
CINE MOSCAVIDE — As 21: «A
morte espera em Atenas» (17
anos)
JARDIM — As 21: «Sebastian»
(17 anos)
SALAO LISBOA — As 19: «Kid
Rodelo» (12 anos)
S. L. BENFICA — As 21 e 15:
«Nunca digas sim» (12 anos)
VOZ DO OPERARIO — As 21:
«A vingança de Fu-Manchu»
(17 anos)
CINE ORIENTE — As 21: «Por
mais alguns dólares» (17 anos)

UNIVERSAL — As 21: «Duro com
o diabo» (17 anos)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — As
21: «Só se vive duas vezes»
(17 anos)

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21:
«Sessão o tempo» e «O ven-
gador atira à esquerda» (12
anos)
PARÉDE — ROYAL CINE — As 21:
«Megamob» e «A maior atra-
ção» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — As 7 e 21
e 30: «Com a pedra no sa-
pato» (17 anos)
CASCAIS — S. José — As 21 e 30:
«Uma mulher no cimento» (17
anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As
21 e 30: «Brigada do Diabo»
(17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «Este di-
fícil amor» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As
21 e 15: «Operação tubarão
branco» e «A mulher que salva
sotões» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL —
As 21 e 30: «O fundo da gar-
rafa» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21
e 15: «O manito é meu mata o
quando quiser» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIAO
ARTISTICA — As 21 e 5: «Os
bons verões» (12 anos)

CONCURSO
«MAJA DE PORTUGAL»

com o patrocínio da IBERIA
(Lineas Aereas de España)

Nome
Morada Tel.
Idade Profissão

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra
de corpo inteiro) e remeter para o «Diário
de Lisboa», Rua Lus Soriano, 44-48, Lisboa

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Cora-
nel Ramos da Costa 10 (Tel.
234331)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av.
da Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — Alameda, R. Fernão
Lopes 1 (270771)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova
Fátima, Est. Nacional 12-B
(224411)
BARREIRO — Avenida, Av. Alfre-
do da Silva, 88 (227322)
COVA DA PIEDADE — Império —
R. Cabo da Boa Esperança 31-A
(274356)
MOITA — União Moitense, Av.
de Teófilo Braga (229025)
MONTIJO — Montijo — R. Al-
mirante Reis, 93 (230035)
SESIMBRA — Leão, Av. Solazar
(229471)
SETUBAL — Soromenho, P. Ma-
chado Santos (226911) * Alice
P. da Quebedo (23743)
SEIXAL — Soromenho, R. Parva
Cuelho 38 (2218560)

SERVIÇOS
URGENTES

Telefones
AGUA, GAS e ELECTRICIDADE —
Companhia das Águas, 361353
* Companhia Reunidas, 537011
* Gásulda 538821 * Gásul-
da (dom e feriados), 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 222222
* Voluntários 585324
POLICIA e G. M. R. — Serviço de
emergência, 115 * Segurança
Pública, 366141 * Judiciária,
583380 * Marítimo, 826456 *
Internacional, 862721 * Via-
ção e Trânsito, 42205 * G. M.
R. (área rural), 36865
SAUDE — Cruz Vermelha, 665342
* Enfermagem permanente,
766161 * Enfermagem de ur-
gência, 43738 * Hospital de
Santa Maria, 775171 * Hospi-
tal de S. José, 860131 * Son-
gue, oxigénio a soros, 771168
* 771169 * Transfusões de
sangue, 585324 * Centro
de Intervenções (informal),
767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto,
720111 * Caminhos de ferro
(C. P.), 869029 * Caminhos de
ferro (Estoril), 861121 * Es-
tação fluvial (T. Paço), 325343 *
Estação Marítima de Alentejo,
663195 * Estação Marítima de
Rocha, 672445 * Estação flu-
vial (Beldes), 638331

BOM APETITE

XANGAI

Av. Duque de Loulé, 20-B
Tel. 57378
(frente
à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA YO LYN
e o clássico arroz
CHAO CHAO

MONTE ALTO

Rua Filipe Folque, 10-B-C-D
Tel. 51005
TODOS OS DIAS PRATOS
VARIADOS
SERVEM-SE BANQUETES
LANCHES DE CASAMENTO

MINABELA

Restaurantes
Churrasco
Pastelaria
Diariamente
várias especialidades
AMADORA — Tel. 939191/2
QUELUZ — Tel. 951611

VIRIATO

RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2h)
Telefone: 53 07 58

RESTAURANTE FRAMAR

RESTAURANTE, SALAO DE CHA E CERVEJARIA
Emmerado serviço para casamentos, baptizados e festas,
com salões próprios — Recebe Excursões
AVENIDA DA REPÚBLICA, 35 — TELEF. 95
VILA VIÇOSA

Diário de Lisboa



Propriedade de
Renascer Gráfica, S. A. R. L.
Editor João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Tels: 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Te: DIBOA, Tels: 1363
Lisboa 2 Portugal

Três vidas encontraram o fim na água de rios

Desapareceu um agricultor no rio Mondego

PENACOVA, 4. — Não apareceu ainda o corpo do agricultor sr. Evelino Martins de Carvalho, de 57 anos, viúvo, residente no lugar de Canhedo, freguesia de Oliveira do Mondego, deste concelho.

O seu desaparecimento deu-se na madrugada de ontem e a família, que há horas esperava o seu regresso, deveras aflita deu o alarme e logo a população do lugar se lançou em busca do desaparecido.

Foram feitas várias diligências, durante largo tempo, mas todas resultaram infrutíferas. Logo se avolumaram os receios de que o Evelino tivesse perecido afogado, tanto mais que era possível ter ele utilizado um barco para atravessar o rio Mondego, de Oliveira do Mondego para Canhedo.

Entretanto, a G. N. R. do posto desta vila efectuou, igualmente, buscas para encontrar o infeliz agricultor. Até agora, porém, sem resultado.

Por outro lado, mais se avolumaram as suspeitas de que ele tivesse perecido no rio, quando o seu barco apareceu, à deriva, próximo das Torres do Mondego.

DESAPARECIDO NO XARRAMA

EVORA, 4. — Quando atravessava, de bicicleta, a ponte sobre o rio Xarrama, caiu à água o sr. Manuel Mé Mendes, de 50 anos, calceteiro, residente nesta cidade.

O infeliz não voltou a aparecer, embora a bicicleta tenha sido encontrada.

Maioral afogado num ribeiro

ALCAÇOVAS, 4. — Foi encontrado afogado num ribeiro da propriedade denominada «Quinta do Duque», sita na freguesia de Alcaçovas, o Francisco José Oleiro da Mata, de 54 anos de idade, solteiro, maioral de vacas do proprietário e cavaleiro taurinómico sr. João Branco Nuno.

Ao que se supõe, a morte do pobre homem foi originada por queda da montada em que seguia quando atravessava o referido ribeiro. O Francisco da Mata tinha vindo, no dia anterior, a esta vila, onde residia, a fim de mudar de vestuário e comprar alguns produtos alimentícios. Como a montada tivesse aparecido junto do rebanho, sem o cavaleiro, o ajudante deu o alarme comunicando o caso ao paião. Aquele seguiu, então, com pessoal à procura do maioral desaparecido, vindo, mais tarde, a encontrá-lo afogado naquele ribeiro.

CAIU NUM CHARCO E MORREU

SETUBAL, 4. — Foi encontrado num charco formado por água da chuva, no sítio do Poço Feito, desta cidade, o pequeno Afonso Manuel Simões, de 9 anos, residente com sua mãe, sr. Manuel Simões e Maria Helena Capêlo, no sítio do Poço de Água. Conduzido ainda com vida ao hospital, chegou ali já morto.

Ao brincar no local, caiu no charco.



A actriz Vanessa Redgrave

VANESSA REDGRAVE:

«PODE HAVER AMOR SEM CASAMENTO»

LONDRES, 4. — (R.) — A actriz Vanessa Redgrave teria revelado que estava a viver com o actor italiano Franco Nero, mas que poderia nunca vir a casar com ele.

Vanessa Redgrave, de 32 anos, que tem dois filhos do seu casamento com o director cinematográfico britânico, Tony Richardson, de quem está divorciada, disse ainda que ela e Nero desejam um filho, segundo revela uma reportagem publicada na primeira página do jornal «The Sun».

De acordo com as revelações feitas pelo jornal a actriz teria declarado: «O casamento é belo quando é belo. A certa altura queria ca-

sar-me, mas agora não. Pode haver amor e afecção fora do casamento. Se casardes deverá ser depois de vos conhecerdes um ao outro durante muito tempo. Tendes de saber que não estais a viver um sonho.»

Vanessa e Franco Nero encontraram-se pela primeira vez quando trabalhavam na versão cinematográfica de «Camelot», cuja produção custou muitos milhões de dólares.

O último filme da actriz, «Isadora», em virtude do qual o seu nome foi indicado para o Oscar de melhor interpretação feminina em 1968, será exibido esta noite em Londres, fazendo a sua estreia na Europa.

Quatro amigos para um negócio de noite

PERO PINHEIRO, 4. — Quatro amigos muito amigos, todos solteiros e residentes na zona do Sabugo, Vale de Lobos, tinham um negócio nocturno a que o comandante do posto local da G. N. R. pôs agora termo, entregando-os ao tribunal da comarca de Sintra. Especialidade do grupo: assaltar a horas mortas.

Foi assim que esquadriñaram a propriedade rustica (Quinta de S. José) do prof. Pedro Soares Martinez, antigo ministro da Saúde, de onde levaram ouro, prata, candeeiros, roupas e mesmo canalizações, arrancadas com mestria das casas de banho.

A «falência» dos sócios está à vista. São eles Américo Domingos Galvão, o «Mofarre», de 35 anos, natural de Santa Eufália, Madra; João Bernardino, o «Milegala», de 37 (Sabugo); Alberto Lemos, o «Molheiro», de 35 (A-da-Beja); e Aníbal Manuel Martins Moreira, o «Espanhol», de 32 (Sabugo).

Novo comandante da III Região Militar

EVORA, 4. — Tomou posse, esta tarde, do comando da III Região Militar o sr. general Fernando Louro Sousa.

A posse foi-lhe conferida pelo brigadeiro Leote Cavaco, que interinamente tem vindo a exercer aquelas funções.

O antigo comandante, sr. general Correia Barreto, foi recentemente nomeado para director de uma unidade militar de Lisboa.

A G.N.R. de Bragança

BRAGANÇA, 4. — Vindo de Vila Real, chegou, ontem, a esta cidade, o coronel Manuel Maria Barreto de Magalhães, comandante do Batalhão n.º 4 da G. N. R., que, por motivo de ter sido mobilizado para uma missão de serviço em Angola, veio apresentar cumprimentos de despedida ao pessoal da Companhia rural n.º 47, aqui aquartelada.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Távora, 15°; mínima: Penhas da Saúde, —5°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No alentejo: 12°/5, na água do mar: 13°/2.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Período de céu muito nublado, alternando com boas aberturas; vento fraco a moderado de quadrante Norte; possibilidade de aguaceiros dispersos e pouco frequentes; nevoeiro ou neblina local.



Amanhã
Nascer às 8 e 4
Oculto às 19 e 34



Hoje Dia 11 Dia 18 Dia 26

MARES:

PREIA-MAR: Dia 4 — 4 e 27 (4,0 m); 6 e 49 (3,9 m); Dia 5 — 4 e 58 (4 m); 17 e 22 (3,9 m); Dia 6 — 5 e 29 (4,1 m); 17 e 52 (3,9 m); BAIXA-MAR: Dia 4 — 10 e 17 (0,8 m); 22 e 28 (0,9 m); Dia 5 — 10 e 48 (0,7 m); 23 (0,8 m); Dia 6 — 11 e 20 (0,7 m); 23 e 36 (0,8 m)



Uma placa — que se vê na gravura — avisa os automobilistas que se encontra vedada ao trânsito a única variante para o escoamento do tráfego das Avenidas da Índia e 24 de Julho, nas horas de ponta. Trata-se da Rua de Cintura do Porto de Lisboa — da qual o troço entre Cala do Sodré e Santos já estivera fechado — encontra-se agora impedida a partir de Santos. Segundo informa a placa, as obras previstas na artéria estarão terminadas até ao dia 10 de Abril. Entretanto, como não se vêem operários no troço, dá ideia de que ainda não começaram os trabalhos. A situação causa grandes incómodos, como se compreende, e devia ser resolvida com a maior brevidade.

INFANTE D. HENRIQUE E GAGO COUTINHO — evocados esta noite na Sociedade de Geografia

Na Sociedade de Geografia, efectua-se esta noite, pelas 21 e 30, uma sessão comemorativa para assinalar o

dia do nascimento do Infante D. Henrique.

Presidirá o ministro de Estado, assistindo o secretário de Estado da Aeronáutica; o chefe do Estado-Maior da Armada; o presidente da Sociedade de Geografia, prof. Adriano Moreira; o presidente da comissão Infante D. Henrique, almirante Sarmiento Rodrigues, e outras individualidades.

O escritor académico Costa Brochado proferirá uma conferência sobre «O Infante D. Henrique e Gago Coutinho».

Adido aeronáutico junto da Embaixada de Portugal no Luxemburgo

Um decreto da Presidência do Conselho cria o lugar de adido aeronáutico junto da Embaixada de Portugal no Luxemburgo, em acumulação com o cargo de adido aeronáutico e militar em Paris.

A decisão foi tomada depois de se ter considerado «que o Conselho do Atlântico Norte decidiu transferir de Chateauroux, em França, para Capellen, no Luxemburgo, o N. A. T. O. Supply Center, junto do qual a Força Aérea Portuguesa mantém uma missão de ligação.

Cadela perdigueira

DÁ-SE. TELLER. 243 2004

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO PRESIDENTE NIXON

(Continuação da 1.ª página)

a Casa Branca anunciou a noite passada que a conferência se realizaria hoje, às 21 horas locais (2 horas T. M. G.).

Observadores diplomáticos desta capital julgavam

que o presidente se encontrava preocupado com as novas medidas com que os alemães orientais ameaçaram, se a eleição se efectuasse em Berlim-Oeste, as quais poderiam criar sérios obstáculos à sua esperada série de conversações com a União Soviética sobre problemas de interesse mútuo.

Esses planos podiam ruir se os soviéticos encorajassem ou não conseguissem evitar uma crise por causa de Berlim, disseram observadores.

Diplomatas encontravam-se, também, atentos por causa de novas declarações presidenciais sobre a Guerra no Vietnam, especialmente quanto a indicações de possível mudança de política, devido a continuação dos bombardeamentos comunistas contra Saigão e outras cidades sul-vietnamitas.

Palestras de iniciação artística

Prossegue amanhã, às 18 e 30, no Museu de Arte Antiga, a série de palestras intitulada «Para uma compreensão do Século XX», especialmente orientada para a juventude pelo dr. Rito-Carvalho.

O tema da palestra será: «O Construtivismo — O Bauhaus». A entrada é livre, pela Rua das Janelas Verdes.

Conta Universitaria

BANCO DO ALENTEJO

Juvenil

N.º 612

DOS JOVENS PARA TODOS

ANTIMUSA

por Hélia Correia

o poema
encontrei-o na rua.
Suportei-o nas coisas desiguais.
O merceiro punha maçãs à porta mas
os meninos vendiam pentes.
Talvez o meu poema tenha morado
nos pés descalços
por isso trago vozes pó cansaço
trago um poema sujo
com cheiro a lenha e a caminhos
trago um poema que quero agreste
e malcriado.

O poema encontrei-o nas flores
O jardineiro cantava baixo.
As palavras que trago talvez
ele as dissesse antes de mim
por isso o meu poema se diz terra
vem suado dorido
e com orvalho colado aos ombros

O poema colhi-o nos outros
havia homens que falavam de coisas belas
há daquelas palavras que só se dizem
de mão em mão.
Foi daí que nasceram
todas as aves do meu poema

Talvez os barcos também trouxessem versos
algum dia
mas foi com eles que aprendi
os espaços vazios.
Os homens partem de madrugada
foi por isso
que enchi o meu poema de comboios
e o fechei em volta
A rima, desisti-a no passeio
um mendigo tocava
Foi então que eu fiquei com um poema cego.
Um poema de mãos fechadas.

Há quem saiba de angústias e de luas.
Por mim,
trago-te os dias por que passo
nada mais.

O BILHAR

por António Madeira

As mulheres da limpeza varrem os papéis e as bea-
tas que se acumularam no
chão. O sr. José, empre-
gado competente e sério,
limpa os bilhares com gran-
de ternura, pois á noite a
sala estará cheia, e é pre-
ciso que esteja tudo em
ordem.

O sr. Lopes, possuidor de
uma loja de pronto a ves-
tir, é considerado o me-
lhor jogador do café. To-
dos sentem grande pena
de ele não participar nos
campeonatos nacionais de
bilhar. Dizem que ele era
bem capaz de ganhar ao
actual campeão, embora
nunca tivessem visto este
jogar.

A sala está sempre cheia
de assistentes.

O Rodrigues, carteiro re-
formado, passa ali as suas
horas livres, pois não tem
onde gastar o dinheiro.
Depois de almoço, vai até
lá, senta-se a ler o jornal
(de borla), e toma uma boa
posição que lhe permita
ver todas as jogadas. Quan-
do surgem dúvidas no de-
correr do jogo, é a ele que
se dirigem a fim de escla-
recer as jogadas.

O sr. doutor (é como lhe
chamam), director da es-

cola primária, julga ser dos
melhores jogadores, sendo
alvo de grandes gozos (sem
ele ver, está claro!).

Quando falha a tacada
surgem desculpas de todos
os lados: é do taco, é do
giz, é o bilhar que está a
descair para a esquerda. A
justificação do sr. doutor
não tarda, e é aceite por
todos como a mais certa.
Quando ele vai iniciar
uma partida, ouve-se com
frequência: vão esfolar o
pato. Também há quem
diga que ele na escola é
severo para com as crian-
ças.

O sr. Felix, jogador de
larga experiência, pertence
a um clube da capital. Por
isso, todos os seus movi-
mentos são seguidos com
atenção, o que lhe dá gran-
de satisfação. Antes de co-
meçar o jogo escolhe um
dos seus três tacos; verifi-
ca o seu estado; veste uns
mangotes para não sujar
os punhos da camisa; tira
um giz especial (muitos
dizem que é um giz vul-
gar); põe pó de talco nas
mãos e vai esfregando no
taco para este deslizar me-
lhor; costuma pôr uns
óculos escuros (uns dizem

que são óculos graduados,
outros que são para prote-
ger a vista da iluminação),
e começa a partida. As suas
atitudes previamente estu-
dada fazem com que mul-
tos dos assistentes adoptem
o seu estilo.

O sr. Fernando Luis, des-
pachante de alfandega
(não se sabe bem a sua
profissão, pois ele passa ali
a vida), é um jogador fraco.
Consegue atrair as aten-
ções da assistência grace-
jando, fazendo gestos tea-
trais e difamando a mu-
lher (dizem que é bem jel-
tosa). No fundo ele sabe
que passa por idiota, mas
não desiste.

O Carlos Morgado, rapaz
novo, estudante e filho de
gente de bem, passa os dias
a jogar. Desde os catorze
anos que ele frequenta a
sala. Noutro dia ele disse:
«Posso-me gabar de poder
dar cartas a muitos, mas
para isso tive de aprender
bastante».

O seu maior desejo até
há tempos era possuir um
taco especial (igual ao do
sr. Lopes). Sem o pai saber
(sem o pai não gosta na-
da que ele passe ali a vi-
da; às vezes até lá vai bus-

cá-lo e repreende-o), con-
seguiu o que queria. Quan-
do entra no café, sente or-
gulho de ver o seu taco
reservado ao lado de outros
tão célebres.

Hoje, o seu maior prazer
quando joga é ver-se rodea-
do de veteranos. Ele presen-
te que qualquer dia poderá
ingressar naquela tão ambi-
cionada comunidade.

Há ainda aquele grupo de
jogadores que pertencem à
geração passada.

Dois desses, muito conhe-
cidos: o sr. Ernesto, reforma-
do da Marinha, e o sr. Alfre-
do, proprietário de terras em
África. Quando jogam, ou-
vem-se queixumes, pragas...

No outro dia zangaram-se
há quem diga que o sr. Al-
fredo tinha razão. Formaram-
se várias opiniões. Naquela
semana falou-se muito nisso.

Mas continuaram os jogos,
os queixumes, as atitudes
maliciosas, os aspectos coléri-
cos... A maior revelação des-
te ano foi o Graça.

Na opinião do sr. Lopes (o
tal campeão) a opinião mais
válida do café, o Graça joga
muito bem à defesa e tem
uma boa seca.

As duas horas da madru-
ga, quando fecha o café, ape-
nas ficam o fumo do tabaco,
os bilhares verdes, sujos, os
papéis e as bea-
tas que de manhã as mulheres da
limpeza hão-de varrer.

RETICÊNCIAS

por Margarida de Paiva

Viajamos. Orelhas penden-
tes, olhar lambido, um osso
nos dentes. Imaginamos.
O caminho é fácil aqui pen-
duradas nas colchas flori-
das da camarata. Penso fi-
losóficamente na maneira
de evitar erros lógicos, as
flores das colchas não são
tão verdadeiras como que-
ria mas lembram muitos
verdes de ar pesado, mãos
caladas e versos sem rima.
Em resumo, Fernando, re-
cuso o teu convite para nos
embebedarmos, talvez nos
ríssemos ao som dos copos,
mas a hipótese é uma cha-
ve para abrir, e como nós
já não temos nada fecha-
do seria falta de seriedade
científica.

Há um cigarro a consu-
mir-se no tapete, faz um
burraquinho lentamente e
por lá vêm-se estrelas a
dormir porque já é noite
falta. A Glia tomou café e
não tem sono, recorda-se
que na tarde de sei o céu
é azul, tão azul como o hi-
do do irmão que morreu

sem ter crescido, que os
meninos que crescem na
guerra não sorriem como
as flores, abrimos a per-
siana e vamos para a ja-
nela procurar Morfeu, a
Luz e paz.

Dez e meia. Jantava com
Freud á luz de uma tocha,
ambiente vermelho e ar-
roz-doce. Tremia como mi-
nha avó no dia do casa-
mento. Lemos Bernardim
depois da sopa para esque-
cer tendências e não lem-
brar teorias. Saímos á so-
bremesa. Disse a Freud que
era muito nova e ele sorriu
e não se convenceu. Depois
que dei uma demão de tin-
ta branca no carro dele
que era vermelho, levou-
me a casa e pediu des-
culpa.

No canto do fundo a Na-
tália chora. Diz que está
triste mas a Zé nega, pede
uma frase emprestada e
explica-lhe que não chora
porque está triste mas es-
tá triste porque chora.

Abrimos a boca e suspen-
demos os olhos. Surgiu a
duvida e fez-se insonia, en-
tão eu procuro no bolor
dos dicionários alguma coi-
sa de consistente que
preencha as horas vazias
do dia seguinte que preve-
jo amorio como os outros.
Quando o sol surge ape-
nas cheguei á conclusão
que é preciso procurar a
quatro mãos.

«Repetimo-nos todos os
dias nos mesmos hábitos
gastos», diz com um tremor
de pestanas postizas a mi-
nha irmã mais nova. «Re-
novamos a cada momento
a loucura cada vez mais
louca desta mocidade», afir-
ma a minha avó mais ve-
lha. Penduro um assenti-
mento duplo nas bochechas
flácidas, refugio-me na in-
decisão e quando as pes-
soas berram que é preciso
tomar posições, sou levada,
condenada e enterrada sem
glória, sem história e com
uma manta de retalhos por
caixão.

AO SERÃO

por Elisabeth

Visitas mais a T. V. e
aquelas palavras que an-
dam no ar e são sempre
as mesmas.

Estar aqui e ser só, sem
ter quem se sente no chão
comigo, diga palavras das
outras, invente coisas e vi-
das, vidas onde a chatice
não é morna o que pode é
queimar-nos a todos e don-
de fugiram as poltronas-
burguesas com o pelo do
veludo erigido assustadas
pela invasão!

A casa é um barco velho,
um grande barco velho, e
quero fazer saltar portas e
tectos para os amigos en-
trarem por todo o lado e
não serem nunca visitas,
sempre que não vamos nas
horas que não existem. Pa-
ra aqui e para ali sentindo
na saliva o gosto do vento.

ATENÇÃO A...

ANTÓNIO MADEIRA, o autor da narrativa
«O Bilhar». Vários são os motivos de inte-
resse reunidos nesta breve crónica. O mais
valioso, porém, vamos encontrá-lo no aprovei-
tamento do quotidiano, no correr para a
orte de elementos que os viciados, na fantasia
poderão considerar banais. Tais elementos in-
significantes tornam-se, pela habilidade do
autor, significativos em tal lugar, em tal tem-
po e com tais pessoas o importante são os
tacos, o giz, a carambola...

ANTÓNIO MADEIRA desenvolve a narra-
ção com raro sentido do equilíbrio. A conten-
ção de que dá tão boas provas no seu «Bi-
lhar» traz-nos a esperança de mais um nome
a escrever no activo do nosso «Juvenil».

MÁRIO CASTRIM

A POSSE DO SILÊNCIO

por Joaquim Luís Alves

Sentiremos então o posse do silêncio
na nossa carne
contendo os gritos
que construímos nas veias

Iremos pelo caminho do sol
levantar os braços à madrugada
e levaremos nas nossas mãos
as sementes do fruto
que ergueremos do sangue

Chegaremos a uma hora desconhecida
e teremos então dentro de nós
o espanto de não nos termos
conhecido antes

Não compreenderemos o porquê
dos nossos unhas roídas
não saberemos o porquê de nada
porque voltámos ao princípio

HISTÓRIA DO POEMA

por João Manuel Farias

as palavras fizeram-se não
para açucarar o solo mas para
berrar nos olhos, e nasceram

com caneta ou vassoura foram
talvez em veículo qualquer passar
parar em papel, paragem sem sinal.

a máquina feita jornal, o homem
sócio do poeta, as palavras,
as palavras mecanizadas.

o trolha bateu à porta, pediu,
pão duro sem obstáculos
em poemas embrulhado

algumas observações sobre «DUAS NARRATIVAS» de Augusto Frade

por Gilberto Sancho

Acabam-se de ler estas duas narrativas de A. F. e logo nos surge todo o significado de uma sociedade alienada, que neste caso é a nossa.

A primeira das narrativas situa-se num ambiente familiar que, apesar do seu anacronismo, é ainda hoje vivo entre nós. Quanto à segunda narrativa o mesmo se poderá dizer. Aliás, dentro de uma generalidade, poderemos afirmar que a segunda narrativa reflecte toda uma alienação da nossa sociedade, numa perspectiva mais usual do que a primeira.

Portanto, falaremos primeiro da segunda narrativa.

Pelo título notamos logo que se tratará de qualquer coisa isolada, encerrada num mundo estranho, estranho porque desadaptado. «A Falsa» lembra-nos toda uma burocracia que se nos torna insuportável, revoltante.

Mas, será que poderemos analisar ou encetar uma análise do trabalho pelo título? Não será uma mera gratuidade?

As perguntas impõem-se-nos, face a uma liberdade de escolha nos títulos que, por vezes, encontramos em certas obras artísticas e da sua possível gratuidade em consequência dessa mesma liberdade.

É claro que falamos aqui em gratuito, no sentido de não ligado ao contexto. Contudo este título de «A Falsa» é como que o resumo de toda essa pessoa que é Artur.

E quando atrás se falou em burocracia, foi exactamente com a intenção de mostrar que «A Falsa» neste caso é um ser humano.

Mas trata-se de um ser humano que... há muito que descobriu que a humildade e a timidez são os «vícios» dele. E onde está o «vício» de todo este determinismo psicológico? A resposta dá-nos A. F. mais adiante... a mãe domina-o por completo como a todos, o dinheiro lá em casa sempre na mão dela... Poderíamos afirmar que

o assunto não é novo, que já «tem barbas». Com certeza que já muito se escreveu sobre toda essa problemática da nossa sociedade. Temos, por exemplo, um Sôcio Pereira Gomes, um Cardoso Pires, um Urbano Tavares Rodrigues, um António Reis, etc.

Apesar de tudo isso, qual o valor, qual a originalidade desta narrativa de A. F.?

Esse valor, essa originalidade estão no identificar-se Artur com essa pedra onde «limita-se a escrever a sua ficha... aliás escreve todos os dias sempre o mesmo...» porque ele é sempre o mesmo, ou seja nada.

E é nada porque a mãe é tudo. A mãe como que umbilicalmente ligada a esse «canto da arca, uma arca antiga...» que expressa a vida e a morte.

Reparemos, ainda, como a figura da mãe além do «ninguém se fie nos filhos, sugam o mais que podem e depois batem a asa, não querem saber...» consegue que Artur sofra uma evolução psicológica acentuada quando «...não apagou a pedra...» e «teve coragem para riscar o nome dos pais e pôr à frente uma nota: não tenho».

E dizemos que sofreu uma evolução porque sendo aquela pedra ele mesmo, esse nome dos pais via com ele, até à altura em que o riscou. Desapareceu assim todo o resíduo afectivo que poderia ainda existir no espírito de Artur. «...não tenho» é o grito final de libertação, o remédio para esses «vícios» que o determinavam.

Consideramos que A. F. conseguiu, e muito positivamente, perspectivar toda uma evolução psicológica da personagem. E dizemos muito positivamente porque cingiu-se a identificá-la com objectos inanimados, aos quais concede vida real e específica para a personagem.

E quando falamos em objectos inanimados referimo-nos, designadamente, às figuras da mãe e do pai

que não passam de meros automatismos.

Falemos agora de «A mulher do sr. António», narrativa que nos traz um sabor a Eça. E dizemos um sabor a Eça porque nela se retrata todo o burguesismo decadente das «famílias-bem».

Reparemos primeiro, na mentalidade da mulher do sr. António. Quais as suas preocupações?

«conhecia muito bem as regras de etiqueta», «...interessava-se muito pelo segundo casamento da senhora Kennedy...», «...era viúva... nunca lhe passou pela cabeça tornar a casar, ela, a primeira dama da região...», «...habitua-se a matar moscas...», «...o chá e os bolos...», «...queixava-se de que o dinheiro não chegava para nada, que os pobres já não precisavam de trabalhar nos campos...», «...estou cheia de malcriados...», «...tocou o telefone... com certeza uma amiga dos velhos tempos que quer conversa e ela aceita encantada...», «...falava do passado da amiga que lhe telefonou, uma das famílias mais distintas do Porto...».

Após esta transcrição fica-nos bem presente a classe social que representa esta mulher. Aliás, logo no começo da narrativa, A. F. nos fornece uma achega importante ao escrever «...vinha o Zé, o Totó e a Luísa, a tia do Zé e o marido...». Toda uma série de nomes que nos elucidam quanto ao ambiente onde se desenrolará a acção. Devido à sua singularidade, estes nomes caracterizam muito bem o género de reunião que se irá efectuar.

Mas voltemos ainda à mulher do sr. António. Quando atrás enumerámos as preocupações da mulher não nos referimos àquela que representa como que a síntese de todas elas — o sr. António. Logo no começo da narrativa, A. F. chama-nos a atenção para a importância do sr. António na vida da esposa ao dizer «...quando o António vivia naquela sala era o ponto

de reunião da sociedade da região...». Portanto a figura do marido continua presente naquela sala, naquela reunião. Reparemos até que A. F. colocou «aquela» entre aspas, precisamente para marcar bem essa existência do marido. A sala é aquela e não outra qualquer. «...se o António estivesse vivo o Arnaldo não ia ao queijo...», outra passagem bastante característica.

Ora a decadência da classe social insere-se, precisamente, nesta teimosia por parte da mulher, em querer viver à sombra do marido. A. F. tomou como exemplo a viúva inconfornista para realçar uma época social já ultrapassada há muito, por mais paradoxal que pareça, ainda existente entre nós. E por ainda existir é que esta narrativa tem valor e significado.

Tomemos agora as duas narrativas em conjunto e tentemos descobrir onde está o ponto comum. Resalta-nos a alienação social.

Na primeira, essa alienação é fruto de uma posição social que por ultrapassada se teima em manter. Na segunda essa alienação tem por base um deprivado.

Já que estamos a tomar as duas narrativas em conjunto e já que falamos em alienação social como ponto comum, não poderíamos deixar de referir o modo subtil como A. F. nos perspectiva, por um lado uma alienação que se mantém, por outro uma situação alienatória que é ultrapassada, alcançando-se, talvez, outro tipo de alienação.

Reparemos que em «A mulher do sr. António» os ETC finais dão-nos a noção de que a situação se manterá, enquanto que em «A Falsa» aquele «...não tenho» final indica-nos que determinada situação é ultrapassada, que outra se seguirá. E é neste encadeamento que notamos uma certa sincronização entre as duas narrativas.

quer dizer, a segunda como possível solução da primeira. É este possível que confere aos dois trabalhos uma continuidade e uma interpenetração admiráveis.

Tentemos agora detectar essas «pedras indispensáveis para uma construção pessoal...» (neste) belo exemplo de aprendizagem da realidade.

Parece-nos que A. F. se baseia nos seguintes dados para arquitectar o seu estilo: poder de observação, liberdade na construção da frase e uma adjectivação precisa.

Esse poder de observação revela-se-nos na maneira hábil como A. F. enriquece o ambiente, onde decorrem as narrativas, introduzindo determinadas expressões que nos «falam» da personagem no sentido da realidade.

A este poder de observação alia-se uma adjectivação precisa que nos é transmitida a partir de certos atributos ou características que A. F. acidentaliza à personagem central.

Trata-se, portanto, de duas características estilísticas, intrinsecamente diferentes. O poder de observação existe na sua «forma bruta» mas e apesar do espírito de criação o modelar, a utilização das expressões adjectivas, confere a essa observação de real o que no fundo se denomina realismo literário. E porque? Porque são elas que revelam não só quem é a personagem mas também o que é essa mesma personagem dentro de um contexto literário, social, económico, etc.

Por exemplo, na primeira narrativa, A. F. diz-nos o seguinte, referindo-se à personagem central «...mas depois de matar as moscas que estavam à mão e de exibir os tiques característicos batia com os dentes ou puxava o vestido para diminuir o decote...», «...interessava-se muito pelo segundo casamento da senhora Kennedy...». Temos, «...estou convencido que assim, aqui, dois exemplos nunca mais farão

que embora pareçam revelar apenas poder de observação, apresentam características diferentes. Reparamos que o segundo é, precisamente, um exemplo de expressão adjectiva, intrinsecamente diferente do primeiro, que revela apenas poder de observação.

Na segunda narrativa o mesmo se poderá dizer e exemplificar com «a... primeira coisa que viu foi a mesa posta...» e «...não se atreve a fitar ninguém nos olhos...».

A liberdade na construção da frase, em qualquer das narrativas é bastante evidente. Repare-se que A. F. utiliza uma pontuação que poderíamos denominar de «psicológica», ou seja, de acordo com o carácter realista que é necessário implantar no contexto. Assim, aparecem-nos as vírgulas, os pontos, as exclamações, os travessões, naquelas alturas onde talvez não esperássemos.

E para terminarmos no «Atenção a...» de Afonso Praça lemos a certa altura «O estilo precisa (ainda) de mais trabalho...» e achamos correcta esta observação, pois parece-nos que em A. F. o estilo não se encontra ainda bem delimitado, devido, essencialmente, à introdução de certas expressões que consideramos um pouco desadaptadas no contexto, como por exemplo na primeira narrativa «...eu era bem educado e sabia comer com ela à mesa, entre doutores, porque ela me tinha ensinado e também me tinha ensinado outras coisas sobre mulheres, a experiência que ela tinha!».

E damos este exemplo porque mais adiante e na mesma narrativa A. F. escreve «...eu aproveitei a pausa para lhe servir o chá, eu sim, que era educadinho, vê-se logo que tinha tomado chá em pequena, mas devia-lhe muito a ela...». Outro exemplo ainda encontra-se na segunda narrativa na expressão «...aí o ano passado da escola...» ou neste aparte «...hora Kennedy...». Temos, «...estou convencido que assim, aqui, dois exemplos nunca mais farão

O AMOR

por José Henrique S. Barros

O amor está em mim feito
Palavra.

Vêm correndo devagar pela noite fora e bate,
bate ao de leve, depois com força à porta
do poema.

O amor ascende pela boca e entrega-se
o amor

marca em chamas os caminhos que ousamos pisar
quando se aproxima a madrugada. É assim que
na nudez primitiva das trevas, o amor
se revela se mostra.

O amor mexe com o sangue e as veias
que abalam a consciência do deus da criança do
(sorriso)

e traz uma filosofia que se colq ao corpo e
se estende se excita
pelas árvores

que crescem. Raízes e garrafas e maçãs
pendem

do mundo impaciente que o amor envolve.

O amor não tem alma nem usa luto
quando escoraçado pelo sangue do fruto
de gerações antigas, quando
cai em abismos verticais e cheios de cascas.
O cansaço espreita o amor e cinge-o
nos ossos agudos e seculares que se
demoram, e rompem e rasgam
os olhos cegos de paixões em cachos.

RECEPÇÃO

por Alice Vassalo Pereira

M. GIRALDES (Lisboa) — Parece-me que a prosa é o caminho mais indicado para ti. Os poemas são bastante fracos, muito a perder para a tristeza artificial (convença-te de que não é por falar em tristeza que um poema pode exprimir a verdadeira tristeza do autor...). O conto também não é nenhuma maravilha, mas se continuares a trabalhar — tens tanto tempo ainda para isso — poderás escrever contos com real interesse.

R. RODER (Sacavém) — Digamos que, por enquanto, estás em rodagem... Tanto os poemas como o conto querem dizer muita coisa e não lhes chega a boca para tanto... Seria muito útil para ti a leitura dos nossos poetas contemporâneos. Conheces a poesia de Sophia de Mello Breyner? Ou a de Herberto Helder? Ou a de António Reis? É claro que estes são apenas um exemplo, três nomes que por acaso me vieram à ideia. Mas há tantos outros! Vai escrevendo e dá notícias (mas não escrevas a encarnado porque isso levanta muitos problemas na tipografia).

MARGARIDA DE PAIVA (Lisboa) — Embora ainda com algumas falhas (pouca experiência? Pouca idade?

de? Que laconismo este...) O teu conto tem interesse e gostava de ler mais coisas tuas. Peço-te, no entanto, que des mais algumas informações, ou antes, que des informações para eu poder ficar a saber um bocadinho mais de ti. Assim se podem conhecer os amigos! Estás a ver o que seria eu andar à procura de uma Margarida de Paiva por toda a cidade, se tivesse alguma coisa para lhe comunicar? Fala-me, pois, um bocadinho de ti e escreve quando quiseres.

TÓYA BARROCOSO (Setúbal) — Claro que podes colaborar no «Juvenil». Se os teus trabalhos tiverem qualidade, serão publicados. Nessa altura te direi qualquer coisa.

J. DA COSTA (Lisboa) — Ainda estou para saber por que razão gostei do teu poema... Analisando-o bem eu até lhe consigo encontrar certos defeitos, muitos lugares-comuns. De qualquer modo há qualquer coisa que nos prende à sua leitura. Portanto cá fico à espera de mais trabalhos. Quanto à colaboração com o «Panorama» podes mandar à mesma para o «Juvenil» mas endereçado ao «Panorama».

ESTE É O TEU NOME

(poema segundo)

por Carlos Gouveia Pinto

Estendo a tua face
sobre a cidade
ainda húmida
da chuva que caiu
e espero que o calor
me sufoque
como um rio
e chamo-te pedra ou
casa ou flor
porque esse é o teu nome
o nome que dou
ainda hoje

MARTINHA COM GATOS, LÍNGUAS E TUDO

O único barulho estranho naquela casa era o miar dos gatos. De resto, tudo era silêncio, um silêncio fantasma de pedra tumular. Era ali que vivia a velhota. Devia ser velha. Eu nunca a vira, crescera ali no prédio, junto a mim, paredes-meias, mas nunca, ou melhor vi-lhe um dia uns pelos brancos a espreitar na frincha da porta. Mas hoje duvido se eram dela ou de algum gato que tivesse ao colo. Chamava-se Martinha, de seu nome completo — era solteira. Que eu saiba, devia ter nascido com o prédio, construída pouco a pouco por um pedreiro mal treinado. Ainda me lembro, descia a escada a correr, uma fatia de pão com doce, os olhos ensonados a chorar, mas tinha sempre tempo de lhe encostar o ouvido à porta e deitar a língua de fora. Era assim que imaginava a vizinha. Rodeada de gatos, pantufas de feltro e chapéu na cabeça. Sentada junto a janela que dá pra rua, agarrava com quantas forças tinha, o sol que batia na fachada. Era por isso que durava tanto a bailar teimoso nas folhas da tabuada. Maldita velha! Agora vou mudar para ali, o sol já está a fugir. Vá aproveitem também. Faz-lhes bem ao pelo. Vá, pro colo quiduchó. Quiduchó! Era capaz de mandar vir um grosso carapau no cesto que atirava pela janela, mas nunca foi capaz de dar uma carcaça a um pobre. Eu dei-lhe sempre dois tostões, e do meu mealheiro; carcaças não, deixava-as no patamar, queria-as antes comprar na taberna da frente. Enfim são gostos... Lá em casa não gostavam que eu lhe chamasse velha e, um dia que a ouvi ralar com um dos gatos, por ter arranhado o seu irmão, cheguei a casa

«oh mãe, oh mãe, a maluca da velha aqui do lado...» mais nada, dois estalos soaram no ar. «já te disse que não é assim que...» e o resto já sabem. Maldita velha, malditos gatos, maldito tudo. E sai, porta fora a chorar. Nunca a minha língua foi tão grande como naquela manhã. Era um homem quando voltei. Martinha morrera mas ninguém viu sair o cortejo. Sério que sinto a falta dela. Pelos vistos sou o único. Minha mãe tem agora um casal jovem por vizinho. O senhorio aumentou a renda quase ao dobro. E ainda hoje a procuro pelas ruas numa desculpa de línguas de fora, que as línguas de gato que bocejam no quintal, (vá lá a gente comparar os laços de seda engomada com cordas molnadas de roupa estendida me fazem lembrar.

POEMA (para a Leonor) UM AZEVEDO

por Vítor Oliveira Jorge

por Diamantino Monteiro da Silva

partindo te deixo um poema
como te poderia deixar uma maçã.
pois para que parta é preciso também ficar
em algo redondo, num ovo
ou num poema que arredonde o manhã.

A CHUVA, O CHÁ

por Luís Augusto Soares Lopes

Chove. O pequeno marçano escondido sob a saca de serapilheira feita para vedar mas que não veda, corre pela rua.

As velhas tagarelam. O chá está quase pronto.

Chove. Folhas mortas voam levadas pelo vento brincalhão.

As velhas tagarelam. O chá está quase pronto.

E há gente com a sopa ao lume que vem ver a chuva e queima a sopa e o pequeno marçano chora porque a rua não tem fim.

As velhas tagarelam. O chá está quase pronto.

O Azevedo? Bom, o Azevedo é a bola de pingue-pongue que de manhã é empurrada pela mulher para o escritório, ao melodia do patrão para a mulher, desta para o patrão, que às 6 horas lhe dá o toque final que o leva direitinho a casa. Anda nisto há uns vinte anos.

Noutro dia, quando o patrão chegou mal disposto, chapou-lhe na cara com umas páginas dactilogradas, que caíram até ao chão, donde o Azevedo, mudo, as apanhou, para as ordenar e pôr sobre a secretária. Tudo isto perante três «atarefadas» meninas, dois outros colegas e o olhar dum rapazito que era pau para toda a colher e a quem o Azevedo dava umas bofetadas. Mas o papel de chefe de família impunha-se a umas tantas coisas que o patrão merecia ouvir. Bolas, o Azevedo sempre tem mulher e dois filhos, mas principalmente a mulher que não gosta de caprichos.

Mas o Azevedo tinha que arranjar uma compensação, e principiou com um safanão no tal rapaz por estar feito basbaque a olhar para... etc, marcou autoridade, depois arrepa-

nhou uns papéis e dirigiu-se às escadas que levam à cave, lugar da oficina, onde está aquela cambada de inferiores que só discutem futebol; que não lêem os artigos suplementares do jornal; que não conhecem a política municipal e só sabem refilar por aumento de ordenado. Faz o patrão muito bem não lhes dar nem mais um tostão. Agora ele, que entrou para aquela casa com o 2.º ano comercial, soube adquirir um todo de cultura (por jornais e «polícia» digo à guisa de informação das fontes), como nenhum outro havia lá dentro e arredores!

Porque o Azevedo não vai ao futebol. Devora novelas policiais e ao domingo leva a família à missa.

Chegou à oficina. Começou a distribuir os papéis e a dar informações que não lhe pediam com um sorriso gozão-superior, que tomava forma de advertência imperativa a um ou outro a quem já tinha apalpado o pulso.

Após esta ronda, mais aliviado, mais restabelecido, sobe até ao escritório onde abre a porta e a passagem ao patrão com um: Faz favor senhor... todo sorrisos, todo mesuras.

POEMA

por Manuel Ribeiro Santos

descia a calçada
inventava um pôr do sol lá para as bandas da cidade
havia sempre um local com a inclinação prevista e ponderada
onde parava
então o sol caía-me de cima
enchia-me os olhos
nos dias de chuva como não houvesse sol
e o musgo estalasse sob os pés
fazia como o arminho
«aproveitava esta inércia positiva
provando que $E=mc^2$ »
apesar dele ser um sujeito estranho
sem gestos e mãos a mais

talvez por fazer isso diariamente
estranho-me sentado num café tardio e seculento
no fim de uma rua estreita e com prédios verdes
junto ao rio
com cacilheiros a apartarem vagamente ao meu largo
defronte de um copo vazio de laranjada
e uma garrafa verde
com outro rosto ao lado e à frente
cinzento da chuva que escorre na intimidade transparente dos vidros
onde me encosto mas
«dos rostos já nem os rostos»
como escreveu o arminho numa tarde sem sol num café da baixa
a cheirar a literatura e revolução francesa
em ruínas

por Fernando Manuel

- 1 — Não foi no autocarro
mas podia muito bem
ter sido. A ti-qualquer-
-coisa vende castanhas
assadinhas quentinhas
baratinhas mas podia
muito bem vender limões
dois dois tostões.
O caso é que eu estava
cansado parado em qual-
quer sítio ali próximo da
esquina espinha da ou-
tra rua.
Não foi no autocarro
não senhor senhor.
Foi aqui ali.
- 2 — Não fazia chuva nua va-
a. Não era rugada dru-
gada madrugada.
E eu sentia-me cansado
desdobinado desdobrado.
A desdobragem dos ges-
tos restos rectos éthikós
que não habitam habi-
tações nem têm habita-
ções como o Lusinho-
-da-farmácia-filho-do-
-sôdator-lá-de-coimbra-
-que-é-um-grande-ponto.
Não foi absolutamente
au-to-car-ro não.
Foi cá-lá.
- 3 — Não foi no autocarro
arro mas podia lá muito
bem ter sido ido.
Eu estava cansado.
Disse digo e repito: can-
sado!
Mas não foi no auto-
carro.
A gente sabe lá: onde as
coisas podem acontecer
acontecem!
Acontecem tantas coisas
que a gente gente dez-
-reís de gente passa o
pente sente só dói o
dente e não recorda. Re-
corda corda que tudo
rebola bola e não se
fixa.
- 4 — Não foi no autocarro.
Sentia-me cansado.
Esperava o mim assim
tal qual. Um i apertado
entre 2 êmes lemes.
Esperava assim.
Esperava por mim.
Mas não foi no auto-
carro não.
Foi aqui ali ali lá.

CARTA

por Diamantino
Monteiro
da Silva

Olá mãe.
Eu
estou bem.
Tu
é que já não és
a imagem enganada
de bondosa deusa imacu-
[lida].
Desde tempo de adjetivos
hoje...
não resta nada

Olá, mãe...
eu não queria.
Foi o saber
que te olhava dia a dia
a dissecar.
A nitidez
a magia do fez.

Olá mulher
como disse Cristo.
Vê, mãe
que não mais és do que
[isto].
Mas não há diálogo, eu sei.
havia distancia sob as mes-
[mas telhas].

Mas, mãe
não é ingrato
quem arranca as máscaras
[ao trato]

Olha agora.
Estou bem
já sou livre.
já sei eu.
Edipo já morreu.

UM HOMEM QUE VIVIA EM SOCIEDADE

por Jorge Massada

um homem que vivia em sociedade
vestiu-se de cravo na lapela.

mas vestiu-se de cravo na lapela
um homem que vivia em sociedade?

Não.
Vestiu-se em sociedade um homem
que vivia cravo na lapela.

ÚLTIMA NOTÍCIA

por Vítor de Sousa Ilharco

a cidade onde se fabricam livros
e só tem actos heróicos a contar
está vazia de monumentos.

tem multidão.

o presidente da câmara
já disse:
«se os monumentos são
consagração de heróis
a nossa cidade tem
um monumento em cada habitante».

e os garotos da escola
continuam a pedir
pedras para estudar.

A CIDADE

por Mário Rui Cordeiro

os anos lentamente nos
trouxeram as casas com
que formámos a cidade

1. a cidade ondulado-se
na noite nos olhos das pes-
soas que passam batendo
com os sapatos engraxados
nas pedras da calçada a ci-
dade apertando nas mãos
esperanças e ilusões silen-
cio e barulho choros e gar-
galhadas. há tudo na ci-
dade.

no interior dos cinemas
vêm-se filmes há rostos
volvidos na escuridão ros-
tos encaixados no corpo das
pessoas que trazem casa-
ções e gabardinas pendura-
dos nos ombros porque é
inverno e as pessoas pro-
curam abrigos para sonha-
rem a vida e descem esca-
das que comunicam com
caves caves onde se joga
bilhar e se fuma e se lê o
jornal e se enche a boca
com o sabor da bica quen-
te bastante quente.

os rostos que habitam es-
tas caves são tristes e lon-
gínquos devoram cigarros e
atiram o fumo para o ar
como se atiram para a rua
todas as manhãs e dizem
que a vida é uma porcaria
que nunca deviam ter nas-
cido que isto que aquilo
mas quando entram nas
ruas caminham depressa
pousando os pés em qual-
quer sítio e não cantam e
olham o chão esquecem a
noite esquecem que a noite
é fria que é inverno.

é a cidade a comer o in-
verno a escrever poemas
nas paredes geladas das
ruas estreitas dissolvidas
na noite porque é a noite
que apetece pensar no ama-
durecimento no rumo que
temos de dar às nossas
mãos.

a cidade não tem nome mas
tem sangue tem árvores
tem vida tem palavras e é
o que basta para ser ci-
dade.

e a noite avança as crian-
ças há muito que adorme-
ceram e os pais envelhecem
ao serão e pensam que a
cidade continua sempre que
nunca acaba a cidade.

2. mas a manhã, eis que
chega e trás lembranças na
carne e guitarras no san-
gue e pouca algas nas mãos
das pessoas ainda com res-
tos de sono nos bolsos das
calças com os vinhos bem
vincados. eis que chega a
manhã o sol o cheiro a ga-
solina dos carros que atra-
vessam a praça. eis que
chega a manhã e o que pre-
cisa de ser dito e o que
precisa de ser pensado.

cordas existem cordas espa-
lhadas pela cidade todas as
ruas têm cordas e cada
corda possui o som dum
búzio que lembra o mar o
mar tão longe desta cidade
o mar tão perto desta ci-
dade o mar que é amor e
amor com que se constroem
também pertence ao sangue
claustros os claustros que

emolduram o céu o céu azul
e com nuvens o horizonte
com montes e com árvores
a cidade com palavras e
com rostos.

e a manhã existe fresca a
nascer nas paredes nos fa-
tos das pessoas e gera ecos
que se consomem devagar
devagar como o sol amorna
os telhados com orvalho as
ruas com vozes vozes que
crescem e sufocam com as
suas garras fortes o silêncio.
vemos a cidade está de vo-
zes de vozes ah as vozes que
alimentam os coros das gui-
tarras e existem carrega-
das de azul perto dos in-
cêndios das esperanças que
esmagam estátuas e po-
voam fronteiras.

mas nós? nós ah nós passa-
mos pensamos não pensamos
em grades não nem sequer
em rochas não há rochas
nas manhãs sim nós ouvi-
mos o vento as orações que
rebatem nas manhãs nós
deslizamos para o rio que
encheu bastante com estas
chuvas nós colocamos o
nosso cheiro nas encostas
do monte que gerou a ci-
dade e rebolamos pela erva
orvalhada.

lá em baixo corre o rio e
há a ponte os barcos pas-
sando por baixo. nós nós
sentimos a força do rio do
rio a rebolear-se pela ma-
nhã e pensamos que o rio
também pertence ao sangue
da cidade.

POEMA

por Luís Vieira
da Luz

O perfume da Rita sabe a
alicerces, porque Rita é
cidade descoberta.

Rita é pois cidade, e
também distâncias mais
pequenas

A PALAVRA COMO UM RUMO DE LÁBIOS

por Jorge Alves da Silva

a palavra como um rumo de lábios
a correrem loucos e case
construção de silêncios armados
de ferrugem de brilho

a palavra a cair como sorro
a começar pelo chão um dedo
um voo de ave um outro
nome para a parede o prédio

a palavra por lavrar a terra
por abrir sementes ao fruto
algos ao mar só um modo
organizado de saliva nos dentes

a palavra a dizer imóvel
o sangue que move em viagem
uma ontologia de gestos
clandestinos se feire

a palavra a dizer alta e sono
curvando interna a arma a
inclinir e espelhar se cura
pelos olhos um rumo de lábios

MONOFOBIA